



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

**A geração digital espelhada nos *blogs*:
combinações e imagens.**

Marilene Alencastro da Silva

Florianópolis, janeiro de 2010.

**A geração digital espelhada nos *blogs*:
combinações e imagens.**

Marilene Alencastro da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE – da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação (Linha de Pesquisa: Educação e Comunicação).

Orientadora:
Professora Dra. Araci Hack Catapan

Florianópolis, janeiro de 2010.

Marilene Alencastro da Silva

**A geração digital espelhada nos blogs:
combinações e imagens.**

A comissão examinadora aprova a dissertação de Mestrado elaborada por Marilene Alencastro da Silva, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Florianópolis, janeiro de 2010.

Comissão examinadora:

Professora Dra. Araci Hack Catapan (Orientadora) – UFSC

Professora Dra. Beatriz Helena Dal Molin - UNIOESTE

Professor Dr. Josias Ricardo Hack - UFSC

Professora Dra. Martha Borges – UDESC

Suplente Dulce Márcia Cruz - UFSC

ALENCASTRO, Marilene. Dissertação de mestrado: **A geração digital espelhada nos blogs: combinações e imagens.** Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

RESUMO

A pesquisa busca estudar o uso dos *blogs* como práticas de interação, cognição e comunicação e como foco temático para problematizar a educação na rede. A tentativa é perceber a produção de sentido no imaginário, nas imagens e nas escrituras disponibilizadas pelos jovens nestes espaços virtuais e como podem se tornar possibilidades de práticas pedagógicas de educadores mediatizados pelas novas tecnologias de comunicação. A tentativa é analisar as práticas que se constituem em pontos de visibilidade de processos de estruturação de práticas públicas e privadas. Este estudo busca perceber as brechas, as fendas, os pontos de tensão e de ruptura para além de uma prática despreocupada de também passar o tempo, mas de uma prática ética, estética, política e cultural de jovens deste tempo que buscam nas mídias eletrônicas uma forma de inscrição de marcar o seu tempo, de estar no mundo.

PALAVRAS - CHAVE

Blogs, jovens, práticas políticas.

LINHA DE PESQUISA

Educação e comunicação – ECO

ALENCASTRO, Marilene. Dissertação de mestrado: **A geração digital espelhada nos blogs: combinações e imagens.** Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ABSTRACT

This search aims to investigate the use of blogs by young people. For the study, we selected ten young bloggers aged between 16 and 23 years old. The research with blogs shows that the imaginary of these young presents a feature of political engagement and interactive action into the context of universal communication. It reveals into a tangle of images, icons and faces, a feature of a youth that denies the crystallized concept that the digital generation is alienated or apolitical. Thus, by following the blogs, it was possible to notice the gaps, the cracks and the points of tension and disruption, because, apart from the carefree activity of also spending the time, we see a political and cultural practice of young of this time, who find in blogs a form of access, a way of being part of the world. It is about this plateau that we write.

KEYWORDS

Blogs, young and political practices.

LINE OF SEARCH

Education and Communication - ECO

Nietzsche (2006) alerta-nos que “são cada vez mais raros aqueles que nos auxiliam a subir em montanhas sempre mais altas”. Assim, é fundamental agradecer a minha Orientadora, Professora Dra. Araci Hack Catapan, que carinhosamente me escolheu, entre tantos capazes, para a difícil tarefa de galgar entre-lugares cada vez mais íngremes. Fico profundamente agradecida pela sua generosidade.

SUMÁRIO

1. Introdução	
1.1 Reconhecendo as inquietações.....	05
1.2 Avistando paisagens e escolhendo facetas.....	08
1.3 Identificando interlocutores.....	10
1.4 Definindo caminhos e arriscando percursos.....	24
1.5 Marcando o trajeto.....	38

CAPITULO I

2. Imaginário de jovens: Um caleidoscópio em três dimensões	40
2.1 Primeira dimensão: faceta histórica.....	41
2.2 Segunda dimensão: molduras da mídia.....	49
2.3 Terceira dimensão: faces reais e virtuais.....	62

CAPÍTULO II

3. Blogs em cartografias contemporâneas	86
3.1 Do anonimato dos hieróglifos aos <i>blogs</i> multifacetados	87
3.2 Astrolábio virtual: o tempo e o espaço ressignificados no mundo digital.	96
3.3 A vida no <i>reality</i> show.....	104

CAPITULO III

4. Conformismos e rebeldias: um oceano com muitas ondas	123
4.1 Da revolução ao <i>surf</i> : os muitos modos de habitar o presente	124
4.2 Novas mundanidades.....	132
4.3 Considerações finais.....	140
5. Referências bibliográficas	148
6. Anexos	161
6.1 Entrevista.....	161
6.2 Endereços dos <i>blogs</i> pesquisados.....	162
6.3 Páginas dos <i>blogs</i> pesquisados.....	163

1. INTRODUÇÃO

Pensar sobre um problema da juventude como um espaço específico, concebido como lugar praticado, caracterizado pelo movimento e pelas relações frequentemente efêmeras, mas, ao mesmo tempo, melancólicas, intensas e divertidas, é o que pretendemos nesta introdução. Um território no qual nos projetamos através de certas familiaridades e fantasias, onde “às vezes nos reconhecemos, e, noutras, constatamos que jamais poderemos revisitar”. Falando de heterotopias¹, Foucault (2001), historiador da descontinuidade, refletiu tratarem-se de espaços que merecem atenção.

Espaços da nossa impressão primeira, o de nossos devaneios, o de nossas paixões, possuem, neles mesmos, qualidades que são como intrínsecas, é um espaço leve, etéreo, transparente, ou, então, é um espaço obscuro, pedregoso, embaraçado: é um espaço do alto, um espaço dos cumes, ou é, pelo contrário, um espaço do limo, um espaço que pode ser corrente como água viva, um espaço que pode ser fixo, imóvel como uma pedra ou como um cristal (p. 413).

Em outro texto, o mesmo autor referiu-se, também, a um outro espaço, um lugar que desperta uma intensa curiosidade, porém uma curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: “de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (Foucault 1997:13). Assim, tentamos sobrepor os espaços físicos e materiais, como cartografias de lugares vividos ou imaginados, a perigos e aventuras, caminhos e derivas produzidos pelo conhecimento e pela curiosidade.

Em tese, o “correto” seria seguir as trilhas que indicam os caminhos percorridos pelos pares, nesse outro lugar que se

¹ Michel Foucault chama de heterotopia os “espaços diferentes desses outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço em que vivemos” (2001: 416).

chama Educação. Como não se apaixonar pelas reflexões que povoam os territórios da alfabetização, da repetência, da evasão, da avaliação, do currículo? Como ousar percorrer caminhos por lugares desconhecidos ao escolher assuntos que aparentemente seriam campo de discussão de sociólogos, historiadores ou antropólogos?

Talvez a única explicação seja a curiosidade investigativa pela qual somos atraídos em algum momento da vida e que lança os indivíduos, de certa forma, para fora de seu território ². Deleuze escreve que

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI e ROLNIK, 1986:323).

Sentimos a necessidade de sair do sempre “o mesmo”. É Foucault, quem nos ajuda a confirmar esta vontade de tomar outra direção quando escreve, pois

existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou refletir (1997:14).

² A noção de território, tal como define Guattari (1986) aqui é entendida *num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos* (GUATTARI e ROLNIK, 1986:323).

1.1 Reconhecendo as inquietações.

Na temática da juventude e, mais especificamente, no imaginário dos jovens, a curiosidade encontrou motivação suficiente para caminhar por esse território, pelo qual todos passamos um dia e ao qual desejaríamos retornar em algum momento da vida, pelos mais diversos motivos. Assim, fruto de aproximação e diálogos de uma educadora com os fenômenos do tempo presente, as reflexões aparecem na tela das preocupações educacionais, da comunicação, das tecnologias da comunicação digital (TCD)³ e da história das sensibilidades e percepções. Tal afinidade com a história da contemporaneidade também se mescla às perspectivas de uma educadora, mãe de jovens, interessada afetiva e intelectualmente por esses protagonistas. Afinal, como deixar de observá-los se moram na mesma casa e estão inseridos cotidianamente pelos espaços do *shopping*, da publicidade, da praia, das ruas, da universidade ou nos projetos sociais onde atuamos?

Mais especificamente, o interesse surgiu a partir do momento em que constatamos que já virou mania entre os jovens deste tempo o uso dos espaços virtuais para a comunicação, lazer, pesquisa ou apenas passar o tempo. A *web* democratizou a comunicação para um segmento da sociedade que tem acesso a *www*, via *site*, *orkut*, *blog*, *e-mail*, lista de discussão e comunicadores instantâneos. A gratuidade da maioria dos provedores pode ser a estratégia facilitadora para acesso e adesão de tantos usuários. Para se ter um *blog*⁴ ou ser um *blogueiro*⁵ só é preciso escolher um provedor, disponibilizar textos curtos e algumas fotos e, na medida do desejo, ir

³ Esta definição foi elaborada por Araci Catapan, em sua tese de doutorado realizado no Programa de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, com o título *TERTIUM: o novo modo do ser, do saber e do apreender* (2001), para designar as novas formas de informação e comunicação com base na linguagem digital. De agora em diante no texto: TCD.

⁴ Espaços virtuais para colocar fotos e textos que podem ser acessados por qualquer usuário que tenha acesso a internet. São elaborados, por exemplo, utilizando *softwares* como o Wordpress e/ou Blogspot.

⁵ São indicados como blogueiros aqueles que mantêm um *blog*, neste caso os nossos pesquisados.

substituindo-os periodicamente. Talvez seja por isso o grande sucesso dos *blogs* na rede mundial.

É preciso considerar que os conectados, no caso os jovens, principalmente, fazem parte de uma minoria privilegiada, mas o número cresce a cada dia. A rede, em forma de espiral em ascendência, mostra a potencialidade desta tecnologia. Assim, quando pensamos, por exemplo, numa ferramenta como o hipertexto, Lèvy (2000) nos mostra que a possibilidade é uma “rede/teia” ou conjunto de nós ligados por conexões.

Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular, sem fim.(LÈVY:2000.24)

Navegar, portanto, adquire uma dimensão desproporcional a qualquer outra coisa que se imagina. Navegar significa desenhar um percurso qualquer em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó, por sua vez, pode conter uma rede inteira.

Por outro lado, também ouvimos um discurso muito frequente dizendo que “os jovens desta geração estariam preocupados somente com o umbigo, identificando-os como céticos em relação a tudo” (COSTA, 1999; KANITZ, 2001; MATHEUS,2002). Seria uma geração de jovens individualistas, que não escrevem, que não se comunicam, que não participam da vida pública e que passam horas em frente ao computador, indiferentes, alheios ao mundo que os cerca.

Mark Bauerlein (apud Maicon Tefen: Caderno Donna: 2008.18) escreveu um livro com o título: *The Dumbest Generation*, em português *A geração mais idiota*, no qual discute como a era digital “embasbaca os jovens americanos e põe em risco o futuro”.

Os argumentos do autor do livro estão resumidos em quatro tópicos:

1. Mesmo com acesso a uma quantidade de informação, os jovens não sabem como selecionar, contextualizar e aplicar a avalanche de conhecimentos do dia a dia;

2. Os jovens leem cada vez menos;
3. Apesar da abundância de informações superficiais, os estudantes não conseguem mais organizar raciocínios complexos;
4. Com a facilidade da tecnologia, nossa memória fica preguiçosa, resultado: não conseguimos reter conhecimentos mais amplos e essenciais. (Donna: 2008.18).

Acredita-se que este seja um julgamento aligeirado a respeito desta geração.

Estas são colocações não muito diferentes daquelas que ecoam pelas escolas de ensino médio, pelas universidades, pelos partidos políticos, nas famílias e assim sucessivamente. No entanto, por mais que se afirme que os jovens estão alienados, apáticos perante a vida ou indiferentes aos problemas deste tempo, acompanha-nos dúvidas e desconfortos produzidos pelas premissas que insistem em retratar e naturalizar um tipo de jovem, concebido como alienado, apático, individualista, despolitizado ou idiotizado pelo uso da internet. Certamente essas desqualificações sejam concebidas mais pelos olhos e ou expectativas de quem os vê do que por eles próprios.

A opção por estudar a temática da juventude, ao invés de ficar indiferente ou reforçar essas posições, consiste num caminho que julgamos necessário, enquanto pensamos essa construção que se visualiza pelas mais diversas instituições, inclusive educativas. Trata-se de procurar desnaturalizar as críticas que se entrecruzam nos conformismos e nas rebeldias alojadas no imaginário contemporâneo, produzido por e para um contingente urbano, escolarizado e plugado. Nosso olhar busca pensá-los para além do senso comum, daquilo que é reforçado em colocações convencionais, generalizadas e estereotipadas, superando esse perfil do jovem individualista, apático, despolitizado, idiotizado ou alienado politicamente, perfil construído de forma homogênea como sendo uma característica de jovens de nosso tempo. A temática deste estudo remete ao imaginário de jovens e a sua atividade na elaboração dos *blogs* e convida pesquisadores, educadores e pais a perceberem tais jovens na vida pública, a partir de suas colocações, suas sensibilidades e seus esforços simples para buscar novos modos de estar e de se comunicar no mundo.

Assim, e a partir disso, a curiosidade tomou corpo para pensarmos quem são os jovens da contemporaneidade e como eles se colocam na esfera pública a partir da elaboração dos seus *blogs*. A idiotização, alienação, indiferença, de fato, existem?

Aos poucos, os protagonistas desta pesquisa foram se constituindo pelos contornos urbanos, marcados pela mídia, por informações em tempo real e pela lógica do consumo, valores que fazem com que as escolas/universidades públicas ou privadas reconheçam a necessidade de apropriação de conhecimentos institucionalizados para obter melhor colocação no mercado de trabalho. Enfim, jovens em tempos de globalização, que presenciam o esboroamento das fronteiras geográficas e ideológicas, testemunhas de um tempo de mudanças velozes e de experiências instáveis em todas as dimensões da vida, em proporções jamais pensadas.

1.2 Avistando as paisagens e escolhendo facetas.

Antes de prosseguir, convém lembrar que, concebendo a juventude como uma experiência histórica e socialmente definida, cujas fronteiras biológicas e cronológicas estão também limitadas por telas culturalmente elaboradas, podemos inferir que nunca as imagens sobre juventude se alastraram por tantos territórios como na atualidade. Reconhecendo a juventude como objeto de inveja, desejo e cobiça, o *marketing* e a mídia souberam explorar este tempo de ser e de estar jovem. A indústria do *botox* e dos cabelos tingidos nos mostra que quase todos querem remogar, rejuvenescer, e a estética cultural da nossa época tem no corpo jovem o modelo ideal de moda e de costumes. Paralelamente a isso, a rebeldia que inventa a transgressão é inspiradora e modelar, e os adultos cultuam o território juvenil para além de uma faixa etária e passam a representá-lo como um estado, um território, ou seja, uma espécie de heterotopia.

Esse território cronológico, por um lado, é uma etapa biológica marcada pela transitoriedade, pela efemeridade, ou seja, não se refere mais à infância, mas também não é a idade adulta, nem ainda a maturidade. Por outro lado, é bom não esquecer que esse território cronológico não é como um rótulo impresso que pode ser colado do mesmo modo e

obrigatoriamente para todo mundo. Esse território possui variações históricas, pois, em algumas sociedades, parece não existir juventude como um período, o que pode ser exemplificado na cultura indígena, em que o silvícola passa diretamente da infância para a vida adulta. Existem, também, as variações econômicas, nas quais o conforto ou o desconforto da situação financeira das famílias será fator determinante para alongar ou encurtar a juventude de seus membros. Nesse sentido, é provável que o menino ou menina que vive numa família com menos posse não tenha asseguradas as mesmas possibilidades, por exemplo, que tem o menino ou menina da família rica, a qual poderá sustentá-lo até o final de seu percurso universitário.

As variações históricas também podem ser consideradas na dimensão da aparência, como é o caso das fotografias que retratam os imigrantes no início do século XX. Na maioria das vezes, percebemos que a aparência não condiz com a idade que hoje indicariamos como sendo a de jovens. Parte dessa concepção chega até Sartre, que não gostava de parecer jovem, pois, afinal, isso não lhe dava a credibilidade necessária em relação aos seus conhecimentos. “Os retratos de Sartre, Raymond Aron e Simone de Beauvoir, aos vinte anos de idade, mostram a pose grave com a qual seus modelos pretendem dissipar qualquer ideia de imaturidade” (SARLO: 2000.37). Hoje, ao contrário, existe uma necessidade de se mostrar jovem, de ser jovem.

Tais considerações se destinam ao entendimento de que tal território é variável, uma vez que essas mesmas efemeridades e transitoriedades também estão inscritas num território simbólico, podendo se considerar jovens os *teens* de quatorze a vinte e quatro anos; porém isso vale para uma classe social determinada, para uma época específica, para um universo particular. Assim, essa classificação, mesmo que aparentemente seja cronológica, está revestida de significados culturais, sentidos específicos que ligam a visibilidade do corpo biológico à invisibilidade de certos atributos que extrapolam e variam. Como exemplo desta questão, poderíamos citar meninas que viveram no século XIX e que, aos treze, quatorze ou quinze anos, eram consideradas aptas para a maternidade e o casamento, sem que se problematizassem questões referentes à maternidade precoce ou a imaturidade para a vida conjugal. É, também, curioso assinalar que nos anos 60, década por excelência dos cânones

da contestação e da rebeldia ocidental, a questão dos jovens encontrou seu auge, colocando em perspectivas culturais e políticas os protagonistas dessa faixa etária, sendo precisamente nessa mesma década que se destacaram inúmeros estudos teóricos no campo da Psicologia, da Antropologia e da Sociologia sobre a puberdade e a adolescência.

E hoje, como se constitui a identidade do jovem deste tempo? Quem é esse jovem? Este estudo pretende sinalizar o perfil do jovem da contemporaneidade.

1.3 Identificando interlocutores.

Na atualidade, entre os teóricos sensíveis aos assuntos que tratam da juventude, abordando questões que vêm preocupando pais, professores, políticos, sociólogos e juristas, encontram-se autores como Abramoway (2005), Dolto (1990), Melucci (1996), Buratto (1998), Waiselfisz (1998), Diógenes (1998), Silva (1999), Costa (1999), Abramo (2000), Araújo (2002) e Matheus (2002), dentre outros. Sob diferentes perspectivas, esses autores contribuem para definir perfis e delimitar problemas tais como: violência, sexualidade, comportamento, afeto, sociabilidade etc., facultando uma ampla discussão, frequentemente acompanhada de estatísticas que levantam dados sobre a mortalidade de jovens por disputas entre gangues ou no trânsito, envolvimento no tráfico etc., sem esquecer toda uma discussão sobre a falta de políticas públicas para a educação, o trabalho e o lazer voltados a esses mesmos jovens em seus respectivos contextos. Embora tais autores, por sua sensibilidade, interesse e preocupação, apresentem uma significativa compreensão sobre a juventude, a abordagem que procuramos neste estudo segue outro caminho, no qual acreditamos que seja importante dar voz e priorizar, também, as falas e os temas evidenciados nos *blogs* dos nossos pesquisados.

Nosso interesse consiste em compreender como a juventude concebe o mundo na atualidade, em suas dimensões políticas, por meio de um recorte metonímico. Isso significa poder conceber certo fenômeno como um fragmento ou microrealidade, mas tentando capturar suas intensidades e percebendo os tensionamentos que se colocam para além desse mesmo fenômeno ao observarmos os *blogs* de um grupo de jovens.

Esse nos parece ser um dos caminhos para estabelecer reflexões e potencializar inserções através de aproximações e afinidades relativas às sensibilidades e às percepções próprias do tempo presente, reconhecendo permanências e rupturas em relação a essa heterotopia chamada juventude. Não é a particularidade pela particularidade ou um simples estudo de caso de uma dada realidade, mas uma pesquisa que pretende refletir sobre os lugares e os significados que são atribuídos à vida desses jovens, quer se reconheçam por referências de natureza cronológica, quer simbólica.

Por outro lado, a escassez de pesquisa⁶ ou de literatura mais específica sobre o assunto mostra a pouca importância com que tem se tratado as questões da juventude e das mídias eletrônicas. Poucos têm sido os teóricos preocupados com a discussão sobre mídia eletrônica e juventude, mas muitos são os que criticam o tempo que os jovens passam no computador.

Localizamos as propostas teóricas de Calligaris (1996), Kehl (2000), Lèvy (1996 - 2001), Verton (2002), Sarlo (2000), Santaella (2005), Primo (2003 a 2008) e Murray (2003), tratando não especificamente de jovens e *blogs*, porém tecendo comentários sobre jovens e mídia, de um modo breve, geral, mas que vieram nos trazer algum subsídio.

Durante nosso trabalho, descobrimos três autores que pesquisaram os *blogs*. Lemos (2002:44), por exemplo, classifica-os como *ciberdiários*, tal como Schittine (2004:13), em sua tese de doutorado pelo programa de pós-graduação da UFRJ. Ela trata os *blogs* como espaços para a escrita íntima na internet, porém analisa a prática a partir das regras clássicas da comunicação, ou seja, uma mensagem que circula entre um emissor e o receptor. Para esta autora, a escrita tem por finalidade funcionar “como uma mensagem entre um emissor e um receptor, respondendo a um esquema da comunicação” (2004: 13), assim como “o lado literário da escrita íntima não será abandonado – o diário íntimo passou para a *web*, mas continua a ser uma maneira de elaborar a *escrita do eu*” (2004:13). Acreditamos que não seja tão somente isso que os jovens fazem ao utilizar os *blogs*.

⁶ Levantamento de pesquisa no Portal da Capes – Mestrado e Doutorado -, nos últimos cinco anos, indicou apenas três trabalhos a respeito de jovens e *blogs*. (pesquisa realizada em 24.09.09) <http://servicos.capes.gov.br/capes>.

Recuero (2007), em seus estudos no doutorado do programa de pós-graduação em comunicação pela UFRGS, analisa os *weblogs* enquanto comunidades virtuais, ou seja, “grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais” (p.5). Os estudos de Recuero são interessantes e inspiradores, já que ela mapeia, classifica e ordena os *blogs* estudados por grupos de interesse, como jornalismo, cinema e design, entre outros. No entanto, é focado em blogueiros profissionais, diferentemente do que buscamos, isto é, *blogs* de jovens que ainda não atuam profissionalmente.

Retomando o que inferimos anteriormente sobre os *blogs* e blogueiros, nesta pesquisa pretendemos propor diferentemente do que Shittine (2004) argumenta, pois acreditamos que a comunicação no *blog* vá além da perspectiva do emissor e receptor. Nessa ótica, nos amparamos na proposta teórica de Primo (2007), que trata das interações mediadas por computador ou, melhor, das inter-relações na *web*. Primo vai analisar a comunicação, no contexto da cibercultura, a partir da interação, assim ele procura fugir do conjunto binário da comunicação clássica que percebe somente o emissor e o receptor. A *web* é o seu observatório para estudar o que se passa neste entre-lugar que discutiremos mais adiante. A lógica é a interação todos/todos, inteligência coletiva que busca resgatar a teoria da comunicação interpessoal do processo dialógico.

Assim, partimos do pressuposto de que os jovens estariam construindo e produzindo novas possibilidades que nosso olhar pretende visualizar a partir do uso dos *blogs*. Nossa tentativa na pesquisa é buscar perceber que novas arquiteturas estão sendo construídas na rede a partir dos *blogs*. Trata-se de analisar mais detidamente que reinvenções estão sendo tecidas pensando, principalmente, a política.

O objetivo é perceber que para além de uma diversão, ou de passar tempo, o espaço virtual tem sido utilizado como um modo de marcar o jeito atual do jovem de estar em seu mundo. A proposta é a de perceber como, ou de que modo, tem se dado estas inter-relações, é compreender as manifestações políticas de jovens deste tempo, que são usuários da rede ou, apenas, suas singularidades.

Além disso, pretendemos seguir discutindo os elementos e os valores reconhecidos nesse âmbito. Este estudo

levanta as principais representações sobre aquilo que consideramos práticas de jovens, que compõem e integram um imaginário contemporâneo, urbano, escolarizado e conectado. Trata-se de dar voz aos atores dessa história, principalmente quando percebemos que alguns pais, professores e especialistas - seus porta-vozes oficiais - resumem em esquemas estereotipados e caricaturados a maneira jovem de ver e de estar no mundo, fazendo distinção rígida sobre puberdade, adolescência e juventude, e ignorando o fato de como as sensibilidades e as percepções de nosso tempo tornaram esses limites porosos e borrados.

Assim, procuramos olhar o fenômeno da juventude para além de seus rótulos classificatórios, das relações de poder/saber, para além da indicação e dos enquadramentos em que se pode dizer que este é o jovem, esta é a classe, esta é a idade, assim é a escola ou universidade pública ou assim é a escola ou universidade privada. As contribuições de Foucault (1997) mostram, justamente, como desconstruir, reconhecer essas taxionomias que indicam esse tipo de jovem alienado, indiferente, idiotizado, num campo específico, no qual são elaboradas as relações e as estruturas culturais, psíquicas ou sociais e que, por sua vez, muito dizem sobre os limites intelectuais e cercanias cognitivas de quem as estão classificando.

Desse modo, compreendendo que as fronteiras conceituais rígidas foram ultrapassadas, os diálogos intelectuais e teóricos atuais buscam a transdisciplinaridade, e é por isso que os conceitos aparecem apenas na proporção da necessidade e do ritmo do próprio discurso, pois, conforme afirma Baczko (1985:308), “a época das ortodoxias parece, pois, ultrapassada; vivemos, muito felizmente, na época das heresias ecléticas”.

Se a ortodoxia teórica parece estar ultrapassada, nada mais lúcido do que recorrer às ideias de autores e aos conceitos sem rigidez excessiva, mas apenas como balizas ou palheta de cores. Vamos colorindo as ideias na medida em que permitem burilar melhor certos planos e abstrações, pois, assim,

é mais fácil verificar a complementaridade das questões que as orientam do que integrar num conjunto coerente as respostas hipotéticas avançadas. O ecletismo que

caracteriza este domínio é, talvez, revelador do estado atual das ciências humanas (BACZKO: 1985.308).

Buscando um modo de favorecer um diálogo a respeito dos fenômenos relacionados à juventude, recorreremos à abordagem da adolescência pela psicanálise, através de Contardo Calligaris (2000), o qual a concebe como sendo uma das formações culturais mais poderosas do século XX, e discute como os jovens se acomodam ou não nesse lugar. Calligaris trata de um tipo de jovem de classe média, localizado em determinado contexto político e social, mas que pode perfeitamente nos auxiliar quando pensamos o fenômeno da juventude em outros momentos e lugares. Assim, percebemos nessas leituras, que os jovens dos anos 60 procuravam imitar os adultos, mas, na contemporaneidade, parece haver uma inversão desse esforço: hoje, são os adultos que, a cada dia, querem parecer jovens.

Os jovens pedem “reconhecimento e encontram no âmago dos adultos um espelho para se contemplar. Os jovens pedem uma palavra para crescer e ganham um olhar que admira justamente o casulo que eles queriam deixar” (CALLIGARIS: 2000.74).

Nessa reflexão, para além de uma idade, o conceito de juventude diz respeito a um ideal cultural, um estado de espírito que está sendo extremamente valorado. Calligaris (2000:72) explica que

aos poucos os adolescentes se tornaram ideal dos adultos. Logo, ao interpretar o desejo dos adultos e procurar descobrir qual seria o sonho deles atrás de seus eventuais pedidos de conformidade, os adolescentes se depararam com sua própria imagem. O ideal, escondido dos adultos, eram eles mesmos.

Sob essa perspectiva, o psicanalista questiona: “Como satisfazer aos adultos, senão sendo mais adolescentes ainda do que já eram?” (CALLIGARIS: 2000.72). Fato posto, sobre um modelo familiar em que os pais querem se parecer com os filhos, percebemos como o indivíduo culpado dá lugar a um outro indivíduo, que se livra da opressão do “pai tirânico, detentor da opressão na horda primitiva” (KHEL: 2000.34) e aproveita os prazeres mundanos, principalmente quando goza da possibilidade do gozo do outro; entretanto, “se o pai da horda, em vida, correspondesse aos ideais criados pelos filhos não haveria razão para o assassinato!” (KHEL: 2000.34). Se essa inversão dá lugar a inquietações, ocorre certa ausência institucional da autoridade do pai. A figura da autoridade é temida, mas o sujeito teme ainda mais que ela desapareça.

Hoje, de certa forma, há um deslocamento da autoridade, que é trabalhada pelo historiador Richard Sennet, levando a pensar que, ao desconsiderar a autoridade, os jovens poderiam encontrar o seu lugar no mundo. Se, porém, antes, um pai servia de modelo para toda uma constituição institucional, na contemporaneidade observamos o esfacelamento dessa que foi até pouco tempo um dos alicerces da sociedade. Hoje, encontramos múltiplas fases da autoridade na vida pública ou na vida privada. Sennet (2001:172) acredita que “a ideia de autoridade é renovada por crises periódicas”. Se hoje estamos em um tempo de crise que esfacela a autoridade do pai, o que dizer das outras instituições?

Assim, compartilhamos com os jovens esse lugar de ressignificações como alguém que vive um tempo em que as fronteiras se foram, novas territorialidades são traçadas, e a velocidade e a cambiança parecem apontar uma nova estilística da existência. Podemos perceber que realidades vão se configurando a partir da observação das suas escrituras no *blog*, revelando emoções, sentimentos, valores e expectativas do grupo pesquisado. Por isso, outros interlocutores são fundamentais para sustentar os diálogos disciplinares, assim como também existe uma necessidade de ultrapassar os teóricos, buscando, na história do presente, pela via dos jornais, revistas e televisão, complementos importantes para compreender os fenômenos da contemporaneidade, na tentativa de fugir da rigidez das armadilhas teóricas.

Como pensar o novo se ficarmos eternamente presos ao passado ou se não envidarmos um esforço para perceber algo diferentemente do que já pensamos e fazemos?

Para tanto, seria impossível “compreender o que foi, ou o que é a história humana, fora da categoria do imaginário”, já nos alertou Castoriadis (1982:192). Para esse filósofo grego, radicado na França e contemporâneo de Foucault, as estruturas simbólicas são o fator unificante de uma sociedade, “sendo que não é verdadeiro nem falso e, no entanto, é da ordem da significação, e que é a criação imaginária da própria história”. Assim, voltamos a afirmar que não é apenas uma idade ou uma condição social que define o território por onde os jovens circulam; há um imaginário mais amplo que solda coletivamente esse universo. Se acreditarmos que é o imaginário que faz os indivíduos existirem, como também é a instância na qual uma coletividade elabora representações de si e do outro, é esse mesmo imaginário que define quem são os jovens, lugar que Foucault poderia definir como heterotopia, e também é esse lugar que poderíamos indicar como um lugar onde nunca estivemos. Sim, fomos jovens como a geração desses nossos jovens, mas nunca fomos jovens como eles o são, no período final do século XX para o começo do novo milênio e com as possibilidades que se apresentam, principalmente quando pensamos as tecnologias que subvertem tempo e espaço. Por isso o perigo nas comparações daqueles com estes jovens.

Esse território simbólico ou imaginário pressupõe características que são atribuídas à juventude, ou seja, ritmo, leveza, movimento, velocidade, agilidade. São características atribuídas não apenas a uma faixa etária, mas a um estado de juventude elevado à condição de valor de um tempo. Assim, para pensarmos o virtual, as TCD da aprendizagem e a cibercultura, utilizamos os principais argumentos de Lévy no livro *O que é virtual?* (1996). As inferências do autor são fundamentais para aprofundarmos as questões sobre virtualidade, principalmente sobre as alterações que ela traz nas concepções do espaço e do tempo. Ele sugere que o virtual usa novos espaços e novas velocidades, que possibilitam problematizar e reinventar o mundo, a proposta é apostar no compartilhamento de tudo. Também é preciso repensar as questões que perpassam o que é público e o que é privado, análise que pode ser enriquecida com a discussão de Arendt (1995) quando trata das esferas pública e

privada. Os *blogs*, por exemplo, não são sujeitos à restrição de um espiar, ao contrário, bisbilhotar é possibilidade ampliada e multiplicada a partir da criação do *word wide web*, sem esquecer que estamos em tempos de voyeurismo, seja a partir das câmeras de vigilância ou do grande irmão - *big brother*.

A importância do tema se impõe principalmente pela ascendência de usuários no mundo todo e, mais especificamente, pela necessidade que se apresenta em compreender como se dão estas relações dos jovens com o espaço virtual. Assim, a discussão teórica toma corpo através das inferências sobre o espaço virtual elaboradas por Lèvy (2001), em seu livro *Cibercultura* no qual, talvez, possamos compreender as práticas midiáticas que estão sendo utilizadas pelos jovens como uma forma de estar no tempo presente. A possibilidade é a de perceber que

“Os mundos virtuais podem eventualmente ser enriquecidos e percorridos coletivamente. Tornam-se um lugar de encontro e um meio de comunicação entre seus participantes”.
(LÉVY: 2001.145)

Segundo o autor, num dado momento histórico, parece tratar-se de uma nova maneira de comunicação representada principalmente pela utilização de imagens como uma representação que pode ou não ser legendada, assim como pode ou não sofrer inferência de quem a visita.

Acreditamos que um destes conceitos que precisa ser discutido no espaço virtual é o que trata dos não-lugares aos lugares de que Marc Auge (1994) nos insere ao discutir a antropologia da supermodernidade. No lugar da solidão, da privação de não ter estado no lugar em que todos os outros estiveram, os jovens se permitem interferir na foto colocada no *blog* pelos amigos. Colocar-se, inserir-se no lugar é uma possibilidade de se expor como protagonista de um lugar onde nunca se esteve. Talvez encontrar o não lugar do espaço visitado pelo grupo de amigos possa ser uma possibilidade de “encontrar o lugar da liberdade” (Auge: 107), possibilidade de pertencimento.

Mas é como espaço nômade que ele adquire um grande número de possibilidades. As telas do computador, abertas em

vários *blogs*, visitados quase ao mesmo tempo, são uma evidência do nomadismo experimentado pelos jovens. Estar neste lugar e experimentar tudo o que o espaço tem a oferecer e em seguida poder experimentar as derivas do ficar e do partir numa proposta nômade infinita. Seria como pensar a partir do que Mafessoli (2001) indica como “errante”, do que “passeia sem destino, do nomadismo dos grupos de amigos, das tribos diversas que passam de um a outro lugar, tudo isso proporciona um vasto fluxo a uma órbita indefinida” (p. 91) na cibercultura: o entre lugar.

Na linha crítica dos novos processos culturais, e sob o olhar curioso na análise de novos fenômenos da contemporaneidade, recorreremos, também, à crítica cultural argentina Beatriz Sarlo (2001) para pensar cenas da pós-modernidade, época em que encontramos os jovens como principais protagonistas num de seus espaços preferidos, as catedrais contemporâneas chamadas de *shoppings*, territórios que parecem se mostrar adequados a um tipo de nômade. O *shopping* é um “tabuleiro para a deriva desterritorializada, espelho de uma crise do espaço público onde é difícil construir sentidos” (SARLO: 2001.23), é lá que encontramos um dos seus espaços preferidos e cheio de sentidos: as *lan houses*⁷, territórios à deriva.

É importante também discutir neste trabalho aquilo que vemos muito comumente nas pessoas que interagem na rede mundial de computadores, concordando que os *blogs* são um meio democrático e barato de se compartilhar imagens e mensagens na rede. Sua expansão é impressionante, a cada piscada de olhos um *blog* foi criado em algum lugar (REVISTA INFO: 2008.39).

⁷ O conceito de *LAN house* chegou ao Brasil em 1998, pelas mãos do empresário Sunami Chun, fundador de uma das redes de *LAN houses* mais conhecidas, denominada MONKEY, que já tem 58 lojas em onze Estados. Nessas casas, os jovens jogam em computadores de alta performance, conectados em rede. Neste caso, reúnem-se em grupos e passam horas jogando com os amigos; estão ligados pela rede, mas cada um joga no “seu” microcomputador. No Brasil, estima-se que existam hoje 90 mil dessas casas em todo o território nacional, sendo que cerca de 50% delas instaladas em São Paulo, segundo a Associação Brasileira de Centros de Inclusão Digital – ABCID (Consulta realizada no site www.abcid.com.br, em 27.09.09) A *LAN* que reuniu os jovens para a disputa citada neste trabalho é a Adrenaline, e as informações foram fornecidas por um dos proprietários.

Os *blogs* viraram febre entre jovens de todo o mundo e também mania entre alguns adultos, como podemos constatar quando se faz uma breve pesquisa nos provedores da rede. Mostram-se como mídias extremamente significativas, utilizadas por profissionais de todas as áreas. Eles interferem na cultura, na economia, nas empresas, na política, nas mídias, enfim, em todas as áreas da vida, porém é pelas mãos dos jovens que eles têm se disseminado com uma força surpreendente e com uma velocidade espantosa, deixando perplexo seu criador Tim Berners Lee, que não imaginava que tomassem essas proporções. O interessante é que, além das fotos ou imagens que podem ser elaboradas com certo cuidado (ou não), os blogueiros podem introduzir textos para legendar as imagens ou inserir filmes. Os visitantes, que podem ser amigos, conhecidos ou desconhecidos, têm a possibilidade de interferir na página, inserindo mensagens, opinando sobre o material exposto ou fazendo alguma interferência, tal como Marcel Duchamp, pintor e escultor francês, criador da arte moderna, fazia nas telas de alguns pintores, como Da Vinci. A interferência de Duchamp quando inclui bigode e cavanhaque em reprodução do famoso quadro de Da Vinci, a *Monalisa*, é modelar desta prática. Qualquer pessoa pode entrar e deixar uma mensagem ou deixar a sua marca, assim, a tentativa é dar amplitude e profundidade ao nosso campo de visão ao lermos as imagens que os jovens disponibilizam em seus *blogs*.

Nesse sentido, a proposta é perceber nas fotografias, imagens e filmes, narrativas embrionárias. Isso parece possível, na perspectiva de Manguel (2001:19), teórico do olhar sobre a arte, quando indica que a linguagem humana é feita de palavras que se traduzem em imagens e de imagens que se traduzem em palavras.

A tentativa é a de ler as imagens como quem lê palavras. Assim, essas imagens disponibilizadas nos *blogs* escolhidos serão examinadas como propõe Manguel (2001). Ao ler as obras de arte (a fotografia que o jovem expõe não deixa de ser uma obra), percebemos que as imagens ligam as circunstâncias de sua criação à vida pessoal do seu autor. Desse modo, como narrativas embrionárias ou como histórias a espera de um narrador, vamos contando as curiosidades, as particularidades que o autor traz na sua obra. Por isso, a

possibilidade é também de aguçar o olhar para *ler* as imagens e os vídeos percebendo a história de jovens deste tempo.

A partir desse novo território, povoado pelos jovens e tratado por Mafessoli (2001) como um fenômeno, denominado “nomadismo”, registramos uma visão de que as coisas estão em eterna mudança, visões imbricadas à ideia de juventude como um estado de espírito, um território ágil no qual as pessoas lutam para se colocar, tencionando o efêmero e o fugaz com aquilo que desejariam fazer durar para sempre. Para esse sociólogo, trata-se de um lugar flutuante, cuja pluralidade de identidades habita o âmago de uma mesma pessoa. Assim, os jovens de hoje parecem não se sentir pressionados por nenhuma obrigação, seja sexual, profissional ou social, mas é esse transitar por vários territórios que permite uma certa sensibilidade para compreender e subverter as sociedades homogêneas. “Estar aqui e ali, o desejo e a insatisfação, a dialética constante contra a estática e a dinâmica” (MAFESSOLI, 2001.77). A geração do *mouse* e do controle remoto, se não pode mudar as coisas que estão postas, muda a identidade, por isso podem ser *blogueiros*, *rockeiros*, *rappers*, surfistas, *skatistas*, *nerds* ou muito disso, quase ao mesmo tempo, no mundo digital, numa dialética sem conciliação entre o “fechamento da cerca e o indefinido da liberdade” (MAFESSOLI: 2001.80).

Observando o fenômeno da juventude a partir de um movimento constante de pertencimento ou não a um determinado território, a identidade e a territorialidade tornam-se incertas. Buscando diálogo com Baczko (1985), teórico do imaginário, ele o concebe como uma espécie de solda, que faz uma coletividade reconhecer o “nós” e o “eles”. Para entender melhor como se dá essa solda, é preciso que compreendamos que cada geração traz consigo certa definição de homem, “simultaneamente descritiva e normativa, ao mesmo tempo em que adota a partir dela, uma determinada ideia de imaginação, daquilo que ele é ou daquilo que deveria ser” (BACZKO: 1985.309). Cada época, portanto, vai idealizar um determinado tipo de homem e de sociedade que irá “reproduzir e renovar este imaginário”. Sob essa perspectiva, o autor explica como uma coletividade elabora ou designa a sua identidade ou a representação que faz de si.

Estabelece a distribuição de papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de "bom comportamento", designadamente através da instalação de modelos formadores [...] produzindo, assim, uma representação global e totalizante da sociedade como uma "ordem" em que cada elemento encontra o seu "lugar", a sua identidade e a sua razão de ser (BACZKO: 1985.309).

Com as reflexões do filósofo Gilles Lipovetsky (1983), encontramos as pistas para a compreensão de outro fenómeno relacionado mais especificamente à construção do indivíduo contemporâneo, pensando sobre as sensibilidades que estão postas e seu processo de fragmentação. Se, algumas vezes, o autor visualiza com certo pessimismo essa fragmentação ou desubstancialização, noutras observa a construção de possibilidades através da diversificação dos modos de vida, das crenças e dos papéis sociais. Lipovetsky trata do

individualismo ocidental com o mínimo de coação e o máximo possível de opção, com o mínimo de austeridade e o máximo de desejo, com o mínimo de constrangimento e o máximo de compreensão (1983:09).

Podemos pensar nisso, evocando um exemplo de uma jovem que mora na periferia, mas deseja ter a mesma bolsa que a 'patricinha', reconhecendo-se como parte de um segmento que se caracteriza, entre outros aspectos, pela ostentação de grifes. Até porque a bolsa *Louis Vitton*, que custa quatorze mil reais na loja do *shopping*, pode hoje ser adquirida com preço irrisório, e com efeito muito semelhante, no camelódromo de qualquer capital. A tentativa é pensar como essas conexões tornam-se possíveis, não de forma comparativa, mas de modo a acolher e a compreender, ao menos em parte, as complexidades do mundo contemporâneo. Ou seja, podemos perceber, na jovem da periferia, "desejos de realização do eu, não para além do consumo, mas para além da apoteose, à da imagem e do devir do ego" (LIPOVETSKY: 1983). Trata-se de avistar essa forma de hedonismo, não como forma mercantil, mas, antes, como

necessidade ou desejo de grupos de jovens em assemelharem-se nas suas representações, que partem do consumo, mas tentam ultrapassá-lo.

A esta pesquisa também comparece a história política percebida através da história do presente desses jovens pesquisados e de como eles estão constituindo o seu fazer político, suas representações e suas referências ideológicas, integrados nas práticas e nas experiências cotidianas. Dentro dessa concepção que busca sintonia com os fenômenos contemporâneos relacionados às sensibilidades políticas, é importante destacar o uso mais ampliado possível das fontes de informação, por isso o leitor mais atento poderá perceber o quanto nos utilizamos das informações veiculadas na mídia - recortes de jornais, revistas e programas de televisão - como mais um argumento para traçar a história política do presente a partir desse grupo de jovens, reforçando as suas falas e as suas atitudes, mas procurando concebê-los, não como um fenômeno de apenas um pequeno grupo de jovens pesquisados neste trabalho, mas como grupo que pode expressar sensibilidades e percepções mais abrangentes, integrando uma realidade que é maior e mais complexa.

Publicamente, os jovens parecem assumir que não querem ser herdeiros políticos das gerações que os antecederam ou que, como ouvimos algumas vezes em seu linguajar, estão pouco “se lixando” se existe o candidato A ou B ou se há guerras. Esse fenômeno pode ser confirmado em exemplos como a divulgação pelo Jornal do Almoço, na RBS TV, em agosto de 2002, que duzentas pessoas participaram efetivamente de uma passeata em Florianópolis, protestando contra a guerra entre americanos e iraquianos, ato em que os jovens eram absoluta minoria, sobretudo se considerarmos o número de habitantes que compreende a região central desta capital. Em contraposição a isso, nessa mesma época, um campeonato de jogos virtuais acontecia em uma *lan house*, no centro de Florianópolis, agregando mais de 120 jovens que se inscreveram para participar da disputa que tem como enredo uma suposta caçada a terroristas, com muito sangue e explosões que dilaceram corpos, entre uma mordida e outra no hambúrguer e no chocolate que são oferecidos gratuitamente, acompanhados de refrigerante. Nesse jogo, o jogador morre, mata e se diverte com isso, mas será que deveríamos afirmar que esses jovens,

participantes do jogo, podem ser classificados como idiotas, alienados, apáticos ou indiferentes aos acontecimentos da atualidade ou da política por não se fazerem presentes em determinada passeata?

A respeito da política, é preciso esclarecer que esta pesquisa não pretende discorrer ou aprofundar conceitos. Todavia é importante dizer que nos afastamos do conceito clássico aristotélico de “política como teoria do Estado” (ABBAGNANO: 1998.775). Embasamo-nos principalmente na fala de Ortega (2000), encorajado nas leituras de Arendt, Derrida e Foucault quando sugere:

Tenha coragem! Atreva-te a ganhar a esfera pública sem consideração pelos partidos ou programas políticos! Lute por um novo conceito relacional que possibilite a criação de novas formas de existência!(p.42)

Procuramos perceber novas práticas que vão para além de uma política partidária, burocrática e estatal para fazer a leitura daqueles que tratam os jovens de hoje como despolitizados. Assim, para esta pesquisa, esse conceito se aproximaria do político compreendido como *atividade de criação e experimentação* (ORTEGA: 2000.23).

O apelo de Ortega (2000) é perceber a política como novas formas de sociabilidade. Para isso, precisamos estar atentos aos acontecimentos e recusar qualquer modelo, imagem ou metáfora que pré-estabelecidos e impostos por tradição política absoluta faça-nos seguir a caminhada com um “corrimão”. A proposta é fugir do normativismo renunciando àquilo que se prescreve ou se universaliza no conceito de político. Para tanto, Ortega (2000.41) nos convida a “relativizar a validade e o alcance dos vínculos orgânicos que garantiam a coesão das sociedades tradicionais: religião, família, trabalho, comunidade” para assim, talvez, compreendermos as práticas realizadas por jovens na contemporaneidade, ou seja, no nosso caso, o uso dos *blogs* como uma prática política.

Seguindo o raciocínio filosófico de Lyothard (2000), quando trata sobre novos espaços onde ainda não há um “lugar por si”, podemos pensar a cambiança, o simultâneo, o disperso, o justaposto, o vazio, a velocidade e tantas outras interrogações

que rondam os discursos desse tempo e que não nos permitem, ainda, ter uma posição definitiva e acabada. Tal terreno apresenta-se cada vez mais flutuante, poroso, não há lugar para fixidez, pois “o sólido não é mais sólido, e os espíritos erram e vagabundeiam”, complementaria o sociólogo francês Michel Mafessoli (2001: 93).

Assim, no quadro geral deste problema, devidamente dimensionado por um grupo escolhido a partir do interesse que os une, ou seja, o *blog* disponibilizado na rede, a nossa proposta busca compreender de que modo essas práticas interferem ou são significativas para indicar práticas políticas de jovens deste tempo e de que modo eles se colocam nesse espaço público. Queremos pesquisar que elementos podem ser levantados para uma análise acerca desse lugar.

Além destes teóricos, outros que vão surgindo no percurso podem ser convidados a participar do diálogo. O uso dos *blogs* e seu estudo teórico é uma proposta atual que afeta a cultura, a educação, a arte, a política, as relações sociais e são também afetados por ela e deste modo, possibilitando abrir-se num leque à deriva.

1.4 Definindo caminhos e arriscando percursos.

A escolha do caminho metodológico parte do interesse de ler a história do tempo presente pela voz e pelo testemunho dos seus protagonistas. Interessa dizer que produzir conhecimento implica estabelecer diálogos entre os afetos explicativos, que recorrem às noções e aos conceitos, e à plausibilidade histórica que pressupõe atenção aos testemunhos e depoimentos, além do acompanhamento dos escritos e impressões visuais, neste caso localizados nos *blogs* dos pesquisados.

BAUER e GASKELL (2002), quando tratam da pesquisa qualitativa, nos ensinam a importância da metodologia com a observação sistemática dos acontecimentos;

inferir os sentidos destes acontecimentos das (auto-) observações dos atores e dos expectadores e técnicas de entrevista bem como levar em conta os vestígios materiais deixados por esses (p.19).

Desse modo, é importante dizer que trabalhamos a partir da observação participante evidenciada no acompanhamento dos *blogs*, foco principal para a geração de dados escolhidos a partir da principal característica que torna um *blog* atrativo, ou seja, a postagem frequente que gera a curiosidade dos seguidores. A esse respeito, descrevemos como foi o nosso primeiro contato com *blogs* e blogueiros.

O primeiro contato foi muito simples, digitamos a palavra *blog* no *Google*, escolhemos a opção 'páginas no Brasil' e, então, caímos inicialmente nos *blogs* do site *Blogger*, que atualmente foi arrematado pelo *Google*, alterando o antigo endereço para *Blogspot.com*. A partir daí não foi difícil chegar ao endereço do *Insanus.com* (2003 – 2007). O *blog* era um coletivo de mais ou menos 15 outros *blogs*, entre eles: Parada, Verdes Fritos, A Nova Corja e Garfada, criados, na sua maioria, por estudantes gaúchos, principalmente do curso de jornalismo. Seu idealizador, Gabriel Pillar, um jovem estudante de jornalismo na época com 21 anos, escreveu no *blog*:

O *Insanus* é um coletivo de *blogs* aglutinado por amizade, onde um não é responsável pelo que o outro escreve, mas está pronto e disposto a zelar pelo bem intelectual comum do que é produzido aqui, ou quase isso. Exagerar seria dizer que não existe unidade, forçar seria chamar de um projeto coletivo. O *Insanus* é uma rama de gramíneas cibernéticas que causam efeitos diferentes ao consumo humano – ou seja, mais ou menos como as Coréias, que ficam se alfinetando e depois jogam a olimpíada juntas. Ou quase *blogs* (disponível em www.insanus.org. Acesso em 01.08).

Essa era a definição de seu idealizador sobre o espaço. A poucos dias de sua formatura, Gabriel Pillar se envolveu em um acidente de carro, tendo morte imediata. Até hoje, e de forma esporádica, o *blog* ainda é mantido como um arquivo permanente em memória de seu idealizador. O jornalista Emmanuel Mattos organizou uma compilação com homenagens ao blogueiro, além da postagem da sua obra fotográfica e *portfólio* que podem ser

visitados no endereço http://www.insanus.org/gabriel_pillar_inmemorian.pdf. Uma das blogueiras que fazia parte do grupo, Carol Bensimon, lançou recentemente um livro de título “*Sinuca em baixo d’agua*” (Cia das Letras), pequeno ensaio sobre a dor e o luto, que tem como narrativa “um concerto de vozes, na perplexidade que a morte provoca num grupo de amigos e conhecidos” (Vida Simples: p.71).

Estamos entre as pessoas que ficaram abaladas com a morte de Gabriel Pillar. Nunca o conhecemos pessoalmente, mas o que nos chocou foi o fato de uma pessoa tão jovem ter sua vida subtraída de forma absurda, principalmente em função de tudo o que ele já representava intelectualmente. É preciso esclarecer que foi amor a primeira clicada. A curiosidade em estudar os *blogs* aconteceu a partir do Insanus. Achei genial a proposta do *blog* e do blogueiro que era extremamente articulado e inteligente. Gabriel, aparentemente, agregava, tinha posicionamentos estéticos e políticos bem definidos. E, embora tivesse pouca idade, era instigante! Porém, passado algum tempo, quando pensamos o projeto e iniciamos os primeiros contatos, descobrimos que os meninos haviam crescido, deixaram de ser incendiários, ou seja, estavam prestes a se formar e Gabriel havia falecido.

Para esta pesquisa, percorremos o mesmo caminho, todavia, o próximo passo foi escolher dez *blogs* de um número em ascensão vertiginosa, pois, todos os endereços cadastrados anteriormente no site Blogger.com estão, gradualmente, passando para o novo endereço blogspot.com. A escolha não teve absolutamente outro critério além da idade, exclusão dos *blogs* profissionais e daqueles com postagens muito esporádicas. É importante fazer um parêntese explicando que, para melhor compreender os *blogs* e os blogueiros, esta pesquisa percorreu diversos blogs, porém delimitou uma mostra.

A escolha é simples e complexa ao mesmo tempo, pois, como escreveu Gabriel: no momento em que entramos num *blog* as opções que se abrem são como “rama de gramíneas cibernéticas” que se espalham infinitamente. A escolha pode ser tal como o crescimento da gramínea que se espalha multiplicando por todas as direções. Dessa forma, a nossa escolha resultou em dez *blogs* selecionados como um grupo piloto.

Assim, o material empírico e a fonte documental básica para esta pesquisa foram obtidos através de entrevista elaborada, a princípio, por 23 perguntas. O material se configurava em breve apresentação sobre o que se tratava, e convidava os blogueiros a participarem com um pequeno texto de abertura contendo o seguinte argumento:

Olá blogueiro,
Sou estudante do programa de pós graduação da UFSC –PPGE, na linha de pesquisa Educação e Comunicação, e estou pesquisando sobre as práticas realizadas nos *blogs* por jovens na contemporaneidade. Gostaria de convidar-lhe a fazer parte deste projeto, onde temos, entre os instrumentos da pesquisa, esta entrevista. Desde já agradeço a colaboração, acreditando que as respostas serão elaboradas com muita clareza, sinceridade e espírito de colaboração próprio para o trabalho acadêmico.
Abraços
Marilene Alencastro

Essa entrevista, utilizada como um pré teste foi encaminhada em março de 2008 ao e-mail dos blogueiros selecionados. Dos dez endereços escolhidos, tivemos o seguinte retorno: três foram descartados porque estavam fora da idade que interessava a pesquisa, um era de jornalista recém-formado e o outro de um arquiteto. Dois não quiseram participar. Desse modo, ficamos com três. A partir das impressões desse grupo, alteramos a entrevista, algumas questões foram retiradas outras reformuladas, o que acabou resultando, finalmente, em um questionário com 11 questões sobre alguns eixos norteadores que focavam os seguintes dados: Identificação do blogueiro, sexo, idade, cidade e estado, grau de escolaridade, área cursada, além de identificar se a instituição era pública ou privada.

O segundo bloco de perguntas solicitava a opinião deles sobre quem são os jovens e como são os jovens hoje.

A terceira pergunta questionava com que objetivo o blogueiro havia criado o *blog* e o tempo em que o *blog* estava

disponível na rede, de modo que fossem indicados meses ou anos (se fosse o caso) e se eles assinavam ou usavam um pseudônimo.

Outra questão tratava da frequência com que o *blog* era atualizado e o tempo gasto pelo blogueiro para isso. Posteriormente indicávamos alguns temas que os blogueiros mais gostavam de postar, solicitando que eles os inferissem por ordem de importância, numerando-os. Os temas indicados foram: Filmes, Músicas, Textos, Poesias, Notícias, Curiosidades, Família, Política, Informações, Sexo, Namoro, Drogas, Violência, Fotos, Lazer, Trabalho, Estudo, Passeios, Festas, Férias e Amizade.

No entanto, também oferecemos a opção de uma resposta aberta para que eles colocassem outros temas não contemplados na questão.

Tínhamos o interesse em saber, também, em qual categoria o blogueiro incluía o seu *blog*. Esta era uma pergunta fechada, para marcar com um “x”, mas se não houvesse opção oferecemos mais uma resposta aberta para que o blogueiro indicasse a sua categoria. Sugerimos então: Política, Entretenimento, Arte e Cultura, Educação, Esporte, Tecnologia e Pessoal. Aqui, também finalizamos a questão com a oportunidade para que o blogueiro expressasse a sua categoria, se já não estivesse indicada acima. A outra questão era se eles tinham preocupação com o número de visitantes, com as postagens e comentários.

Finalizando a entrevista, questionamos qual a representação do *blog* para seus autores, oferecendo algumas alternativas como: um meio para estar atualizado; local para colocar as suas ideias; diário íntimo; uma prática política; mídia passageira e, enfim, uma pergunta aberta para que o blogueiro indicasse qual seria essa representação.

Esse instrumento foi encaminhado no mês de agosto, todavia o processo se estendeu a setembro e meados de outubro de 2009. No entanto, já estávamos acompanhando os *blogs* antes de termos o retorno das entrevistas.

Desse modo, os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho foram resultados de uma combinação de diferentes instrumentos qualitativos de pesquisa de caráter exploratório de um estudo de caso, tendo como objetivo compor um conjunto de informações amplas e genéricas. O material

empírico e a fonte documental básica foram obtidos através de fontes bibliográficas que sustentaram as principais conceituações teóricas.

A escolha do estudo de caso (ROESCH: 1999.197) como estratégia de pesquisa que permite o estudo de fenômenos em profundidade dentro do seu contexto é a proposta que julgamos mais adequada a esta pesquisa. Yin (in ROESCH: 1999.197), por exemplo, cita o estudo de caso como adequado a fenômenos contemporâneos. Assim, a proposta era evocar descobertas e *insights* que permitissem iluminar a experiência de outros grupos similares. O estudo de caso permite, também, a “análise processual, contextual e longitudinal de várias ações e significados que se manifestam, além de explorar o fenômeno de vários ângulos” (ROESCH: 1999.197).

Sendo assim, utilizamos tanto a coleta de dados quantitativos como qualitativos. A pesquisa empírica buscou combinar vários métodos de coleta de dados. No nosso caso, usamos a entrevista, a observação participante e dados secundários que surgissem durante o acompanhamento do blog. Todavia, a ênfase esteve localizada na utilização dos dados qualitativos, objetivando explorar “os novos processos ou comportamentos” (ROESCH: 1999.198). Aspectos que, a nosso ver, não podem ser revelados por meio de apenas um contato breve, como a entrevista ou mensagem de *email*.

Nossa proposta não era a construção de uma teoria, mas estender o fenômeno, potencializá-lo. O propósito é o interesse intrínseco em um grupo de blogueiros e suas práticas.

Poderíamos ter escolhido outros instrumentos de pesquisa, entretanto optamos por elaborar uma entrevista com algumas questões abertas, possibilitando compreender as expressões comuns de um conjunto social e, ao mesmo tempo, as nuances singulares dos indivíduos que o compunham. Desse modo, o Discurso Coletivo (DC) foi desenvolvido como uma metodologia, dentre tantas outras, mas a que consideramos interessante para trabalhar com as respostas dos pesquisados, é a técnica de tratamento qualitativo sem que seja reduzida a quantidade, ou seja, não existe como condição prévia necessária, “que os elementos a serem somados sejam idênticos ou tornados idênticos, como acontece na soma quantitativa” (LEFÈVRE; LEFÈVRE: 2004).

Por outro lado, o DC também expressa uma qualidade e uma quantidade coletivas, na medida em que a dimensão qualitativa refere-se a uma coleção de conteúdos, pensamentos, opiniões, discursos, etc. sobre uma dada realidade, e a dimensão quantitativa diz respeito aos depoimentos de conjunto de indivíduos, representativos de um determinado contexto (LEFÈVRE; LEFÈVRE: 2004).

Ao trabalharmos com questões de entrevistas, por exemplo, é o processamento e o agrupamento, adotados no processo de tratamento dos dados que nos interessam, pois, normalmente, procura-se realizar uma categorização das respostas, o que sem dúvida é um caminho muito além do que simplesmente realizar a pesquisa com respostas totalmente fechadas. Mesmo nas categorizações, o pensamento discursivo acaba restrito a uma palavra, um signo ou representação, expresso pela categoria, perdendo-se, portanto, o pensamento coletivo em sua forma de discurso.

Tal proposta de Lefèvre; Lefèvre (2003) procura resolver esse impasse, na medida em que as categorias continuam existindo e agrupando os discursos de conteúdos semelhantes, porém sem representar o todo e os discursos apenas na forma de uma categoria, mas carregando os conteúdos argumentativos originais, que foram coletados na entrevista. Dessa forma, a categoria continua existindo no DC, porém não como forma de representar um pensamento, mas como denominação deste, pois como afirmam Lefèvre; Lefèvre (2004):

A categoria sinaliza, de modo sintético, uma determinada direção semântica, que precisa ser completada pelo conteúdo argumentativo que, na DC, é dado pela reunião num discurso-síntese, das expressões chaves de ideias centrais ou ancoragens de sentido semelhante ou complementar, emitidas como respostas a uma questão de pesquisa, por distintos indivíduos. (p.52)

A proposta é que este procedimento metodológico agregue em um só discurso-síntese os conteúdos discursivos que foram emitidos, por diferentes entrevistados, e que tenham sentido semelhante.

Esse discurso é redigido na primeira pessoa do singular buscando produzir no leitor um efeito de “coletividade falando”, além de dar um acréscimo de densidade semântica, fazendo com que uma ideia dos blogueiros apareça de modo enriquecido e desenvolvido (LEVÊBRE; MARQUES: 2007).

Nessa metodologia, a organização dos dados implica a utilização de quatro figuras que são:

a) Ancoragem: está relacionada às marcas linguísticas existentes na escrita dos entrevistados, na qual expressam teorias, hipóteses, conceitos e ideologias existentes no contexto social e cultural e que estão internalizadas;

b) Ideia central: refere-se à essência do conteúdo, da resposta dos entrevistados no processo de depoimento;

c) Expressões-chave: são as transições da literalidade dos depoimentos, que contém as partes essenciais do conteúdo, na escrita ou discurso dos entrevistados;

d) Discurso coletivo: a recuperação dos discursos individuais reconstruídos, como se fosse um quebra cabeça, de tal forma que traduza um dado pensar ou representação social sobre determinado tema.

Assim, pensamos em apoiar-nos em alguns dos pressupostos destes autores, mas sem deixar de cumprir com o rigor e a fidedignidade para o tratamento das respostas das entrevistas e sem deixar de expressar fielmente a opinião do coletivo de blogueiros participantes da pesquisa.

Posteriormente, esse instrumento pôde ser tratado como uma espécie de entrevista semidirigida e respondida de modo escrito, tal como fazem, muitas vezes, os jornalistas e outros estudiosos, construindo suas “fontes documentais”. As entrevistas foram re-encaminhadas de volta pelos blogueiros, por *e-mail*, e as respostas, agrupadas, aproximadas e distinguidas e analisadas para compor os argumentos desta pesquisa, todavia sempre do ponto de vista qualitativo, ou seja, nos interessa o conteúdo daquilo que foi escrito e não a quantidade de vezes que foi repetido.

Em nenhum momento pensamos que nosso trabalho poderia tratar de descrever, classificar, cristalizar ou quantificar as respostas, bem como não se trata mais de um referencial teórico que veste a realidade cortando-lhe as partes que não se encaixam. Não conseguíamos conceber de que maneira inserir as respostas desses jovens e desse assunto tão recente, cuja

abordagem também caminha pela história das sensibilidades. Queríamos fazer de tal forma que isso possibilitasse o ecoar de novos significados, sobretudo se os dados fossem distribuídos em gráficos, codificados e quantificados em percentuais.

Dito isso, é importante acrescentar que foram escolhidos dez endereços de blogueiros. Não mantivemos o pequeno grupo piloto, pois a estratégia era aproveitar o retorno desse grupo para refazer a entrevista. Agradecemos sua participação e argumentamos a sua exclusão pela necessidade de variar as idades do grupo pesquisado, o que foi, de fato, verdadeiro, além disso, comprometemo-nos a encaminhar os resultados da pesquisa após a sua defesa.

Para a pesquisa, não estabelecemos previamente uma divisão ou agrupamento que nos permitisse classificar como resposta de jovens de uma determinada instituição ou de tal sexo; assim mesmo, sem ser a nossa intenção ou preocupação, verificamos que houve um balanceamento igualitário na devolução das entrevistas que poderíamos classificar entre os sexos masculino e feminino e também entre as instituições pública e privada.

Quanto aos nossos protagonistas, é importante lembrar, novamente, que são jovens comuns. Blogueiros, com idade entre 16 a 23 anos, brasileiros, estudantes do ensino médio ou universidade e que retornaram nosso contato inicial, responderam a entrevista e estão com seu *blog* hospedado no *blogspot*. Com isso, selecionamos 10, dos 15 blogueiros contatados.

É importante inferir que encaminhamos para quinze blogueiros, porque o piloto nos mostrou que havia certa dificuldade para o retorno, pois alguns ficavam muito tempo sem postar. Todavia, comprometemos este novo grupo de blogueiros com a entrevista e acompanhamento diário do *blog*, realizado por, no mínimo, um mês, e eles deram retorno em tempo hábil, sem grandes dificuldades. Assim, conseguimos fechar a pesquisa com o acompanhamento de 10 *blogs* identificados nos anexos ao final deste trabalho. Esse instrumento foi encaminhado tendo seu retorno acontecido entre os meses de agosto e setembro de 2009.

O acompanhamento dos *blogs* permitiu, entre outras coisas, um parêntese para refletir a respeito da resistência descrita por professores em relação aos jovens que não gostam

de escrever. Contrariando essa premissa, o que observamos foi o imenso prazer com que escreviam textos que tinham a ver com seus desejos e a possibilidade de exporem suas ideias e sensibilidades. As imagens e mensagens que postam em seus *blogs* são significativas para a análise a partir das premissas contidas nos discursos dos educadores e das instituições de educação.

A esse respeito, cabe uma outra reflexão sobre as narrativas alteradas no mundo digital. Murray (2003), por exemplo, mostra-nos, em suas pesquisas, como a literatura impressa, o cinema e a televisão precisaram alterar o modelo linear a partir da TCD. De uma atitude passiva, passamos para uma atividade imersiva e interativa. A narrativa passa a ser multiforme.

Nesse caso, nossos pesquisados, ao que parece, não se interessam apenas em acompanhar narrativas lineares, desejam interagir, intervir nestes novos formatos que a internet possibilita.

A promessa é um novo meio de expressão. A narrativa computadorizada está pressionando os limites da narrativa linear. Murray (2003) escreve que no *holodeck* observamos histórias que assumem múltiplas formas e forçam fronteiras, tentando escapar de uma moldura.

A narrativa multiforme procura dar existência simultânea a essas possibilidades, permitindo ter em mente, ao mesmo tempo, múltiplas e contraditórias alternativas. Seja a história de múltiplas formas um reflexo da física pós-einsteiniana, ou da sociedade secular assombrada pela imprevisibilidade da vida, ou de uma nova sofisticação no modo de conceber a narração, suas versões alteradas da realidade são hoje parte do nosso pensar, parte da forma como experimentamos o mundo. (MURRAY:2003.51)

Isso faz com que tenhamos que repensar o modo de tratar a narrativa a partir do mundo digital o que precisa, também, ser ressignificado nos espaços escolares.

É importante ressaltar que se trata de uma oportunidade de repensar o modo pelos quais os jovens se colocam neste

espaço, utilizando a ferramenta virtual. Soma-se a isso a oportunidade para que a pedagogia se permita compreender estas novas experiências enquanto práticas/comportamentos de jovens na contemporaneidade.

Aprofundar o conhecimento de aspectos cognitivos, culturais e afetivos, que os jovens pesquisados utilizam nos *blogs*, talvez possa ser inspirador e faça emergir outras formas de mediação pedagógica para trabalharmos o conhecimento e a informação.

A esse respeito, Catapan afirma que recentes pesquisas na pedagogia estão:

delineando uma nova imagem da pedagogia como um saber *complexus* que pode ser interpretado por diferentes paradigmas em confronto interdisciplinar e dialético que concerne a uma metateoria e articula epistemologicamente diversas áreas, constituindo seu corpus teórico como uma ciência aplicada. Algumas questões emergentes são definidoras dessa nova concepção na pedagogia; por exemplo, a questão do feminismo, da ecologia, da cibercultura (CATAPAN:2001.42)

Esse movimento, para a autora, encontra-se em construção e não tem uma direção previamente definida, todavia começam a surgir algumas referências à “emancipação humana ou à autonomia, à auto-organização, às diferenças, à transversalidade no modo de ser e do saber mediados pela tecnologia da comunicação digital” (CATAPAN: 2001.42).

Desse modo, Catapan acredita que a partir do mundo antropológico está surgindo:

um novo espaço, um novo sujeito, um novo tema que se impõe à pedagogia contemporânea, transformando radicalmente sua ordem interna, suas relações externas e obrigando-a a se reorganizar tanto no seu aparato teórico como no sentido metodológico.

Talvez possamos perceber se estamos sensíveis a essas mudanças, ao observar os jovens em seus *blogs* durante nossa pesquisa, o que também pode ser possibilidade de visualizar outras práticas pedagógicas, já que o comentário que mais ouvimos nos espaços educativos formais é o quanto a escola/universidade encontra-se anacrônica ou não corre atrás das transformações que acontecem em relação às novas mídias.

Além disso, a possibilidade seria trabalhar a partir do conceito de rostidade, definido por Deleuze e Guattari no livro *Mil Platôs*. Ou seja,

Os rostos concretos nascem de uma máquina abstrata de rostidade, que irá produzi-los ao mesmo tempo em que der ao significante seu muro branco, à subjetividade seu buraco negro. O sistema buraco negro-muro branco não seria então já um rosto, seria a máquina abstrata que o produz, segundo as combinações deformáveis de suas engrenagens. Como pensar a vida e/ou o mundo se essa consciência se dissolve, perde seu estatuto de verdade, ou seja, se o sujeito não mais existe enquanto “estrutur-ego” – forma necessária de construção da realidade e seus jogos de significante e significado? Não esperemos que a máquina abstrata se pareça com o que ela produziu, com o que irá produzir (DELEUZE E GUATTARI: 1996. 33).

A proposta que se busca é uma linha de fuga como o rosto que desvia o olhar; ponto de fuga nômade, desterritorializações. Linha de fuga para escapar do centro, na busca de outro trajeto, sinuoso, criativo, riscos à deriva, talvez. Assim, atendendo ao convite dos teóricos, a proposta foi abrir-se a conexões, fluxos em busca de novas formas de compreender o fenômeno dos *blogs* e da juventude. Experimentar ao invés de significar, interpretar, abrindo-se à multiplicidade, tentando um novo olhar sobre o já visto.

Mesmo que começando por um minúsculo riacho, que corre entre os segmentos,

escapando de sua centralização, furtando-se à sua totalização. Os profundos movimentos que agitam uma sociedade e apresentam assim, ainda que sejam necessariamente representados como um afrontamento de segmentos molares (...) uma sociedade se define por suas linhas de fuga que afetam massas de toda natureza (...) uma sociedade, mas também um agenciamento coletivo, se definem, antes de tudo, por suas pontas de desterritorialização, seus fluxos de desterritorialização (DELEUZE e GUATTARI: 1996. 94 –158)

Possibilidade que se abre em busca de um outro caminho. Vamos localizar-nos na ruptura, deslocamentos do centro. Na rostidade, “meu rosto me leva sempre ao conhecido”, busco a “linha de fuga”, duplo desvio no qual temos a possibilidade de desfazer o rosto e as rostificações na busca do devir Deleuziano. A proposta é não se fixar, a necessidade é perceber o movimento, descobrir trajetos ao caminhar.

Esses devires ultrapassam muros, saem por “buracos negros”. Os próprios traços desta rostidade se subtraem, ou seja,

não se deixam subsumir pelo rosto, sardas que escoam no horizonte, cabelos levados pelo vento, olhos que atravessam ao invés de olhá-los no morno face a face das subjetividades significantes. “Eu não olho mais nos olhos da mulher que tenho em meus braços, mas os atravesso nadando, cabeça, braços e pernas por inteiro, e vejo que por detrás das órbitas desses olhos se estende um mundo inexplorado, mundo de coisas futuras, e desse mundo toda a lógica está ausente. (...) Quebrei o muro. (DELEUZE e GUATTARI: 1996. 36)

Se o rosto produzido pode ser considerado uma máquina política, desfazê-lo será uma prática política, “acreditar no impossível, no impensável, que, no entanto, só pode ser pensado”.

O que pedimos é um pouco de possível na análise dos dados, já que não conseguimos conceber de que maneira inserir as respostas desses jovens e desse assunto, cuja abordagem caminha pela história das sensibilidades, e o fazer de tal forma que isso possibilite o ecoar de novos significados, sobretudo se os dados forem distribuídos em gráficos, codificados e quantificados em percentuais. Não foi essa a nossa proposta, por isso a pesquisa qualitativa.

Antes e durante a observação dos *blogs* e a aplicação da entrevista, pensamos auscultar e perscrutar os novos ruídos, como um profissional em busca de sintomas culturais, desejo que, acreditamos, pode ser compartilhado por nossa orientadora que, preocupada com os fenômenos deste tempo, principalmente sobre as TCD e novas formas de ensinar e aprender, pode se preocupar muito mais com as sensibilidades e percepções, do que indicar a necessidade de ordenar os dados em classificações numéricas ou taxionômicas.

O estudo dos *blogs* demonstra que o imaginário dos jovens blogueiros apresenta uma feição de engajamento político e ação interativa inserida no contexto universal da comunicação. Revelam através do emaranhado de imagens, ícones e facetas, uma feição, rostidade de um jovem que nega o conceito cristalizado que a geração digital é alienada, apolítica e aculturada.

Desse modo, fomos percebendo as feições deste rosto de jovens que responderam a entrevista, percebemos que a maioria havia sido respondida por jovens na faixa etária entre os 16 e os 23 anos; a escolaridade variava entre o ensino médio e o "terceirão", como é chamado o curso intensivo pré-vestibular; na totalidade, eram solteiros e residentes de seis estados brasileiros.

As respostas foram analisadas, agrupadas de acordo com similitudes ou contraposições para compor a construção desta narrativa monográfica. É importante ressaltar que os nomes que aparecem nos depoimentos foram substituídos por outros, pois, acreditamos que precisamos preservar a real identidade dos blogueiros.

Se, no entanto, este estudo, no transcorrer da sua leitura, apresentar "uma aparência fortemente eclética pelo fato de abranger as divisões entre os territórios estético, político e ético", ousar pleitear, assim como Lyotard (2000, p. 17), que "não

é devido a uma inclinação que se tenha pela confusão”, pela desorganização, pela falta de metodologia científica, ou descaso pela academia. É que, “em geral não há lugar. [...] O lugar toma lugar por si, na contemporaneidade” (LYOTART, 2000, p.17-18).

1.5 Marcando o trajeto.

O estudo estrutura-se em três capítulos. No primeiro, apresentamos um breve quadro histórico a respeito dos jovens, seguido de uma reflexão de como se constituem os imaginários sobre e de jovens, justapondo alguns momentos do passado para compreender que não são apenas os jovens que mudam a maneira de ser e estar no mundo, mas que tal como uma via de mão dupla, também mudam as maneiras pelas quais os reconhecemos em cada momento histórico. Procuramos refletir a respeito de suas sensibilidades e como os meios de comunicação fundam uma nova heterotopia identificando de que forma a juventude torna-se um estado, um território onde todos querem viver. Para a juventude atual parece que a vida tem um gosto de seriado de televisão, com trabalhos e afetos provisórios, expressando e alimentando essa realidade pela televisão, pelo cinema e pela publicidade. Desse modo, a mídia inventa o jovem e os jovens alimentam e se expressam nessa mesma mídia.

No segundo capítulo, buscamos refletir como se alteram ou reconfiguram o tempo e o espaço, bem como o conceito das esferas daquilo que outrora poderia ser configurado como público ou privado. A proposta é verificar de que modo os jovens utilizam o *blog*, elaboram seus escritos, como criam em seus espaços, de que modo recebem os comentários.

No terceiro capítulo, apresentamos as novas faces do jovem blogueiro, feições levantadas a partir de sua efetiva participação nos *blogs*.

Nossa preocupação ao longo dos capítulos é perceber qual imaginário que os jovens apresentam na contemporaneidade e como eles modificam e redefinem as fronteiras em relação às gerações anteriores.

Com este estudo, pretendemos compreender que algumas concepções mais rígidas e localizadas talvez tenham se deslocado para múltiplos territórios e, se estivermos atentos, poderemos perceber, nas faces destes jovens, que se enunciam mudanças. Assim, se estar no mundo e juventude são

fenômenos que se modificam historicamente, trata-se de tentar refletir quais as mudanças contemporâneas que se operam nesses territórios. Convém lembrar que as respostas encontradas nesse contingente não formam uma síntese, um perfil que apresenta o jovem, mas, sim, um tipo de jovem, que se reconhece na atualidade urbana, escolarizada, formatada pela tecnologia, pela mídia e pela publicidade, cujos vetores ultrapassam o próprio universo pesquisado.

Pretendemos identificar as experiências vividas no universo de um grupo de jovens através do modo como se colocam em seus *blogs*, suas imagens e mensagens. É importante ressaltar que se trata de uma oportunidade de repensar o modo pelo qual os jovens se colocam neste espaço utilizando a ferramenta virtual. Desse modo, oportunizar que pais, educadores e intelectuais possam refletir sobre o assunto e esse novo modo de estar no mundo nas práticas culturais de jovens deste tempo. Oportunidade que também passa por se perceber e aprender como lidar com estas ferramentas e potencializar práticas docentes renovadas.

Este estudo parte de uma experiência única, mas remete ao difícil exercício de manter a lucidez sobre aquilo em que estamos mergulhados de modo tão passional.

Em última instância, deseja compreender as mudanças sem lamentos numa espécie de luto infinito. Procura aceitar as diferenças e as variações, menos como riscos e mais como raios que atravessam carregados de energia nosso cotidiano. Talvez assim possamos testemunhar em nossa vida, sobretudo na relação com os nossos jovens, o nascimento de novas condutas cognitivas que ultrapassam a repetição para buscarmos alternativas mais criativas e ousadas.

CAPÍTULO I

2. IMAGINÁRIO DE JOVENS: UM CALEIDOSCÓPIO EM TRÊS DIMENSÕES.

Cada sociedade cria, através de suas crenças, valores, medos e desejos, fronteiras, interdições e convenções que formatam aqueles que nela vivem. As sensibilidades e as percepções sobre as mais diferentes dimensões da vida são alimentadas por um imaginário que, ao mesmo tempo, contém aspectos instituídos e instituintes, comportando as mais diversas e contraditórias representações.

Neste capítulo, pretendemos refletir sobre alguns aspectos do imaginário sobre juventude e como os jovens se colocam nesse espaço, justapondo o tempo contemporâneo a outros momentos passados. O capítulo foi estruturado a partir de três itens: o primeiro analisa a juventude, não como um valor cultural estático, definido simplesmente por uma natureza biológica atemporal, pois sabemos que se trata de um conjunto de atribuições definidas para os indivíduos, conforme o tempo e a sociedade. O esforço consiste em observar como “aquela etapa da vida”, que um dia poderia ser ultrapassada, foi sendo alterada como concepção até tornar-se um ideal extensivo a outros momentos da vida.

O segundo item aborda a juventude pela construção midiática, quando parece que a televisão, o cinema e a publicidade fundam uma nova heterotopia. A vida tem gosto de seriado *Friends*, com muitos amigos e humor, e a juventude torna-se um estado ou território em que quase todos querem viver indefinidamente. Como os jovens alimentam e são alimentados pelas características desse “lugar”? Como se colocam diante dessas formatações?

O terceiro item discute os jovens definindo-se e redefinindo-se, afirmando e recusando lugares e atribuições, alimentando não só o imaginário construído sobre o que se concebe como juventude, mas, também, instituindo novas fronteiras, buscando novas possibilidades, redesenhando convenções e estabelecendo novas referências. Quando analisamos os itens, tomados como as três dimensões sob as quais observamos os jovens, percebemos que eles sabiam que a idade adulta chegaria um dia, e os adultos sabiam que seus

jovens "cresceriam" e se tornariam bombeiros, deixando de ser incendiários. O que ninguém imaginara até a pouco menos de um século, é o quanto a juventude seria fantasiada, para muitos, como um território ideal, estético e cultural do tempo presente.

2.1 Primeira dimensão: faceta histórica.

A importância atribuída à juventude tem sofrido variações ao longo do tempo. Se, na história antiga ocidental, os jovens não passavam de meros figurantes, na modernidade eles se tornam coadjuvantes e, na contemporaneidade, ocupam o papel de protagonistas, principalmente quando vivemos numa sociedade que cultiva o prolongamento da beleza, do frescor e do vigor, características juvenis almejadas e perseguidas pela maioria dos políticos, das estrelas, dos modelos e toda a sorte de celebridade ou mesmo pessoas comuns. Todavia, convém salientar que se os valores e as atribuições relacionadas à juventude sofreram variações, eles estão longe de serem gradativos, acumulativos e contínuos.

Quando olhamos os corpos pelos registros da arte, constatamos que, ao longo da História, certos códigos indicavam a idade, o *status* social e o poder de cada indivíduo na coletividade. Nas iluminuras medievais, por exemplo, os jovens, na maioria das vezes, apareciam nas margens, próximos às bordas da página. Eram retratados em cores escuras e em estatura pequena, porque "pequeno era o lugar que ocupavam na sociedade" (LEVI; SCHMITT: 1996.252). Os jovens dos tempos do cristianismo gótico eram coadjuvantes de uma sociedade que possuía uma expectativa de vida extremamente limitada por doenças, entre as quais poderíamos citar as pestes e as pragas, além de estarem expostos às guerras; logo, as iluminuras retratavam o quadro sombrio que se apresentava aos jovens de então.

Na Grécia Antiga, ao contrário, num período que cultuava o corpo e a vida ao ar livre, conforme uma sensibilidade que os cristãos condenariam como pagã, podemos constatar uma narrativa presente em peças utilitárias como taças, hídrias, ânforas e vários outros objetos de decoração, destacando que o objetivo dos artistas era justamente:

captar a graça insuperável dos belos corpos dos homens e mulheres jovens. Xenofonte nos conta uma visita à casa do pintor Parrásio: 'A arte da pintura não é uma figuração das coisas visíveis? As cavidades e o relevo, a sombra e a luz, a dureza e a moleza, a aspereza e o polimento, a juventude. Não os reproduzis por meio de cores que representam corpos? Buscar a beleza plástica não é apenas uma operação mimética, é idealizar o sujeito'. (LEVI; SCHMITT: 1996.35)

Aqueles objetos testemunham, assim, as qualidades atléticas e a juvenilidade, representando a imagem do corpo vigoroso do jovem como tema central, nas cenas de caça, de prática de esportes ou da vida cotidiana.

Já na corte de Carlos Magno, durante o século IX, esse tempo era designado como "primavera da vida" (LEVI; SCHMITT: 1996.246). Simbolicamente, os jovens eram associados ao verde, "cor emblemática que representa a seiva – natureza em pleno crescimento que faz da cor verde a cor da juventude" e, sendo a cor da juventude, também o é "da esperança, do amor, mas também da desordem e da inconstância" (LEVI; SCHMITT: 1996.261). Os homens de então acreditavam que, assim como a cor verde, os jovens podiam se apresentar "resistentes, instáveis", algumas vezes poderiam até ser "perigosos" (LEVI; SCHMITT: 1996. 261).

Uma certa periculosidade também pode ser constatada na Antiguidade romana, sobre a qual a historiadora Catherine Salles (1982) relata uma passagem sobre o "bando" de Nero:

Este é um bando temido, quebra portas das lojas e das residências, rouba as mercadorias e os bens dos particulares, chega ao desplane de fazer uma cantina no palácio e vender em leilão o produto do roubo(SALLES, 1982.274).

O que o neto de Marco Antônio fazia era simplesmente roubo. Nero nada mais era que um ladrãozinho roubando e vendendo o produto do roubo por pura diversão. "O mais

divertido, diziam, é atacar os passantes retardatários” (SALLES: 1982.274-275). O bando espancava e deixava “os homens semimortos nos canais; as mulheres e os rapazes eram violados nas vagabundagens noturnas” (SALLES, 1982). Esses atos de “vagabundagens” praticados pela juventude da elite deste tempo eram concebidos como corriqueiros, passíveis de representações, mas toleráveis em seu grau de transgressão passageira.

Percebemos, em outra passagem da história, que esse é um comportamento familiar reincidente, pois, quando jovem, o avô de Nero, Marco Antônio, e sua esposa Cleópatra aproveitavam ao máximo tais noites de algazarras e depredações e vagabundeavam pelas ruelas do bairro de Racotis. Quando começava a manhã, voltavam para o palácio real cansados, mas alegres, relata Salles (1982: 274).

Marco Antônio e Cleópatra cometiam toda a ordem de vandalismo e arruaças que se pode imaginar, mas tal diversão não parecia restrita apenas aos nobres. O prazer em cometer alguns delitos e espancar não estava associado a uma determinada classe social, mas a uma identidade juvenil. Algazarras, bebedeiras e espancamentos constituíam-se em “diversões” cotidianas que cabiam, também, na história de pessoas comuns. Ariston narra situação dessa natureza, à qual foi submetido em dada época:

fui atacado por Cãnon e Teogênio que, para começar, me arrancou o manto, dobrou meu joelho e me atirou na lama. Deram-me pontapés e me espancaram a tal ponto que me fenderam o lábio e machucaram meus olhos. Deixaram-me em tal estado que não pude nem me levantar nem dizer uma só palavra. Estendido na lama, escutei-os dizer homeres tais que não tenho coragem de repeti-los aqui. O seguinte fato vos provará que Cãnon é o responsável por isso tudo: com efeito, ele imitava o galo vitorioso e os demais o incitavam a bater os flancos com os cotovelos, como se fossem asas. Mais tarde alguns passantes me encontraram inteiramente nu, sem meu manto, (que

havam roubado) e me levaram até minha casa numa padiola (SALLES: 198.30-31).

A Cânon e Teogênio restou o mérito histórico de ter realizado uma façanha por puro divertimento. Para Ariston, sobraram alguns hematomas pelo corpo, além de ter sido roubado e humilhado.

Essas são histórias que mostram comportamentos e papéis juvenis em diferentes lugares e épocas, retratando como a moral vai se transformando e determinando algumas mudanças; no entanto, para além das diferenças e rupturas, também há certas permanências que poderíamos inserir na atualidade. Diariamente, ao abrirmos os jornais, encontramos muitas notícias envolvendo a juventude. Assim, as vagabundagens juvenis deste tempo, a exemplo do que se registra na Roma Antiga, pouco foram alteradas, a não ser por seu tempo. A Roma republicana e imperial, porém, possuía uma maneira própria para marcar essa fase da vida, registrando uma identidade singular para a juventude. Para os romanos, o indivíduo do sexo masculino deixava de ser criança quando estava pronto para envergar a “toga viril”, o que era um ato formal, como um ritual de passagem. Numa determinada noite, o jovem dormiria com uma túnica lilás que identificava as crianças. Na manhã seguinte, ele despia as vestes e as trocava por uma de outra cor. A partir de então, estavam abandonados os “emblemas da infância” (LEVI; SCHMITT: 1996. 252). O que facultava aos jovens, nessa fase da vida, não serem mais reconhecidos como crianças era o ritual iniciático da toga; ritual de passagem a partir do qual seriam reconhecidos pela sociedade sob um novo olhar estatutário. O direito a este *status* estava em vestir um camisolão de outra cor.

Tal ritual, no entanto, não isentaria o jovem da autoridade paterna: púbere ou não, casado ou não,

permaneceria sob a autoridade paterna e só se tornaria adulto, na nossa concepção, após a morte do pai, este era o juiz natural e podia condená-lo à morte por sentença privada. Ademais, a capacidade de testador era infinita, e o pai podia deserdar os filhos (VEYNE: 1983. 40).

Não é por acaso que o imaginário de parricídio era tão forte nesse tempo, já que “psicologicamente, a situação de um adulto com pai vivo é insuportável. Ele não pode fazer um gesto sem o pai” (VEYNE: 1983.41). A arma da autoridade paterna, basicamente, era o testamento, que era utilizado como argumento coercitivo.

Ainda com relação a ritos de passagem, Heródoto registra (SALLES: 1982.33) que as moças dessa época também passavam por um ritual, permanecendo, desde muito jovens, no templo da Deusa Anaitis. Era costume que os homens mais importantes entregassem as suas filhas ainda virgens:

a lei determina que elas se entreguem à prostituição durante muito tempo, em benefício da Deusa, antes de serem dadas em casamento; ninguém julga uma indignidade casar com elas depois(SALLES: 1982.33).

Das jovens, exigia-se apenas que ficassem perambulando pelo templo para atender aos homens que as procuravam.

Elas não poderiam recusá-los e deveriam atender a seus desejos, não importando se fossem velhos, jovens, doentes ou malcheirosos. O objetivo era o dote que cada uma conseguia recolher, pois cada “programa” era recompensado em dinheiro, de acordo com a vontade de cada um. As moças consideradas mais bonitas tendiam a conquistar o dote mais rapidamente do que as mais feias. Assim, podiam retornar mais cedo ao lar para se casar.

Na Grécia Antiga, também havia um ritual de passagem, em que o mais velho seria o tutor do mais jovem, o qual teria lições de cunho militar e sexual. A homossexualidade era uma prática tão comum quanto a caça, o esporte, a equitação ou qualquer outra atividade juvenil. Na realidade, não sabemos ao certo onde começava a educação e onde terminava a sedução (LEVI; SCHMIT: 1996.51). A história registra que as atividades dos jovens junto aos mestres eram agradáveis, divertidas e prazerosas. Incluía exercícios físicos e o reconhecimento do território para realizar a caça, além das

leituras. As famílias importantes tinham seus jovens confiados a homens de prestígio e era uma honraria ser escolhido para tal. O jovem e o mestre saíam para uma aventura que, na maioria das vezes, durava dois meses. Nesse período, o mestre compartilhava com o pupilo todo o seu conhecimento.

Dependendo do *status* social de cada família, hoje em dia ainda são cultuados alguns rituais de passagem, como por exemplo, o *debut* das meninas. As famílias mais abastadas organizam uma grande festa para comemorar os quinze anos, o que, tempos atrás, significaria a apresentação da jovem à sociedade. Comparando com a atualidade, cada vez mais o *debut* vem perdendo o *status* de um ritual, pois as jovens saem cada vez mais cedo para se divertir em baladas e o ritual em si não tem mais o sentido de outrora. Além disso, meninas da classe média preferem utilizar o dinheiro que seria empregado na festa para viajar ao exterior; geralmente o destino escolhido é *Disneyworld*, outras preferem algum presente mais significativo, ao invés do evento em si.

Outro fato contemporâneo que se assemelha aos costumes de algumas famílias abastadas da Antiguidade, é a possibilidade de o jovem realizar o *grand-tour* que fazia parte do aprendizado dos rapazes. Isso equivaleria ao intercâmbio cultural que muitos deles, oriundos da classe média, realizam, passando um ano ou seis meses em alguns países da Ásia, América do Norte ou Europa, onde, entre outras atividades, aproveitam para aperfeiçoar o idioma. Na Antiguidade greco-romana clássica, o *tour* era considerado da maior importância, pois agregava ao moço um cabedal de experiências que seria levado para a vida adulta, ampliando seu conhecimento de mundo e seu conhecimento sobre política, sendo importante, também, no que diz respeito à preparação para a chefia de uma família, no futuro.

Nesses fatos relacionados, percebemos rituais de passagem que guardam certas afinidades. No entanto, apesar de certas permanências, os rituais de passagem não aconteciam da mesma forma, e não acontecem, até hoje, para um grande número de indivíduos das classes menos favorecidas. Tanto lá, como aqui, na maioria das vezes, esses jovens, precisam ajudar no orçamento familiar, e os rituais de passagem não cabem na sua história de vida, já que, desde muito cedo, são obrigados a trabalhar. Esse é um grupo a quem, praticamente, é negado um

tempo de permanecer jovem. Tais jovens passam muito cedo da infância, quando as têm, para a vida adulta produtiva.

Se fôssemos observar a Grécia, o sacrifício para a sobrevivência tinha outro sentido, pois a classe média enjeitava os filhos ou os abandonava se não pudesse sustentá-los. A sociedade acreditava ser melhor isso do que deixá-los entregues a uma educação que os prejudicasse quanto à sua dignidade (LEVI; SCHMITT: 1996; ÁRIES: 1981). A distância entre pais e filhos era imensa, já que os bebês eram entregues a uma nutriz. É curioso esse desprendimento em relação às crianças, pois, hoje, elas ocupam o espaço principal da família contemporânea e possuem um estatuto que trata de seus direitos. Na Grécia havia outro entendimento, como registra Veyne (1983:23): “a criança que o pai não levantar será exposta diante da casa ou num monturo público: quem quiser que a recolha”. Ao pai, cabia a decisão de aceitar ou não determinado filho, sem nenhum constrangimento social ou legal.

Era mais frequente que se enjeitassem meninas do que meninos, pois esses possuíam uma importância maior na *polis*. Já os romanos afogavam as crianças mal-formadas. Essa atitude, no entanto, não vinha acompanhada de nenhum tipo de moral recriminadora. Registra Sêneca (citado por VEYNE: 1983.23): “É preciso separar o que é bom do que não pode servir para nada”. O aborto era livre, e pouco importava se a mulher se livraria ou não de um filho indesejado; “nem os moralistas mais severos podiam impor à mãe o dever de guardar seu fruto: sequer pensaram em reconhecer ao feto o direito de viver” (VEYNE: 1983.26).

Quanto às mulheres, estariam subjugadas ora ao pai, ora ao marido. Aos doze anos, uma menina estaria na idade núbil, e algumas eram dadas em casamento em mais tenra idade. O matrimônio se consumava aos catorze anos, quando a mulher seria considerada adulta. “Os homens, então, a chamam de senhora e, vendo que nada mais lhes resta senão partilhar o leito de um homem, elas se põem a enfeitar-se e não têm outra perspectiva” (VEYNE: 1983.32).

Através desse rápido passeio por alguns momentos da História Antiga e Medieval, evidenciamos que as delimitações sobre ser jovem, criança ou púbere não são naturais, mas foram codificadas e simbolizadas, produzidas pelo olhar de cada época e sociedade, com suas representações e atribuições peculiares.

Assim como a velhice, a infância, a maturidade e a adolescência, não se pode caracterizar um tipo de juventude que atravesse verticalmente o tempo histórico de forma definida ou padronizada, sendo constante o modo como cada sociedade percebe seus jovens, velhos, mulheres, homens ou crianças. Apesar de serem encontradas certas semelhanças e permanências culturais que sobrevivem no mundo ocidental, não existe uma essência do que venha a ser velho, criança, homem, mulher ou jovem.

Concluimos, também, que os jovens não foram mais nem menos violentos do que são hoje ou que não eram mais nem menos rebeldes, conformados, agressivos ou baderneiros. Em cada tempo, e em cada sociedade, transforma-se o olhar que a sociedade tem sobre eles e, conseqüentemente, eles também não são os mesmos. Logo, a própria juventude vai se adequando e sendo também modelada por esse olhar ao longo de cada época. Assim, é preciso repensar e desconstruir os atributos de rebeldes, conformistas, alienados e tantos outros adjetivos que se impõem na construção do jovem em cada época, porque, como qualquer outro indivíduo, eles podem ser tudo ou nada disso ao longo da história, conforme as “gavetas” em que perigosamente arriscamos enquadrá-los.

Se, hoje, a juventude tem significação distinta de outras épocas, é preciso atentar para sensibilidades e percepções próprias de nosso tempo para que possamos compreender o jovem.

A juventude que, antes, precisava ser aceita e reconhecida como uma faixa etária que antecedia a dos adultos, no presente, torna-se um ideal desses mesmos adultos, por ser supostamente um tempo de férias permanentes. Como sugere Calligaris (2000), trata-se de uma maneira de ser adulto quanto aos prazeres, mas sem as obrigações relativas à maturidade. Completando esse pensamento, Beatriz Sarlo (2000), ao fazer uma crítica da cultura contemporânea, escreve que:

a categoria jovem garante um outro “*set* de ilusões”, com a vantagem de poder trazer à cena a sexualidade e, ao mesmo tempo, desvencilhar-se mais livremente de suas obrigações adultas, entre elas a de uma

Retornando ao pensamento de Calligaris (2000), o psicanalista chama atenção para uma ambiguidade presente no porquê de os jovens desejarem o reconhecimento dos adultos, se, na verdade, são esses mesmos adultos que parecem pedir que os jovens os reconheçam como pares.

Entre os privilégios e os prejuízos da sua elevada visibilidade, entre as perdas e os ganhos, os benefícios e as vulnerabilidades provenientes do lugar que ocupam no mundo contemporâneo, os jovens vão construindo a sua história, como cantam os Engenheiros do Hawaí: “Neste mundo de gigantes, onde se trocam vidas por diamantes, a juventude é uma banda, numa propaganda de refrigerantes”.

2.2 Segunda dimensão: molduras da mídia.

É bastante comum alguém lembrar que cada um vê o mundo conforme os óculos que coloca. De fato, cada época produz diferentes homens, os quais, por sua vez, constituem diferentes imaginários, a partir dos quais interpretam determinados fatos, mitos e crenças, bem como projetam sonhos, ideais e expectativas. Em nossa época, não seria exagero afirmar que predominam os óculos com lentes de televisão, jornal, revistas, cinema e anúncios publicitários. É aqui que o jovem se torna a referência que quase todos desejam ser, por tempo indeterminado. Essa talvez seja a fantasia que predomina no imaginário da maior parte da nossa sociedade.

Através das lentes de nosso tempo, podemos reconhecer que os anos 60, por exemplo, descobriram a juventude como uma geração moderna que tinha muito a dizer e que vivenciava profundas mudanças sociais e culturais. Os *hippies* dos anos 70, a tropicália, as drogas e o amor livre incentivavam uma nova maneira de viver influenciada por modismos que circulavam pela América Latina, pela Europa e pelos Estados Unidos, assim como faziam referências ao extremo Asiático e à Índia.

No Brasil, para dar um enfoque mais próximo, drogas, sexo e *rock* eram o ideal de uma geração que nasceu junto com o reator nuclear e a bazuca. O símbolo ‘Paz e Amor’ era

estampado em camisetas, anéis e em todos os espaços de leitura passíveis de utilização na construção da identidade de uma época. Entre os ícones dessa geração, destacam-se Geraldo Vandré, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rita Lee, Milton Nascimento, Jorge Ben; também compareciam as referências dos americanos Jimmy Hendrix e Janis Joplin. Na Inglaterra, os Beatles eram a vanguarda, reconhecida como jovens que revolucionaram, através da arte, os costumes de sua época.

E, hoje, quais as representações que estão no imaginário em torno dos jovens? Na contemporaneidade, não se pode mais situar o tempo de estar jovem numa cor, por exemplo, como acontecia na dinastia de Carlos Magno. Hoje, os jovens são como camaleões, mudam a toda hora. Quando pensamos nos cabelos, estes podem estar amarelos, laranjas, azuis, quem sabe vermelhos, ou todas as cores ao mesmo tempo? Nesse tempo, tudo é volátil, não se fixa facilmente. Por outro lado, não são poucas as dificuldades para caracterizar a juventude. É impossível saber quantas manobras criativas são necessárias para marcar uma identidade que se diferencie dos objetos de desejo; quantas manobras inventivas são necessárias para que não se imobilize uma identidade. Mesmo assim, percebemos uma necessidade, por parte de especialistas, pais e professores, de fixar lugares. Calligaris (2000:19), escrevendo sobre adolescentes de classe média urbana e escolarizada, destaca “o amadurecimento dos órgãos sexuais” para a entrada na puberdade, porém encontra dificuldades para determinar a saída. Segundo esse autor, o jovem perde a segurança do amor que era garantido enquanto criança, sem ganhar em troca outra forma de reconhecimento. “Portanto não é nem criança amada, nem adulto reconhecido” (Calligaris: 2000. 24).

Em outro exemplo, Groppo (2000) situa a juventude dos treze aos vinte e seis anos, num total de treze anos de preparação para a vida social e produtiva, no entanto, se levantássemos outros dados institucionais que indicam o lugar dos jovens de acordo com determinada idade, teríamos outros inumeráveis territórios. Entre eles, podemos citar a Organização Mundial da Saúde (OMS), que determina a faixa dos dez aos vinte anos como a fase da adolescência.

No Brasil, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) estipula a idade legal para votar aos dezesseis anos, embora a obrigatoriedade seja somente a partir dos dezoito anos, idade

também delimitada para a responsabilidade penal. Já a obrigatoriedade escolar é garantida até os catorze anos. Outro aspecto a considerar, é que a indústria e o comércio serão duramente punidos pelo Tribunal Superior do Trabalho (TST) se admitirem menores de dezesseis anos. Em outros países ou culturas da atualidade, essas idades podem ser relativizadas, como, por exemplo, no Turcomenistão, país da Ásia menor, onde a infância vai até os treze anos e

a adolescência estende-se aos 25. Jovens são todos os homens e mulheres até os 39 anos, e a maturidade termina aos 49. Dos 49 aos setenta, vive-se a idade da inspiração. E só é velho, quem tiver mais de 85 anos. Quem manda neste país é Saparmurat Niyazov, que deu a si mesmo o título de presidente vitalício. Saparmurat tem 62 anos – ou seja, está no tal período que ele chama de idade da inspiração (REVISTA VEJA: 2002.21).

Existem inúmeros discursos fundadores que tentam fixar um lugar ou um não-lugar para os grupos sociais. Nesse caso específico, podemos perceber como o presidente do Turcomenistão classificou as idades em seu país, fugindo totalmente às indicações anteriormente estipuladas por especialistas, seja no Oriente ou no Ocidente, as quais distribuem as fases do desenvolvimento humano em infância, adolescência, idade adulta e a velhice.

Quando elaboramos a questão sobre como “os nossos jovens” indicariam quem é o jovem, buscávamos o conceito elaborado por eles e ficamos curiosos sobre as respostas dos pesquisados. Ou seja, como eles se colocam nesse fenômeno?

Gustavo, 18 anos, se mostraria indiferente com a proposta de Saparmurat. Para ele, “jovens são as pessoas que sabem viver sem se importar com a idade”.

Jéssica, 16 anos, escreve que são “jovens todos aqueles que de uma forma ou outra tentam mudar a concepção do mundo. Não importa a idade, desde que se tenha perseverança e vontade de realizar aquilo que quer”. Fábio, 19 anos, argumenta que são “pessoas com grande potencial de mudança, criatividade e muito fôlego para conquistar seus

objetivos”. Na opinião de Renato, 21 anos, o “jovem na atualidade nunca é o presente”, pois acredita que

quando você é uma criança ou um jovem adulto, você sempre é o futuro da sociedade ou o próprio futuro e depois que você chega nesse futuro você passar a ser o que um dia você foi. Então os jovens na sociedade sempre são o futuro, mas eu considero os jovens o próprio presente, nós que modelamos a moda e as tendências mais presentes no nosso dia a dia, quem está entrando massivamente no mercado de trabalho e revolucionando a internet são jovens.

Vinicius, 21 anos, não gostaria de responder a essa pergunta apenas pelo “aspecto biológico, que seria muito óbvio”, pois, acredita que os jovens são aqueles

para os quais a sociedade transmite um conhecimento, numa proporção maior do que o ato de praticar esse conhecimento. Isto é, o jovem é aquele que mais aprende do que executa, é aquele que está numa fase da vida em que insere fatos, acontecimentos, etc. na mente para formar sua personalidade, para se tornar “alguém”, para formar valores, para prosseguir nesse ciclo.

Relacionando-se esses critérios que estipulam e delimitam o que significa ser jovem, podemos remeter à reflexão sobre o quanto à produção de valores e atributos encontra sentido na coletividade a que os indivíduos pertencem. Tal como concebe Baczko (1985), é sempre no âmbito do imaginário social que uma coletividade

[...] exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código [...] através da instalação de modelos formadores. [...] Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade em que cada elemento encontra o

seu 'lugar', a sua identidade e a sua razão de ser. (BACZKO: 1985.309)

Ao ligarmos a televisão, ao abrirmos os jornais ou as revistas, ou mesmo quando passeamos pelas ruas, capturamos a juventude estampada em cada esquina. Não é preciso muito esforço para perceber o interesse dos veículos midiáticos por esses sujeitos belos e vigorosos e pelo que eles representam. Se, antes, algumas tribos ou comunidades recorriam aos velhos para aprender ou se informar sobre determinadas experiências, hoje o *marketing* busca, de todas as formas, identificar, definir e inserir lugares e espaços de consumo, envolvendo a economia, a arte, a política, o lazer e os afetos do universo jovem. Com alvo certo, atinge de forma contínua um enorme contingente, tocando e modelando seu imaginário, construindo e desconstruindo desejos e projeções. E os jovens, como têm se colocado nesse espaço: irreverentes? Rebeldes? Questionadores? Excêntricos? Alienados? Desligados? Consumistas?

Pesquisando em seus *blogs* poderíamos inferir como encaram esse processo. Parece-nos que, antes de tudo, se constituem em "criações, a partir das quais aparecem novos possíveis que anteriormente não existiam, pois eram privados de sentido" (CASTORIADIS: 1982.83-91). *Seres multifacetados*, como argumenta Astrid, 23 anos, blogueira da nossa pesquisa.

Em uma revista semanal, encontramos um anúncio intitulado *Currículo Vitae* que registrava:

Dados pessoais: Não é da sua conta; Idade: Bem menor que a sua; Experiência: De vida; Línguas: Só uma comprida e vermelha; Salário pretendido: Não te interessa; Referências: Mamãe. Ela diz que sou o máximo (REVISTA ISTOÉ: 18 nov. 2002.14).⁸

Que identificações estarão sendo construídas como atribuições do ser jovem na atualidade? Quem empregaria uma pessoa, independentemente de idade, classe social ou gênero,

⁸ No final do "currículo", ao invés de assinatura, aparece uma boca marcada com batom, imitando um beijo.

que entregasse um currículo desses? Se voltarmos nosso olhar para a televisão, veremos que um desses sujeitos que a mídia tem construído pode ser o apresentador Marcos Mion, 26 anos. Todos os dias, das vinte e uma às vinte e duas horas, um determinado canal de programa jovem coloca no ar o programa com Mion, com liderança absoluta entre os jovens. No programa, chamado “Descarga”, Marcos se apresenta com muita informalidade. É criativo e irreverente. O apresentador não se preocupa em ser sexy ou charmoso, parece que não liga se passar por ridículo, é debochado, irônico e engraçado. Seu *partner* no programa é um sósia, auxiliar que interage com o apresentador, e que nunca responde às questões. Mion faz o programa de uma hora em monólogo, todavia ao lado do *partner*. Alguns jovens que conhecemos acham Mion e o programa um sucesso total ou ‘tudo de bom, irado, massa’, que é como se expressam quando gostam de algo, argumentando que esse programa oportuniza a irreverência e muitas gargalhadas no final da noite. Assim, existe a possibilidade de entrar noite adentro, aguçando o imaginário daqueles que conferem determinado sentido aos jovens que se parecem com o apresentador ou dos que vestem óculos de jovens que podem ser este ou aqueles. Modelos de representação reproduzido, muito bem, por tal programa de televisão, que traça o perfil de um jovem mais irreverente e ousado e que pode caracterizar-se como qualquer um dos nossos pesquisados, pois, neste caso, parece que Mion serve como um espelho ou modelo a seguir.

Outra construção elaborada pela televisão é o personagem Tuco, no *sítcom A Grande Família*, apresentado às quintas-feiras por outra grande rede de televisão brasileira. Tuco quase sempre aparece como um *outsider*. Ele surge em cena com roupas curtas, caracterizado como um personagem infantilizado ou como alguém que não quer sair da infância. Num dos episódios, Tuco não sabe o que fazer com um bebê que chora. Quando alguém sugere que pode ser a necessidade da mamadeira ou da trocas de fraldas, ele fica desorientado. O desenrolar da história acaba com todos os outros personagens o tratando como um brinquedo que precisa da opinião para orientar-se acerca de como cuidar do bebê, pois aquele jovem demonstra não saber o que fazer nessas circunstâncias. Pela comicidade do quadro, a incapacidade se sobrepõe ao que se poderia aprender em ocasião como essa. Todavia, ao que parece, nas

observações realizadas em locais públicos e privados, esses jovens estão longe de enxergar nas representações que tais personagens encarnam na mídia, uma identidade de si. Diferentemente desses personagens caricatos que a televisão produz e que, de certa forma, podem influenciar como código de modelos formadores, os jovens, ao que parece, não são todos tão inseguros e contrariam o modelo apresentado. Parecem querer deixar distante de si a imagem de um Tuco infantilizado, um Mion extremamente irreverente que a mídia televisiva insiste em afirmar como característica de jovem desse tempo.

Ainda tratando de mídia, a última edição que saiu da Revista Veja Jovem (Edição especial de setembro de 2003: 60) indica como deve ser a atitude do jovem para ir a uma *rave*, tipo de festa que acontece num lugar isolado como uma fazenda ou sítio. A música que predomina é a *tecno music*. Nessas festas, há o consumo, por parte de alguns frequentadores, da nova droga sintética chamada *ecstasy*,⁹ denominada também como "bala", a droga da moda. Na maior parte das vezes, é consumida pelo usuário com o objetivo de dançar a noite toda sem cansar. Alguns especialistas, entretanto, têm advertido que, entre outros, um dos perigos da nova droga é o usuário não perceber a quantidade de líquido que perde ao dançar. Também não sente cansaço, fome, sono nem sede, o que ocasiona desidratação e superaquecimento do corpo, complicações cardíacas e renais. Além disso, causa danos severos à memória e à capacidade cognitiva, com indícios de perdas irrecuperáveis para o cérebro.

Segundo estimativa da ONU (Organização das Nações Unidas), o número de usuários de *ecstasy* no mundo é de 29 milhões, como indica a Revista Superinteressante (Disponível em endereço <http://super.abril.com.br/cotidiano/cada-vez-mais-social-445511.shtml> - Versão eletrônica. Acesso em 17.09.09).

Na contramão desses dados, que indicam um aumento na precocidade da idade dos usuários de drogas, atualmente passando dos catorze para os onze anos (ficou constatado que um em cada quatro alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, na rede pública, já experimentou algum tipo de droga), os números da pesquisa da UNESCO demonstram que 92% dos jovens nunca usaram drogas. Talvez, no grupo dos nossos pesquisados, encontremos alguns que podem engrossar as

⁹ Conhecida nos meios científicos como metilenodioximetanfetamina ou MDMA.

estatísticas dos 8% que usam drogas regularmente. Nesse caso, estão inseridas também as bebidas alcoólicas e os cigarros.

Ainda em busca de indícios acerca da construção identitária dos jovens pela mídia, nas páginas da mesma revista são encontradas dicas de *DJs* (*disc-jóqueis*) e de produtores musicais que entendem do assunto para formar uma lista de *hits* que "eles não podem deixar de ouvir", indicando as possibilidades de copiá-los através da gravação de *CD* ou mesmo baixando em *MP3*, para aqueles que possuem essa possibilidade ao utilizar a internet e gravar as músicas da sua escolha.

As dicas, porém, não ficam só aí. A publicação ainda especifica as músicas ideais para ouvir em cada momento ou lugar. Na praia, por exemplo, a sugestão é *Rindo à toa*, um forró do grupo Falamansa, ou *Que vês?*, do grupo Tihuana, talvez um *rock* ou, então, um *reggae* do grupo Raça Negra chamado *Na moral*. Há, também, indicações de músicas para quando querem conquistar alguém, melodias para dançar ou para os dias que estão *down*, que significa chateado, 'para baixo', na fala dos jovens. Observamos, nos *blogs* dos pesquisados, que existe um elo muito forte entre essa geração e a música, não é à toa que se abre um espaço longo na revista para indicar as músicas "mais adequadas" para determinados momentos. Confirmando essa preferência, a maioria dos pesquisados insere letras ou *clips* do seu cantor favorito. Para além disso, é visível no cotidiano dos jovens o uso do *disc-man*, *mp4*, *walk-man* e celular - companheiro inseparável -, em todos os momentos e lugares.

Para enriquecer a reflexão a respeito da relação dos jovens e a mídia televisiva, encontra-se, por exemplo, a pesquisa realizada por psiquiatras americanos e publicada na revista *Psychiatry* (Disponível no endereço www.psychiatryonline.org. Acesso em 01.10.2009). Seus autores registraram que os adolescentes americanos haviam passado nos últimos anos uma média de duas a três horas por dia em frente à tela da TV. Recente pesquisa da Datafolha com 1.541 jovens brasileiros, com idade entre dezesseis e vinte e cinco anos, amplia os dados

e mostra que nas classes C, D e E esses jovens ficam, em média, quatro horas em frente à televisão¹⁰.

Quando faz uma análise das redes imaginárias, principalmente focalizando o papel da mídia televisiva, Novaes (1991:114) registra:

A TV oferece aos telespectadores se inclinar para lá ou para cá ao sabor de conveniências e interesses situados fora deles e frequentemente contra eles. Os telespectadores se tornam disponíveis como cadáveres (ou é o que a TV esperaria) para o imaginário defendido pelo sistema representado e mantido pela TV (leia-se mídia em geral).

Esse papel central que a mídia, e principalmente a televisão, ocupa no cotidiano das pessoas denota o quanto ela atua sobre o imaginário contemporâneo, principalmente se observarmos que, através dos *reality shows*, das novelas e dos *sitcoms* criam-se representações destinadas a erigir modelos na construção de uma identidade. Assim, por exemplo, durante um longo tempo, ouvimos alguém dizer: “*Tá ligado?*”¹¹, e muitos entendem o significado linguístico deste código e o reproduzem. Pelo menos é o que observamos nos jovens que acompanhamos e que têm acesso à TV aberta, como o programa “Malhação”, por exemplo.

O programa exibido pela televisão pretende oferecer-se como um espelho em que seriam refletidos sonhos, medos e anseios dessa geração, para que os jovens identifiquem o seu lugar, a sua identidade ou a sua razão de ser. É possível, no entanto, que essa exposição exagerada ou a banalização dos sentimentos desses jovens produza uma reação contrária, ou

¹⁰(Disponível no endereço www.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u426874.shtml. Disponível em 13.10.2009).

¹¹ Chavão repetido por um dos atores do programa da Rede Globo de Televisão, denominado Malhação - versão 2009, - que, a cada duas palavras, repetia: “Tá ligado?”, tornando-se senso comum na fala de jovens.

seja, o inverso daquilo que é exibido na novela e que pretendia caracterizar um tipo de jovem.

Daqueles jovens que entrevistamos, algumas de suas falas poderiam reproduzir o que o programa de TV representa, ou seja, uma juventude um tanto apática em relação a possíveis transformações culturais, ideológicas e políticas. “Às vezes, tenho a impressão de que a maioria estacionou em frente aos meios tecnológicos e se esqueceu de progredir, principalmente intelectualmente”. “Poucas são as evoluções de ideias ou pensamentos. Mas, é claro, que existem exceções”, escreve Larissa, 21 anos, na entrevista. Fábio, 19 anos, de certo modo, soma-se à percepção de Larissa quando escreve que, “de maneira geral, os jovens hoje são pessoas condicionadas à programação da TV, sem o hábito de ler, com o nível de exigência baixo”.

Vinicius, 21 anos, faz uma análise mais complexa e se apóia em estudos científicos indicando que o

período de anos que configura uma “geração” vem caindo sistematicamente nos últimos tempos. Essa mudança brusca de uma geração para outra, num curto espaço de tempo, cria algumas rupturas que dificultam uma similaridade que me permita reunir em apenas uma resposta sobre como são os jovens atualmente.

Por isso mesmo, escreve,

acredito que hoje em dia o jovem seja esse receptáculo, pronto a receber uma enorme quantidade de informações, conhecimentos, aprendizados, embora ainda não saiba exatamente como, quando e para que utilizá-los.

Por sua vez, Luciano, 23 anos, acredita que para os jovens “não há mais regras ditando os comportamentos, mas também não há um ideal norteador, ficando todos os jovens ao sabor das campanhas de marketing de momento”.

Santos (2000) diz que há uma generalização dos papéis que são apresentados nas novelas. A leitura pessimista, na

maioria das vezes, é que a ficção representaria um número pequeno enquanto um número maior de jovens não se encaixa nas personagens inventadas pela mídia, pois

jornal, cinema, rádio e TV são meios que vieram ampliar o público e acelerar a circulação das mensagens. Só recentemente se reconheceu a importância desse Quarto Poder que busca o simulacro perfeito da realidade (ou seria pseudo-realidade). Simular por imagens como na TV, que dá o mundo acontecendo, significa apagar a diferença entre o real e o imaginário, ser e aparência (SANTOS: 2000.14).

A indagação que fica a partir desta exposição é se os jovens podem perder o controle da escolha do *self*¹² e,

¹² O *self* é o principal arquétipo estudado por Jung. Para o psicanalista, é o centro de nossa personalidade. Dele emana todo o potencial energético de que a psique dispõe. É o ordenador dos processos psíquicos. Integra e equilibra aspectos do inconsciente, devendo proporcionar, em situações normais, unidade e estabilidade à personalidade humana. Uma imagem arquetípica do potencial mais pleno do homem e a unidade da personalidade como um todo. O *self*, como um princípio unificador dentro da psique humana, ocupa a posição central de autoridade com relação à vida psicológica e, portanto, do destino do indivíduo. Para Jung, o *self* surge como origem da vida psíquica. Argumenta que "o *self* não é somente o centro, mas também a circunferência total que abrange tanto o consciente como o inconsciente; é o centro dessa totalidade, como o ego é centro da mente consciente" (cw 12, parág. 444). Na vida, o *self* exige ser reconhecido, integrado, realizado, porém, não há esperança de incorporar mais que um fragmento de uma totalidade tão vasta no limitado âmbito da consciência humana. Portanto, o relacionamento do ego com o *self* é um processo incessante. O processo carrega consigo um perigo de inflação, a não ser que o ego seja tão flexível quanto capaz de estabelecer fronteiras individuais e conscientes (em oposição a arquetípicas e inconscientes). A interação permanente entre o ego e o *self*, envolvendo um processo contínuo de referência *ego-self*, se expressa na individualidade da vida de uma pessoa. Para que o *self* não pareça ser inteiramente benigno, Jung enfatizava que deveria ser comparado a um demônio, um poder determinante sem consciência. As decisões éticas são relegadas ao homem, portanto, com relação a intervenções do *self*, que podem advir através de sonhos, por exemplo. Jung advertia que uma pessoa deve, tanto quanto possível, estar cônica daquilo que ela decide e do que faz. Depois, se responde positivamente, não está simplesmente submissa ao arquétipo nem obedecendo a seu próprio capricho; ou, se se desvia, fica consciente de que pode estar destruindo não apenas alguma coisa de sua própria invenção, mas uma oportunidade de valor indeterminado. O poder de exercer tal discriminação é a função da consciência. Acompanhando Jung conceitualmente, o *self* pode ser definido como uma incitação arquetípica para coordenar, relativizar e intermediar a tensão dos opostos. Por meio do *self*, é- se posto em confronto com a polaridade de bem e mal, humano e divino. A interação

esquizofrênicos, constituir múltiplas personalidades sem saber onde se localizar, tal como o movimento da escolha do menu no controle remoto, que é manipulado de um lado para outro numa procura frenética, por algo que lhe dê sentido à existência.

Para Thompson (1998:03), teórico da comunicação, o *self* não pode ser visualizado nem como produto de um sistema simbólico externo, nem como uma entidade fixa que o indivíduo pode imediatamente e diretamente apanhar; muito mais do que isto, para o autor, o *self* é um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente.

É importante considerar que essa construção é realizada com os materiais simbólicos que lhe são disponíveis. Para Thompson:

materiais com que ele vai tecendo uma narrativa coerente da própria identidade. Esta é uma narrativa que vai se modificando com o tempo, à medida que novos materiais, novas experiências vão entrando em cena e gradualmente redefinindo a sua identidade no curso da trajetória de sua vida (1998.184).

Desse modo, dizer a nós mesmos, ou aos outros, o que somos, é recontar as narrativas - que são continuamente modificadas nesse processo - de como chegamos até onde chegamos e para onde estamos indo daqui para frente.

Para Thompson, somos todos os

]

biógrafos não oficiais de nós mesmos, pois, é somente construindo uma história, por mais vagamente que a façamos, que seremos capazes de dar sentido ao que somos e ao futuro que queremos” (TOMPSON: 1998.184).

Bucci registra, na sua coluna dominical da Folha de São Paulo (2002: 2), em relação aos *reality shows*, que esses programas apresentam “o pior da realidade e o pior do show, do

exige um exercício da liberdade humana máxima perante solicitações aparentemente incompatíveis da vida; o único, exclusivo e decisivo árbitro é a descoberta do significado. Dicionário crítico de análise Junguiana (Disponível em <http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/self.htm>. Acesso em 10.10.09).

pior do jornalismo ao pior do entretenimento”. Ele ainda compara os participantes a:

andróides do desejo público, programados para falar como segredos íntimos o que não passa de fetiche de massa. Não estão ali para dizer o que sentem além da compulsão da fama. Estão ali para servir [ou serem servidos de bandeja, acrescentaríamos]. Não há vida interior a ser devassada nesse tipo de programa. Há somente o interior do organismo, as vísceras cruas e as palavras idem. A multidão extasiada é pura saliva.

O que podemos perceber a partir da relação entre os jovens com quem trabalhamos na universidade, os que acompanhamos nos *blogs*, nos projetos sociais, em casa e nas redes sociais e os exemplos da mídia, entre outros locais, é a tendência de construir um real espetacular, mais interessante que a realidade, tanto para formatá-lo, estimulando consumo, paixões etc., quanto para desautorizá-los, principalmente quando os mostram em personagens ridicularizados, imbecilizados, volúveis, drogados ou, ao contrário de tudo isso, principalmente quando a figura com o qual o inventam não corresponde àquilo que os jovens dizem a respeito de sua identidade. Como biógrafos de si mesmos, os jovens serão capazes de dar sentido ao que são, ou ao futuro que desejam, tal como argumenta Tompson (1998:184).

Todavia, o jovem aparece construído nos planos midiáticos como objeto de cobiça dos adultos, quando a mídia tenta estender essa ideia de jovialidade e vigor a todas as idades, como um produto de consumo ao alcance do controle remoto ou, mesmo, considera que todos os jovens são belos e saudáveis, o que muitas vezes não corresponde à realidade.

Desse modo, finalizamos este item com a música “*Aloha*”, de Renato Russo, para quem:

A juventude é rica, a juventude é pobre,
a juventude sofre e ninguém parece perceber.
Eu tenho um coração, eu tenho ideal,
eu gosto de cinema e de coisas naturais [...]
Todo adulto tem inveja dos mais jovens [...]

Dizem que eu não sei nada, dizem que eu não tenho opinião.
Me comprem, me vendem, me estragam,
É tudo mentira, me deixam na mão.
Não me deixam fazer nada e a culpa é sempre minha!
Meus amigos parecem ter medo de quem fala o que sentiu,
de quem pensa diferente.
Nos querem todos iguais,
assim é bem mais fácil nos controlar.

2.3 Terceira dimensão: versões reais e virtuais.

A pesquisa da Datafolha, inferida no capítulo anterior, mostra que os dados referentes à TV se alteram nas respostas dos jovens das classes A e B. Nesse caso, a internet é a mídia mais acessada, com larga vantagem em uma relação de 43% a 26% de usuários por dia a favor da rede, por domicílio pesquisado. Todavia, quando consideramos a quantidade de *lan houses*, esta possibilidade se expande a favor da rede no momento em que a pesquisa situa-se fora das residências, pois, nesse caso, a tela do computador reina plena, a favor das classes C e D, com os *screenagers*.

Screenagers é como Rushkoff (1997) identifica a geração que nasceu a partir dos anos 80, independentemente de classe social. Para ele, essa é uma geração que apresenta grande intimidade com os *joysticks*, *mouses*, celulares, entre outros aparatos tecnológicos. Tapscott (1999:03) denomina-os de geração Net. A vasta maioria desses jovens tem uma intimidade muito grande com a tecnologia, assim, para o autor, a internet está para este jovem tal como a televisão para os jovens da década de 50. Todavia, para ele, essa geração, que vive cercada pela mídia digital, não deseja ficar como expectadora ou ouvinte, pois exige a interatividade que a TV não oportuniza (TAPSCOTT: 1999. 03).

A Geração Digital tem uma relação diferenciada da geração da TV, que na época atendia apenas as famílias mais abastadas. Hoje a internet atende quase todas as classes. As “periferias também estão conectadas produzindo intrincadas redes de colaboração social e deste modo elabora sua própria estética e cultura, completamente à margem das expectativas

convencionais”, escreve Lemos, professor pesquisador da área de Direito, Tecnologia e Cultura, da Fundação Getúlio Vargas.¹³

Para o pesquisador, no meio de tantas possibilidades:

é muito possível que a conjunção entre periferia e tecnologia talvez seja a mais fértil, inovadora e sustentável de todas as novas formas de produção cultural que se abrem. Exemplos incluem a emergência do cinema nigeriano, as vastas cenas musicais periféricas, como o tecno-brega e o forró eletrônico no Brasil, a cumbia villera na Argentina, dentre outras (Ronaldo Lemos. Disponível em endereço <http://virtualbib.fgv.br>. Acesso em 02.10.09).

A cultura se altera e para percebermos o que Lemos argumenta buscamos conhecer quem são os blogueiros e como se configura essa realidade nos seus *blogs*. Para tanto, trouxemos para esta dimensão a pesquisa propriamente dita como forma de compreendermos quais as possibilidades que se abrem a partir dessa mídia em relação à ética, à cultura e, principalmente, à política.

É importante considerar que, a priori, esta pesquisa tinha o intuito de pesquisar o site *Blogger*. Esse site, embora ainda exista, não está mais sendo atualizado. Comprado pelo *Google*, em 2008, aos poucos foi transferindo todo o seu banco de dados para o *Blogspot.com*. Desse último endereço, realizamos a pesquisa.

Como dito na introdução, esta pesquisa foi realizada a partir de um piloto e desse piloto chegamos às onze questões que resultaram nos dados empíricos.

A partir disso, e lendo suas entrevistas, fomos configurando o rosto dos jovens pesquisados que se constituíram em quatro meninas e seis meninos, com idades entre dezesseis e vinte e três anos. Um de cada idade e dois de vinte e um e vinte e três anos. Esses jovens são residentes de seis estados diferentes: PI, MS, RJ, SC, PA, MG e, coincidentemente, quatro do estado do Paraná. Na sua maioria, estão no ensino superior e cursam as ciências humanas e sociais.

¹³ Disponível em endereço <http://virtualbib.fgv.br>. Acesso em 02.10.09.

Acompanhando seus *blogs*, percebemos que Jéssica, assim como Larissa e Hilda, diferentemente dos demais pesquisados, escolheram um título para seus *blogs*. Jéssica escolheu *Princesa Moderna*. *Lexotan* foi o título escolhido por Larissa, e Hilda escolheu o título *Love Me Do*. Abaixo, temos uma panorâmica geral do perfil dos blogueiros.

	Nome	Blog	Idade	Estado	Cidade	Instituição	Curso
1	Astrid	cibermundi.blogspot	23	PI	Teresina	Pública	História
2	André	arquivoinsolito.blogspot	22	MS	Campo Grande	Privada	Direito
3	Fábio	filiperemedios.blogspot	19	PR	Foz do Iguaçu	Pública	2º grau
4	Gustavo	Insoonia.blogspot	18	RJ	Rio de Janeiro	Pública	2º grau
5	Hilda	heloisaikeda. Blogspot – lovemedo	20	PR	Foz do Iguaçu	Privada	Jornalismo
6	Larissa	luciana_marshall.blogspot- Lexotan	21	PR	Foz do Iguaçu	Privada	Jornalismo
7	Jéssica	guriasmulheres.blogspot	16	SC	Palhoça	Pública	2º grau
8	Renato	insanidadepsicodelica.blogspot	21	PA	Belém	Pública	C. Sociais
9	Luciano	srpersona. blogspot	23	MG	Belo Horizonte	Pública	Filosofia
10	Vinicius	zaratustratemquemorrer. blogspot	21	PR	Londrina	Pública	Direito

Ampliando um pouco mais o nosso olhar sobre o grupo pesquisado, localizamos em cada um dos *blogs* o que escreveram sobre si, assim, retiramos dos *blogs* o perfil que cada um elaborou e postou.

A esse respeito, Hilda, 20 anos, escreve que:

do pouco que eu sei, do muito que eu vivi, de tudo que aprendi e de nada que eu esqueci. Tudo que eu sou é fruto do meu passado, da minha história. Qualquer alegria, qualquer tristeza, qualquer aventura e qualquer besteira foram essenciais para que eu me tornasse eu. Não acho que sou pior que ninguém, nem quero ser melhor que ninguém. Eu sonho, até demais, mas não penso em mudar para conseguir algo, não quero me adaptar para ser aceita, quero que me aceitem como sou.

Jéssica, 16 anos, por sua vez, insere seu perfil escrevendo:

escreve aquela que dorme de meias, sejam noites de inverno ou verão. Que desenha suas próprias roupas e é obrigada a comer chocolate quando está em TPM, na verdade... Ela está em TPM todos os dias. Ora princesa, ora bruxa... Ou ainda aquela adolescente biruta de 16 anos que só pensa em estudar e se casar com seu príncipe encantado... Com modelos estranhos e uma mentalidade que nem ela entende, ela vive por aí contando estrelinhas ou ainda, abrindo a porta de seu castelo para visitantes de reinos distantes... Afinal, ela é a Princesa Moderna!

Renato, 21anos, se diz insano:

sim eu sou Insano, psicodélico ainda por cima, vejo o mundo colorido através da loucura, foi essa maneira que eu achei a minha própria verdade. Sim eu sou torto, cansei dessa noção de ser direito, o que a sociedade nos impõe, não sou socialista, nem comunista, sou apenas humano, não quero mudar a minha natureza pra me adaptar a essa mórbida coerência dos ditos lúcidos, prefiro a loucura. Ela me protege desse mundo dito organizado. Vc não é Insano? Não se preocupe a Loucura não escolhe a testa de quem ela vai furar, uma hora ela te acerta.

Vinicius, 21 anos, escreve:

o mundo cresce e o engole, o mundo corre e não para, o mundo muda e não se arrepende. Cabe a você manter a sanidade. Sou mais grito que eco, minha vida não interessa, a menos que você pergunte. Maiores informações, leia "O porquê do nome do blog", logo abaixo.

Astrid, 23 anos, escreve ser “Filha da prática. Filha da tática. Filha da máquina”. Larissa, 21 anos, assim como Astrid, é mais econômica com as palavras. Ao compor seu perfil, a blogueira escreve: “quase uma mente igual a sua”.

André, 22 anos, prefere - como muitos outros blogueiros que encontramos ao pesquisarmos - inserir o seu “Signo astrológico: Sagitário e Ano do zodíaco: Boi”. Fábio, 19 anos, escreve que sua atividade é “Artes e a profissão desenhista”. Luciano, 23 anos, e Gustavo, 18 anos, optaram por não colocar um perfil.

Desse modo eles podem ir constituindo um rosto, que embora possa ser fictício, expressa muito daquilo que eles gostariam de ser, transformando-se assim em avatares de encarnações virtuais.

Na análise das suas respostas à entrevista e na tentativa de procurar saber o motivo que os mobilizou para a criação do *blog* e o tempo gasto nas postagens, obtivemos as seguintes respostas: Hilda registrou que era porque gosta de escrever e o “blog pareceu um bom suporte para isso”. Ela ainda argumenta que esse espaço é:

uma ferramenta fácil, que pode ser acessada de qualquer lugar e a qualquer momento e ainda pode ser lido por outras pessoas, possibilitando críticas que sempre ajudam em alguma coisa, seja para resolver problemas, melhorar o estilo literário ou de alguma outra forma.

O *blog* de Larissa está na rede há dois anos, mas ela é uma adepta desse tipo de mídia, pois teve outros “anteriormente, e até paralelamente, ao Lexotan”. Jéssica escreve que o Princesa Moderna foi criado “por um simples sonho”. O *blog* existe desde janeiro de 2009, porém ela já escreveu outros. O sonho era o de mudar um pouco o mundo com as suas palavras. Ela explica que criou este *blog*

para ajudar os adolescentes com as histórias do dia-a-dia que escrevo, para exercitar o lado crítico dos demais e para desabafar

também. Às vezes creio que criei o *blog* mais para satisfazer o sonho de ser uma jornalista bem conceituada.

Fábio escreve que seu *blog* foi criado “para fazer pensar através do humor gráfico, trazer e discutir questões importantes como: política, vida em sociedade, religião e situações cotidianas”. Além disso, busca um lugar para divulgar seus *trabalhos de ilustrador e cartunista*.

Hilda escreveu que elaborou o seu *blog Love Me Do* com a finalidade de publicar alguns textos que já tinha anteriormente à criação do *blog* e estavam guardados. Ela conta que gosta de escrever desde que tinha 14 anos. Informa que “o *blog* também possibilita a publicação de vídeos e fotos de outros autores que me agradem”.

Por sua vez, Renato criou o “*blog Insanidadepsicodelica* para aliviar o estresse do dia a dia”, escrevendo a respeito de fatos que considera inusitados. Posteriormente, ele começou a dar um teor humorístico ao *blog*, pois relata que, pelo motivo de ver sempre “com humor a sociedade, passou a transformar isso em uma terapia pessoal de relaxamento e rindo do que considero “ridículo” na sociedade atual”. Seu *blog* está na rede há um ano.

Vinicius diz que criou o *blog* “*Zaratrustratemquemorrer* com o propósito de expor meus pensamentos, que, à época, fluíam e não tinham para onde ir”. Ele registrou o *blog* em janeiro de 2007.

Gustavo escreveu que criou o *blog Insoonia* por diversão, há um ano e cinco meses, mas que “já é quase uma profissão”.

Fábio criou o *blog* para fazer as pessoas pensarem, mas por meio do humor gráfico. Inserir e discutir questões com assuntos de “política, vida em sociedade, religião e outras situações cotidianas”, mas, também, para divulgar seu trabalho como ilustrador e cartunista.

Luciano criou o *blog* em 2006. Para ele, o espaço serve como portfólio local no qual reúne seus trabalhos, “pensamentos e principalmente as minhas produções literárias, pois é o lugar mais fácil para ser lido sem depender de censura ou aval de uma editora”. Do mesmo modo pensa André, que criou o *Arquivoinsólito* para expor a sua opinião à sua maneira, ou seja, ele diz: “gosto de ser sarcástico e colocar um toque de humor nas notícias”.

“Publicar notícias, textos, ideias e o que mais for possível sobre a temática da cibercultura, do software livre, do conhecimento colaborativo e temas afins” é o principal objetivo de Astrid, há um ano e meio, com o *blog Cibermundi*.

Lendo suas respostas, percebemos que os *blogs*, para esses jovens, se constituem num espaço, definido por Primo (2008:02) como micromídia, ou seja, um meio de baixa circulação que visa pequenos públicos, isso se comparados a outras mídias como TV, rádio e jornal, por exemplo. Todavia, possibilitam determinado número de acessos que gratificam ou dão sentido aos escritos postados pelos usuários. Dessa forma, o *blog* se torna espaço midiático no qual os jovens podem escrever sobre seus anseios, ideais e também abrir um espaço para o debate sem a censura de um editor ou sem a necessidade de se submeter a imposições financeiras, tal como acontece com as editoras, para publicar um livro, por exemplo.

Quanto às suas postagens, perguntamos se os jovens se preocupavam com o número de visitantes e os comentários colocados a partir do material postado. Para Hilda, essa não é uma preocupação porque ela diz que utiliza o blog “mais como uma ferramenta de estabilidade sentimental do que para atrair visitantes”. Porém, Larissa costuma “ler todos e às vezes até responder. Gosto de saber a opinião dos outros sobre o que penso ou sinto”, escreve a blogueira.

Jéssica diz que se preocupa com os visitantes, pois assim “sei se estou conseguindo alcançar meu objetivo, que seria ajudar as pessoas com minhas palavras”. Com os comentários, Jéssica crê ser possível saber “mais o que as pessoas pensam e saber onde devemos melhorar na qualidade dos escritos e do blog em geral, é ótimo receber opiniões, sugestões e elogio”.

Luciano, a esse respeito, registra que escreve “para ser lido. Gosto que meu trabalho seja apreciado pelas pessoas e que de alguma forma os afete”.

Fábio acha importante saber quantas pessoas acompanham as suas ideias e seu trabalho. Ele acredita que os comentários são importantes para que o blogueiro possa “receber o feedback do público que lê e acompanha o blog, é também uma forma de avaliar o meu trabalho como cartunista e ilustrador”.

Renato argumenta que é importante acompanhar o número de visitantes, porque “indica o nível de popularidade do meu blog e se ele está sendo bem recebido na blogosfera”.

Para Vinicius,

a indicação de que um elevado número de pessoas leu um texto meu me faz sentir que elas tiveram a oportunidade de sair da rotina, do confortável, e se depararam com algo, que vai exigir pensamento, reflexão, insatisfação, vontade de compreender, vontade de mudar.

Gustavo se diz *bem ambicioso* e que os comentários *me ajudam a melhorar o blog*. Como ilustração, trouxemos um post publicado por Vinicius do *Zaratrusta*. O blogueiro escreveu em 23.03.09:

Relato nº1.020.340.001 da Missão de Investigação e Reconhecimento do Planeta Terra (MIRPT). Ter>hum>eco.

Os meios de comunicação terrestre não versam sobre outra coisa: "crise, crise e crise". Intrigados, resolvemos descobrir do que se trata a tal crise, imaginando que o fim da humanidade estivesse próximo, devido à dimensão propalada pela "mídia". Inicialmente, pensávamos que o planeta Terra estivesse em colapso, devido aos maus-tratos que vem sofrendo, ou então que um cometa estivesse se aproximando e que uma colisão fosse iminente. Descartamos tais hipóteses após rápida consulta em nossa base de dados astronômicos e ambientais. Depois, cogitamos de um gigantesco ataque terrorista usando bombas de hidrogênio. Impossível. O símio líder tribal mundial Obama acabou por arrefecer os ânimos conflitantes dos terráqueos insatisfeitos com a ordem geopolítica das coisas. Por fim, já sem estrutura de pesquisa, resolvemos apelar para uma atitude desprezível e desesperada: lemos os jornais, além das manchetes! Descobrimos que a tal da "crise"

se dá na esfera econômica, ou seja, os terráqueos estão preocupados com dinheiro! Não sei como pudemos esquecer que os símios ligam tanto para pedaços de papéis coloridos. Aparentemente, influenciados por decisões políticas de feições duvidosas e anti-humanitárias, identificadas sob a bandeira do que chamam "neoliberalismo", os humanos criaram um sistema financeiro fictício, existente apenas no plano abstrato, cuja razão de existência se alimentava de especulação. Eles institucionalizaram a especulação e, a partir daí, criaram uma imensa "bolha". Como aprendemos nos segundos iniciais de nossa existência (ao contrário dos nossos seres objeto de estudo), as bolhas são preenchidas de ar, ou, metaforicamente falando, de "nada". Quando essa bolha financeira estourou, os terráqueos foram presenteados com "nada", o que causou pânico. Ao nosso ver, não há muita diferença entre pedaços de papéis e ar. Mas isso arrasou espetacularmente os seres humanos, cuja existência se demonstra materialista. Alguns deram cabo de suas próprias vidas (ao que parece eles não descobrem o sentido da vida enquanto respiram). Outros enlouqueceram. Alguns continuaram roubando, maquinando. Culpados são procurados por todos os cantos. De qualquer maneira, em nosso estudo, notamos que a vida continua. Constantemente passamos em frente a estabelecimentos conhecidos como "bares" e os vemos lotados, símbolo de que a "riqueza" humana persiste. Indústrias e empresas continuam de pé. A par disso, não compreendemos exatamente do que se trata, materialmente, a tal "crise", uma vez que tudo permanece na mesma. Relatamos, por enquanto, que se trata de apenas mais uma esquisitice humana.

A partir dessa postagem, Vinicius recebeu os seguintes comentários no seu *blog*:

Barbarella disse... esquisitice humana mesmo... crise? que crise? oxiiii... lá no bar num têm crise que o álcool não apague.. 23/03/09 20:56;

Tadeu disse... Só pq o Obama é negro vc chamou ele de símio, cara! Isso é um insulto a minha raça negra! Boicotarei seu blog! =Dahauhahua. Abraços 23/03/09 21:58;

Marina disse... Crise? Contanto que não acabe a cerveja... Hahuahauhauha! Se é pra morrer, que seja de rir, não é? 23/03/09 23:05;

Bruna Mitrano disse... Verdade, se nos botecos todos sorriem, cadê a crise? Tá certo que a Brahma aumentou, mas..rs 24/03/09 14:25;

Laila disse... Sensacional! =) Nós humanos e nossas esquisitices... mas o fato que elas nos tornam cada vez mais humanos. Apesar disto tudo, continuo sendo simpatizante do neoliberalismo, muito bem, obrigada. Alô, alô marciano. 24/03/09 19:31;

Gabriel Leite disse... Pode ser ingenuidade, mas eu ainda acredito na crise. Ela existe, fez muita gente perder o emprego, diminuiu o crescimento e atrapalhou um pouco as exportações do nosso Brasil. Existe também a mania humana de aumentar e dramatizar o que já é ruim, tornando tudo ainda pior. 24/03/09 21:50;

Laila disse... No Banquinho está anunciando que tem um post novo aqui chamado "homens louros de olhos azuis" ou coisa semelhante, mas quando vou clicar aparece que a página não existe. Deletaste? 01/04/09 17:36;

Laila disse... Poxa, foi uma pena...Gostaria de ter lido. Eu adoro blogs que misturam política (adoro política) =) 02/04/09 19:52

A interface de comentários, quando associada a cada postagem, ou *post* do blogueiro parece que permite certa facilidade em comentar. Nesse sentido, tecnicamente ainda é

importante considerar a inversão cronológica dos *posts*, no qual os assuntos postados mais recentemente aparecem no topo da página. Esse modo oferece maior interação entre os blogueiros e também entre os comentaristas que, a partir do *blog*, da postagem e dos comentários - desde que sejam frequentes - passam a elaborar um texto coletivo ou formar uma comunidade virtual, na qual a opinião de todos é muito bem vinda em algumas situações.

Vinicius, a este respeito escreve que

o comentário irá indicar a percepção que a pessoa teve da reflexão sobre o texto. Se ele (no caso, o post) é capaz de chegar até a mente do leitor ou não.

A este respeito Vinicius, provocativamente, dá a postagem uma apimentada quando comenta que

o símio líder tribal mundial Obama acabou por arrefecer os ânimos conflitantes dos terráqueos insatisfeitos com a ordem geopolítica das coisas.

É importante acrescentar, que toda vez que Vinicius faz uma descrição mais detalhada dos acontecimentos mundiais, sejam estes de caráter político, social ou cultural, ele usa a estratégia de se colocar como um ser intergaláctico, que de fora descreve o que vê na terra. A partir desta postagem percebemos que o blogueiro parece ainda se mostra herdeiro das antigas gerações, pois, não desvia o olhar para escapar, ou buscar uma linha de fuga. Ainda assim, não “esperamos que a máquina abstrata se pareça com o que ela produziu, com o que irá produzir” (*DELEUZE E GUATTARI: 1996. 33*).

Tadeu, seguidor do blog de Vinicius reage escrevendo: “Só pq o Obama é negro vc chamou ele de símio, cara! Isso é um insulto a minha raça negra! Boicotarei seu blog!”

Esta é uma possibilidade que se apresenta no blog de forma muito simples, ou seja, Tadeu rompe com o Blog, com o blogueiro e as significações que este oferece aos seus seguidores, pois, reafirmando o que escrevemos anteriormente,

se o rosto produzido pode ser considerado uma máquina política, desfazê-lo será, uma prática política.

A interação entre os dois finaliza, pelo menos até o final desta pesquisa.

Todavia, assim como alguns rompem por mais variados motivos outros, nos parece, valorizam estes espaços. A partir do design e da escrita, os *blogs*, quanto mais elaborados, inteligentes e criativos serão visitados mais vezes.

Para corresponder as expectativas dos seguidores os blogueiros esforçam-se para serem criativos e inteligentes nas suas postagens. Como resposta, alguns deles recebem, de outros blogueiros, selos que validam e valorizam o *blog* pelo seu conteúdo, como os colocados abaixo.



Outro exemplo destes selos é o do *blog Love Me Do*.



Hilda elaborou um regulamento para designar aqueles que mais lhe chamam a atenção. Quando encaminha para algum blogueiro escolhido, solicita o preenchimento de um questionário com o seguinte conteúdo:

Regulamento: 1º - Postar o selo em seu blog, e o regulamento; 2º - Responder as seguintes perguntas: 1. O que você mudaria no mundo se pudesse? 2. O que você mudaria em você mesmo se pudesse? 3. O que você mais gosta no mundo? 4. O que você mais gosta em você? 5. Qual a importância do amor no mundo e na sua vida? 3º - Indicar blogs que você acha que mereçam receber o selo.

Movida pela curiosidade em visitar outros *blogs* e a ajuda de outros blogueiros, Hilda vai selecionando os *blogs* que lhe interessam. É claro que o ranking dos melhores estarão sob o jugo do seu gosto ou ponto de vista. Essa prática se repete com a grande maioria dos blogueiros, validando, assim, o interesse por determinado *blog*.

Ainda realizando a análise da entrevista, a pergunta de número cinco tinha como objetivo que os entrevistados indicassem aqueles assuntos mais postados em cada um dos *blogs*.

Entre os temas que já haviam sido sugeridos, os jovens escolheram, por ordem decrescente, os seguintes (colocamos em parênteses a quantidade de vezes em que o assunto foi indicado):

Filmes (7 escolhas); política (6); música (5); curiosidades (5); notícias, informação, fotos, textos (4); poesias, sexo, namoro, literatura, violência, estudos e lazer (2); amor, morte, humor, trabalho, férias, cotidiano, religião, adolescentes, conselhos, festas, estética, fetiche e drogas estão como assuntos de escolha.

É interessante considerar que ao elaborarmos a entrevista decidimos deixar a possibilidade para que o entrevistado, em não se identificando com os temas sugeridos, pudesse inserir os assuntos que mais lhe interessasse. Quatro deles optaram por indicar outros temas como filosofia, estética, fetiches, cotidiano, humor, religião, morte, adolescência, conselhos, amor. Literatura, porém, aparece como indicação de dois jovens.

A esse respeito, é importante considerar a valorização da sétima arte na vida deles. Observando seus *blogs*, esse fato se confirma, pois aproveitam personagens, enredos e tramas de películas para dar início a variados assuntos. Algumas vezes utilizam os personagens para se colocar nos *blogs*.

A postagem sobre assuntos de política aparece na escolha de seis (Filosofia, Direito, Ciências Sociais, Jornalismo, História, 2º grau) dos jovens pesquisados, o que acreditamos ser muito relevante para uma geração chamada de apolítica ou alienada politicamente, o que trataremos mais adiante.

Outra questão posta na entrevista tratava da representação do blogueiro a respeito do seu *blog*. Assim, os

blogueiros tinham que indicar com um número 1 ou 2, respectivamente, qual a representação mais significativa que tinham do seu *blog*. Mais uma vez, aparece o retorno positivo sobre esse assunto. Dos dez blogueiros, seis (Filosofia, Direito, Ciências Sociais, Jornalismo, História, 2º grau) acreditam que “o *blog* é uma prática política”.

Além das opções que disponibilizamos, deixamos uma resposta em aberto para que eles inserissem uma outra opção que não tivéssemos indicado, e as sugestões que foram apresentadas foram as seguintes: “Uma forma de diversão; uma maneira de deixar a minha marca no mundo; portfólio; um lugar para ajudar os jovens”.

Renato e Gustavo escrevem que nas suas representações localizam o *blog* “como um meio para estar atualizado”.

Aqui, nossa hipótese, de certo modo e guardando as devidas proporções dessa mostra, se confirmam. Para além de palanques ou partidos políticos, os blogueiros buscam nesta micromídia que é o *blog* uma forma de fazer política, como define Ortega *atividade de criação ou experimentação* (2000.23).

Na data de 19.08.2009, no Insanidadepsicodélica, o blogueiro coloca a seguinte piada com o título: Sarney e o Diabo.

Alo vcs do Insanidade Psicodélica, ando muito sumido, e nada de contar as historias do Rio, mas ja q vetaram a maioria nem sei se vou contar... Em uma de suas viagens, no jatinho do laranja dono de uma faculdade maranhense, Sarney, com o seu pijama de seda, fazia a leitura diária de seu Maquiavel em um aposento privativo do avião. No mesmo vôo, vinha sua assessoria e os puxa. Em dado momento eis que aparece o diabo. Nesse instante, para não perder a viagem, o coisa ruim disse que o jato iria cair e todos morreriam e começou a fazer o avião balançar muito. Apavorados, os assessores foram até a cabine onde se encontrava o tranqüilo chefe e contaram o que estava acontecendo. Zangado, o Senador saiu do cômodo e foi ter

com o diabo e perguntou:

- Você sabe quem sou eu?

O Diabo: - Sim, o Sarney!

Sarney: - Você sabe quem mandou prender o Zé Reinaldo usando seu prestígio junto à Justiça e à PF para satisfazer os caprichos de uma filha mimada?

O Diabo: - Com certeza foi Vossa Excelência.

Sarney: - Você sabe quem manda no Amapá e até no desafeto Capiberibe?

- É o senhor.

Sarney: - Você sabe quem não deixou o atual Governador do Estado do Maranhão trabalhar e irá tirá-lo do cargo no tapetão?

O Diabo: - O senhor é fogo..., não há dúvida que é o senhor!

Sarney: - Você sabe quem manda no Lula e em centenas de petistas?

O Diabo: - O senhor, é claro!

Sarney: Você sabe quem mandou durante quarenta anos no Maranhão, transformando-o no Estado mais pobre e que tem o menor IDH do país, construiu também um mausoléu num lugar que era do Estado só pra satisfazer seu ego?

O Diabo: - É demais! Foi Vossa Excelência!

Sarney: - Sabe quem dá as cartas na Eletronorte, BNDES, Ministério das Comunicações, Correios, Petrobrás e tem grandes influências em quase todos os Ministérios e na Câmara dos Deputados?

O Diabo: - Não tenho dúvidas que é Vossa Excelência.

Sarney: - Você sabe quem é sócio de um Banco em Miami, foi sócio do ex Banco Santos, é sócio de uma indústria de automóveis na Índia, sócio de um grande hospital, de um shopping e de dois prédios na avenida mais movimentada de São Luís, além de possuir vários quadros famosos e livros raros em uma ilha?

O Diabo: - Isso nem eu sei dizer de quem é, mas na dúvida..., acho que é do Senador.

Sarney: - Sabe quem Ricardo Murad chama de painho e toma a benção todo dia por telefone antes de sair de casa?

O Diabo: - Francamente..., é o senhor!

Sarney: - Você sabia que agora sou Presidente do Senado só para abafar uma investigação da PF e tirar o Tarso Genro, tudo para mostrar ao Lula quem manda?

O Diabo: - És pior que eu!

Sarney: - Sabe quem possui o maior império de comunicação do Brasil para manipular pessoas em um Estado que tem um dos maiores índices de analfabetismo do país?

O Diabo: - Cruz credo! És tu.

Sarney: - Sabes quem é meu genro?

O Diabo: - Vou enfartar...

Sarney: - Se liga! Se eu morrer, com certeza, vou para o inferno.

O Diabo: - Sai pra lá, coisa ruim!

Neste exato instante o diabo sumiu e o avião parou de balançar e tudo ficou como antes.

E O PIOR, O HOMEM PODE NÃO TER FALADO AINDA COM O DIABO, MAS O RESTO É TUDO VERDADE !!!!!

É isso aí povo, o importante é o Amor e Viva a Insanidade Psicodélica.

Essa piada gerou vários comentários dos seguidores do blogueiro.

Ainda nesta linha de exemplos, temos a postagem no *Arquivoinsólito* sobre a abertura dos Jogos Olímpicos, na China. O título era “Menina que cantou na abertura da Olimpíada foi dublada”. O blogueiro ilustrou o comentário com as fotos das chinesinhas.



Ele escreve:

O diretor musical da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim admitiu que uma menina que apareceu cantando durante evento foi dublada por outra menina, que não foi considerada bonita o bastante para se apresentar no palco. Falsificar a voz de uma menina, só podia ser na China.

Outra crítica aparece no *blog* de André. As notícias dizem o seguinte:

EUA pedem que Rússia retire tropas do território da Geórgia imediatamente

Soldados de Rússia e Geórgia lutam em Tskhinvali, na Ossétia do Sul. Confrontos podem ter matado mais de 1.400 na província separatista.

A secretária norte-americana de Estado, Condoleezza Rice, pediu nesta sexta-feira (8) que a Rússia "**respeite a integridade territorial da Geórgia**", cesse fogo e retire suas tropas do solo georgiano.

André escreve:

Como tem gente que acha ser o dono do mundo. Eles podem invadir o Iraque ~~para roubar petróleo~~ sem motivo e sem consentimento do conselho da ONU, mas não "admitem" um país invadir outro. É claro que isso é errado, mas a questão não é essa, a questão é que eles estão se achando os controladores do mundo e invadem outro país e criticam a invasão dos outros. Não sei vocês, mas eu ri lendo essa matéria (Please, não me crucifiquem).

Em outra oportunidade, posta a seguinte tirinha, uma das especialidades deste blogueiro:



André finaliza a postagem do dia escrevendo: “Salve amigos! Esse final de semana só vai dar tempo de publicar essa! Vou fazer o vestibular. Sorte pra mim!!! E boa tira pra vocês!!! Vivace!”

Astrid, por sua vez, inseriu no *blog* Cibermundi, criado por ela, a seguinte questão, que originalmente foi elaborada por Rodrigo Pereira, buscando a opinião dos partidos políticos brasileiros sobre a Lei Azeredo e a liberdade na rede. O resultado¹⁴ da enquete foi o seguinte:

PV - Respondeu rapidamente (veja resposta); **PSOL** - Resposta automática explicando para usar um formulário que estava offline. Respondeu. (veja resposta e réplica); **PSDB** - Email (Não respondeu); **PT** - Respondeu rapidamente dizendo que encaminharia email para o chefe da bancada no senado (Não respondeu); **PTB** - Email (não respondeu); **Democratas** - Formulário de contato (Não respondeu); **PCdoB** -

¹⁴ O resultado completo desta pesquisa pode ser visualizado na página do *blog* Cibermundi endereço <http://cibermundi.blogspot.com/search?updated-max=2009-05-15T07%3A47%3A00-07%3A00&max-results=6>.

formulário de contato (Não respondeu). Resposta automática dizendo que publicaria o email em uma seção do site deles que não é atualizada desde 2006; **PMDB** - Formulário de contato (Não respondeu); **PSTU** - Formulário tosco (na falta de palavra melhor) de 500 caracteres. Usei o email (Não respondeu); **PCB** - Email "oculto" que me deu trabalho para descobrir (Não respondeu); **PSB** - formulário e email, preferi o email (Não respondeu); **PPS** - Formulário de contato (Não respondeu) ; **PSC** - Formulário de contato (Não respondeu); **PP** - Email - O site deles abriu um ads (propaganda) de cassino! (Não respondeu); **PR** - email - (Não respondeu); **PRB** - email - (Não respondeu); **PCO** - email - (Não respondeu); **PTC** - email - (Não respondeu); **PMN** - email - (Não respondeu); **PHS** - email - (Não respondeu); **PTdoB** - Formulário de contato - Email automático me garantindo que responderiam em 24h (18:56 dia 4 de abril) até agora... (Não respondeu!); **PRB** - formulário de contato. Respondeu dizendo que responderia o email (veja resposta). Depois de 1 semana... (Não Respondeu!); **PRTB** - email que consegui no site do **TSE** (site do **PRTB** não existe) - Respondeu! (veja mensagem); **PTN** - formulário de Contato e email - preferi o email - (NÃO RESPONDEU!)

A conclusão sobre a discussão que envolveu vários partidos políticos pode ser acompanhada abaixo:

Será que os Partidos Políticos estão interessados na opinião das pessoas? Será que os Partidos Políticos no Brasil estão preparados para as questões do século 21? Uma dessas questões é justamente a comunicação e a transparência, ou seja, ter opiniões que as pessoas possam acessar, uma parte disso é o bom hábito de responder os e-mails de seu eleitorado em tempo hábil. Alguns partidos conseguem isso com as suas "mensagens automáticas", e isso é uma falta

de respeito 10x maior que simplesmente ignorar o seu eleitorado ou o "**gado**", como devem pensar. Já que uma carta demora cerca de 4 dias para chegar de Brasília a São Paulo, por exemplo, poderíamos pensar que uma resposta chegaria em cerca de, digamos, 1 mês. Mas, com um email que demora só cerca de 2 segundos para fazer o mesmo caminho, quanto tempo devo esperar? Uma semana deve ser o tempo suficiente, imaginei. Se alguma resposta chegar, o que não acredito muito, publicarei! Os grandes partidos que estão no poder: PT, PSDB, PMDB, Democratas; sequer houve alguma resposta. Fico imaginando o que aconteceu com os emails perdidos no cyberspaço. Será que foram excluídos ou foram mandados para alguma caixa de spam? Ou talvez estejam embaixo de muitos emails que sequer algum dia serão lidos, serão apenas eliminados, como quem elimina uma praga, e essa praga é a opinião das pessoas, os pedidos, as ideias. Porém houve respostas. Alguns "novos" partidos me surpreenderam. Me parece que mandei o email para a pessoa certa no caso do PSOL, no entanto, fiquei um pouco surpreso ao saber que "já foi apresentado Parecer na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, opinando pela constitucionalidade, juridicidade e **boa-técnica legislativa** (sic) e, no mérito, pela aprovação de ambos." Entretanto, **NÃO** fiquei surpreso em saber que "Além disso, é necessário informar que o parecer técnico feito no âmbito da Liderança do Partido tem a finalidade única de conferir subsídios à bancada para o debate. (...) A posição com relação às matérias é tomada pelos próprios Deputados, **sem interferência do corpo técnico**. Como se o que valesse não é a **POLÍTICA**, esta escrita em **caixa alta**, mas sim a "politicagem" de "uma mão lava a outra", como se não houvesse mais **princípios** dos quais os cidadãos possam se

apoiar nas eleições. Me parece que nessas questões, não existe Direita, Esquerda, Centro. Mas ainda há uma esperança! **Levy Fidelix (1), sim!!!** Se seu assessor foi honesto comigo, podemos algum dia sonhar com talvez um "Aerotrem Pirata" que leve a liberdade digital a todos. (1) Candidato "eterno" do PRTB que é conhecido pela sua proposta-bordão de criar o "Aerotrem", um trem elevado que supostamente seria a salvação da pátria.

Na data de 04.11.08, Vinicius do Zaratrustatemquemorrer postou o seguinte texto:

"Eleições americanas" Relato nº 89.255.789 da Missão de Investigação e Reconhecimento do Planeta Terra (MIRPT) Ter>hum>soc>pol: É com grande alvoroço que os terráqueos vêm observando a escolha de seu novo líder tribal chamado de Presidente dos Estados Unidos da América. Este terráqueo, que possui o poder de determinar os rumos da sociedade humana, é escolhido por meio do que os terráqueos chamam de "voto". Dizem os terráqueos que o "voto é uma arma" e constatamos que estão inteiramente certos, pois com o tal do voto eles conseguem destruir grande parte de sua natureza, cidades, cultura, entre outros. Analisamos os dados da última caçada, digo, da última eleição, do "país" chamado Estados Unidos da América (aquele que sempre nos derrota e humilha em seus "filmes") e percebemos que os "eleitores" (aqueles que fazem uso da arma "voto") "americanos" (os únicos capacitados a decidir o futuro do planeta) elegeram o símio George Walker Bush, um chefe guerreiro de uma dinastia belicista que incitou inúmeras guerras e revoltas ao redor do globo, não aderiu ao plano de resgate à vida e à natureza chamado "Protocolo de Kyoto" elaborado pelos outros "países", inventou

mentiras com o pretexto de proteger sua sociedade contra terráqueos de barbas longas, que se vestem em longos trajes, usam tecidos em volta da cabeça e rezam para uma divindade chamada “Alá” e, além de tudo e mais um pouco, colaborou com a desordem de um sistema imperfeito, cruel e injusto a que os terráqueos denominam capitalismo e ao qual defendem com ferocidade. Disputam o novo posto de líder tribal os símios chamado Barack Obama e John McCain. O primeiro, pelo que aponta nossas pesquisas, causa mais alvoroço entre os “eleitores” do que o segundo, que segue a dinastia do chefe guerreiro Bush. Obama lembra muito um de nossos antepassados que visavam a uma sociedade mais justa e igualitária sem, no entanto, ter a mínima ideia de como fazer isso. Ressalvamos que não há qualquer suspeita de que o novo líder tribal descubra nossa identidade e que estamos presentes em seu planeta, portanto, rechaçamos qualquer exigência de reforços e de ações deletérias de memórias humanas. Vamos prosseguir com nossa missão, de olho nos movimentos do novo líder tribal a ser escolhido.

Após a postagem desse texto, surgiram vários comentários por parte dos internautas que acompanham o Zaratrusta.

Essa pequena mostra, que não pode ser ampliada nesta pesquisa pela mais absoluta falta de espaço - já que ficaria imensa - oferece uma base para validar a prática dos jovens nos *blogs*.

Seus autores, no caso os dez selecionados, escrevem de tudo um pouco, porém, a política, em absoluto, fica à margem das discussões, mostrando que, sim, os jovens blogueiros postam textos, tirinhas, filmes, etc., com conteúdo político que são, muito rapidamente, comentados pelo grupo de seguidores.

Finalizando essa dimensão, não podemos deixar de lado a entrevista que não realizamos, mas que bem poderia ter sido a

opinião de um jovem e brilhante blogueiro. A entrevista de Gabriel Pillar.

1. Seminário de Tecnologia e Comunicação¹⁵: Como surgiu a ideia do Insanus?

Gabriel Pillar: O Insanus, como muita coisa na FABICO¹⁶, nasceu numa mesa de bar. É inegável dizer isso. O Insanus como ele é hoje, um portal de *blogs*, surgiu de uma conversa minha com o Bruno Galera, que na época tava insatisfeito com o site dele. Eu também tinha um *blog* no mesmo domínio e daí a gente resolveu criar o Insanus.

2. STC: Como foram definidos os colaboradores?

GP: O Insanus sempre foi uma coisa de amigos. Todo mundo entrou lá porque me conhecia ou conhecia alguém que me conhecia e já tava lá dentro. Estas pessoas falavam: “ah, tem uma pessoa legal que tá querendo fazer um *blog*.” As pessoas precisam ser nossas conhecidas pra ter um *blog* no site. Tem os comentários nos *blogs* pras pessoas que queiram participar, mas a gente não aceita pedidos de entrada de pessoas aleatórias que queiram ter um. É uma comunidade fechada.

3. STC: Qual é o objetivo principal do site?

GP: *Blogs* não têm muito objetivo. Acho que cada um tem seus próprios objetivos ali dentro, de publicar suas coisas, de escrever. O Insanus não tem um objetivo central.

4. STC: Todos os “blogueiros” do Insanus são jornalistas e/ou escritores?

GP: Não. Temos publicitários, temos uma cartunista, temos filósofos. Temos de tudo,

¹⁵ Um grupo de estudantes realizou entrevista com Gabriel Pillar sobre o fenômeno Insanus. Gabriel Pillar, nesta época, estava com 22 anos, cursava o 8º semestre de Jornalismo na FABICO e era o organizador da famosa comunidade de *blogs* gaúcha www.insanus.org. O Insanus reunia blogueiros e *blogs* dos mais variados tipos e tinha mais de 500 mil acessos por mês. Gabriel respondeu a algumas perguntas ao grupo de jornalistas da FABICO que estão registradas aqui.

¹⁶ Faculdade de biblioteconomia e comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

mas todo mundo com um pé na comunicação.

5. STC: Os blogs do portal em geral falam sobre o quê?

GP: Ah, daí tu vai ter de tudo. Desde *blog* pessoal, até *blogs* temáticos sobre política ou culinária. Ou o Parada (www.insanus.org/parada) que vai falar mais sobre fotografia ou a Vanessa (www.insanus.org/sinye) que tá falando sobre a vida dela na Itália. É super variado.

Então, essa premissa de apolíticos ou alienados não cabe para essa geração digital, ou pelo menos para este grupo pesquisado. Todavia, é preciso considerar que as ferramentas são outras e a micromídia blogueira tem se oferecido como uma excelente alternativa para esta prática que exclui palanques, coquetel *molotov* ou práticas políticas violentas dos anos 60.

CAPÍTULO II

3. BLOGS EM CARTOGRAFIAS CONTEMPORÂNEAS.

A revolução a partir das TCD trouxe consigo mudanças marcantes na vida do homem contemporâneo. Era da informação, sociedade da informação, era do conhecimento ou sociedade do conhecimento, sociedade da comunicação, era digital são alguns dos termos utilizados para representar a época em que vivemos.

É fato que a internet afetou definitivamente as relações desta geração em relação ao tempo e espaço, o público e o privado, traçando novas configurações para as relações educacionais, sociais, culturais, econômicas e políticas. A respeito disso, Castells (1999) evidencia que, “em escala planetária, tudo gira em torno da produção, processamento, troca, transmissão e acesso à informação, através das redes de informação e comunicação” (p. 507).

Neste capítulo, distribuídos em três tópicos, vamos mostrar um pouco disso ao tratarmos primeiramente sobre as transformações ocorridas a partir da criação da internet e o quanto esta afeta as práticas sociais, principalmente as transformações comunicacionais e as necessidades que emergem nas práticas educativas. Especificamente, não trataremos da educação, de todo modo, não ficaremos alheios à necessidade de repensar os modos de ensinar e aprender na escola do século XXI. A internet mostra a necessidade de práticas educacionais mais focadas na educação colaborativa para estes novos tempos.

No segundo tópico, a proposta é pensar as configurações elaboradas por nossos pesquisados em relação ao tempo e ao espaço e como se redistribuem ou são elaboradas as novas territorialidades com o uso dos *blogs*. Para além de qualquer outra prática, os blogueiros abriram um caminho sem precedentes no mercado editorial, sejam como escritores, jornalistas, cidadãos ou simples blogueiros, sem maiores pretensões. Algumas editoras estão conscientes dessa ebulição no mundo da internet e mantêm os olhos abertos. Um exemplo é a editora Gênese, cuja coleção Interletras, disponível no

endereço www.editoragenese.com.br, é dedicada a escritores consagrados na internet.

No último tópico deste capítulo, pretendemos compreender como são tratadas as esferas do espaço público e privado nas práticas contemporâneas dos nossos jovens a partir da cultura da *www*. Sejam ou não práticas para o desfile de egos, vitrines exibicionistas, palanque para os mais tímidos, como alguns argumentam, pois, independentemente das reproduções dos possíveis, os *blogs* representam uma novíssima proposta que mostra ao mundo sensibilidades e percepções da criatividade humana.

3.1 Do anonimato dos hieróglifos aos *blogs* multifacetados.

Eu quero entrar na rede
Criar meu *web site*
Fazer minha *home page*
Com quantos *gigabytes*
Se faz uma jangada
Um barco que veleje.
Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via internet
Um grupo de tientes de *connecticut* (...)
Eu quero entrar na rede
Pra contatar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
(...)¹⁷

A semana no início do mês de maio de 2007 foi inesquecível para uma gaúcha de 12 anos, como relatam os jornalistas Mônica Weinberg e Carlos Rydlewski (VEJA: 2007.87). Diz a matéria que: “acostumados a assistir às aulas de porta aberta por falta de maçanetas e a pisar num chão que há anos carece de revestimento, os alunos da 6ª série da Escola Estadual Luciana de Abreu, em Porto Alegre, empreenderam uma viagem aos cinco continentes”. Os jornalistas relatam que:

¹⁷ Disponível em endereço <http://gilbertogil.com.br>. Acesso em 24.07.09 - Pela internet – Gilberto Gil, 1996.

Emeline Kunz Pereira, filha de um zelador e de uma dona-de-casa, junto com os colegas empreenderam uma viagem aos cinco continentes.

Emeline sobrevoou as savanas africanas, e ficou sem ar ao visitar pela primeira vez na vida a paisagem entrecortada pelos Alpes suíços. É bem verdade que a aluna nunca ultrapassou as fronteiras do Rio Grande do Sul, porque a viagem se deu em ambiente virtual, por intermédio de uma pesquisa simples na internet, depois que a escola da estudante recebeu uma remessa de 100 *laptops* (VEJA: 2007.87).

Para Emeline foi um acontecimento, para a escola, um teste do governo Federal que pretende presentear 30 milhões de crianças da rede pública com esses *laptops* que custam, em média, 350 reais. Por enquanto, devem chegar 1000 aparelhos para servir como laboratório. Cinco escolas brasileiras fazem parte da pesquisa que também acontece em outros países em desenvolvimento, entre elas a escola de Emeline.

A história de Emeline não está muito distante da história de Bruno, 16 anos. Este jovem é um dos tantos que participam da oficina de Informática no qual atuamos na função de Coordenadora Pedagógica, da Organização não governamental Comitê para a Democratização da Informática¹⁸ (CDI), parceira

¹⁸ O Comitê para Democratização da Informática – CDI - é uma organização não-governamental que utiliza a tecnologia como ferramenta para combater a pobreza e a desigualdade, estimular o empreendedorismo e criar novas gerações de empreendedores sociais. Atualmente, possuem 753 espaços de atuação, chamados “CDIs Comunidade”, espalhados por todo o Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Equador, México, Peru e Uruguai, além dos escritórios de representação nos Estados Unidos e Inglaterra. Essa rede é coordenada e monitorada por 29 escritórios Regionais e Internacionais do CDI. Estão presentes em comunidades de baixa renda, penitenciárias, instituições psiquiátricas e de atendimento a portadores de deficiência, aldeias indígenas e ribeirinhas, centros de ressocialização de jovens privados de liberdade, hospitais e empresas, entre outros locais, seja na cidade ou em zonas rurais. A Rede CDI estende-se aos lugares mais remotos da América Latina e do Brasil, como a Amazônia, beneficiando pessoas de diferentes faixas etárias, culturas, raças e etnias. Criado em 1995, ano em que a internet chegava ao Brasil, o CDI tornou-se pioneiro no movimento de inclusão digital na América Latina e um dos principais empreendimentos sociais no mundo, com uma abordagem sócio-educativa diferenciada e um modelo único de gestão, visando à sustentabilidade do projeto. Tem como VISÃO acreditar num mundo onde TODAS as pessoas possam participar

da FUCAS. Juntas, as duas instituições atuam na oficina denominada “Caixa Digital”, que além de inserir no mundo digital os adolescentes moradores do Morro da Caixa, região continental de Florianópolis, também atende os adultos da comunidade. No espaço onde são desenvolvidas as atividades pedagógicas, são disponibilizados 26 computadores. A proposta pedagógica é sustentada na educação libertária do teórico Paulo Freire, e através da atividade denominada “Mergulho na comunidade” planejam-se ações para o aprendizado da informática básica para jovens e adultos e posterior interferência na comunidade a partir das necessidades que emergem da pesquisa.

Ao fazer um estudo comparativo entre o Morro da Caixa com outros bairros da capital, utilizando a ferramenta disponibilizada no *Google Earth*, Bruno, literalmente, viajou na atividade e acabou passeando nas ruas de Paris. Conheceu a fachada do Louvre, ficou admirado com o tamanho da Torre Eiffel e se surpreendeu ao perceber que algumas ruazinhas dos bairros de Paris são “tão estreitas quanto à da nossa comunidade”.

A pergunta que, a nosso ver, ronda a pesquisa do governo é: como fazer dos computadores, que abriram à humanidade uma nova dimensão de acesso às informações e à produção de conhecimento, um instrumento para transformar a velha escola, praticamente congelada no tempo desde o século XIX?

A esse respeito, em entrevista ao caderno de informática da Folha de São Paulo, Seymour Papert (2007), professor no Instituto de Tecnologia de Massachussetts (MIT), defende a tese que “a tecnologia substituirá a escola que conhecemos”, porém faz um alerta: “está provado que os computadores não surtem efeitos na classe de um mau professor” (p.01), logo, parece-nos que o investimento no aperfeiçoamento dos profissionais da educação é um objetivo a ser perseguido. No Canadá, por exemplo, já existe uma disciplina na Universidade para uma

ativamente da sociedade do conhecimento, na condição de cidadãos autônomos, críticos e empreendedores. Sua MISSÃO pretende transformar vidas e fortalecer comunidades de baixa renda através da capacitação nas tecnologias da informação e comunicação e de um aprendizado complementar voltado à prática da cidadania e do empreendedorismo (disponível no endereço <http://www.cdi.org.br>. Acesso em 10.10.09).

especialização sobre o assunto, comenta Papert na mesma matéria. Quanto aos discursos que muitos fazem, dizendo que os adolescentes estão alienados, não conseguem ler um livro, etc., o teórico relata que algumas pesquisas mostram que depois que os livros ganharam formato digital (imagens animadas, recursos sonoros), algumas bibliotecas, como as da Coréia do Sul, passaram a receber 20% a mais de estudantes via on-line¹⁹.

Foi com a internet, que hoje conecta mais de 1 bilhão de pessoas²⁰ em todo o planeta, que o computador deixou de ser um acessório para se tornar uma ferramenta de pesquisa que transcende espaços e fronteiras. São exemplos desse crescente desenvolvimento os surgimentos de dois gigantes: o *Yahoo* e o *Google*, serviços que hoje se tornam indispensáveis ao dia-a-dia dos internautas.

Mas esses dados nem sempre foram tão espetaculares. Há exatos quatorze anos, quando da criação da *word wide web*, é bem provável que seus idealizadores jamais tenham pensado a potencialidade que essa ferramenta alcançaria, pois, a princípio, a internet teria sido criada para atender fins não tão singelos como pesquisar as peculiaridades geográficas da comunidade do Morro da Caixa, tal como fez Bruno.

Nos anos 60, época da guerra fria, o Pentágono (Departamento de Defesa Americano) pretendia criar uma rede de comunicação de computadores em pontos estratégicos. A intenção era manter a comunicação das bases militares sem um ponto central, descentralizando informações valiosas, preservando-as, de forma que não fossem destruídas se o Pentágono fosse destruído por um ataque nuclear.

Desse modo, surgiu a *Advanced Research Projects Agency* – ARPA ou ARPHANET, uma estrutura de rede capaz de transportar um grande volume de informações que passava por debaixo da terra, objetivando a proteção contra bombardeios ou qualquer outro tipo de destruição do inimigo. O acesso à ARPHANET ficou restrito aos militares, e, posteriormente, com o fim da guerra fria, foi permitido o acesso a cientistas que cederam a rede para as universidades. O acesso ao público em geral demorou a chegar, já que os militares e pesquisadores

¹⁹ Disponível no endereço http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/conteudo_232479.shtml. Acesso em 04.10.09.

²⁰ Disponível em endereço <http://comscore.com/brazil>. Acesso em janeiro de 2009.

temiam o mau uso da tecnologia por civis e países não-aliados. Hoje a rede é considerada o maior sistema de comunicação desenvolvido pelo homem (Disponível em endereço <http://www.nw.com>. Acesso em 15.07.09).

Tim Berners-Lee, fundador da rede, escreveu uma proposta de gerenciamento de informação, na qual descrevia um sistema mais elaborado. Com a ajuda de Robert Cailliau, publicou uma proposta mais formal para a utilização da rede pelo mundo, ou *world wide web*, no final de 1990. Assim, o primeiro servidor foi

um *NeXTcube*, usado por Berners-Lee também para escrever o primeiro navegador em 1990. No final do mesmo ano, Berners-Lee já havia construído todas as ferramentas necessárias para o sistema: o navegador, o servidor e as primeiras páginas web, que descreviam o próprio projeto. Em 6 de agosto de 1991, ele postou um resumo no grupo de notícias *alt.hypertext*. Essa data marca a estreia da Web como um serviço publicado na internet. (Disponível em endereço <http://www.brasilecola.com/curiosidades/como-surgiu-a-internet.htm>. Acesso em 15.07.09)

No Brasil, a história da internet se inicia em meados de 1991, com a Rede Nacional de Pesquisa (RNP), subordinada ao Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT). Até hoje, a RNP é o *backbone* principal e envolve instituições e centros de pesquisa como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e a Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), entre outras universidades, instituições e laboratórios que se dedicam à pesquisa.

Em 1994, a Empresa Brasileira de Telecomunicações (EMBRATEL) lançou um serviço experimental a fim de conhecer melhor a internet, mas só em 1995 se deu a abertura ao setor privado. Pela iniciativa do Ministério das Telecomunicações e Ministério da Ciência e Tecnologia, a internet foi disponibilizada para a exploração comercial da população brasileira. Em 1995, a

rede foi aberta para fins comerciais. Hoje, para conectar seu computador à internet, o usuário paga os serviços de um provedor de acesso ou tem conexão via locais de acesso público, como o *hot spot*, o que é o caso de alguns aeroportos e shoppings que oferecem esse serviço.

Atualmente podemos trocar informações através da internet, mecanismos de busca, *e-mail* (correio eletrônico), *Internet Relay Chat - IRC*, *Internet Protocol* ou *VoIP* - voz sobre listas de discussão, *peer-to-peer*, bate-papos e mensagens instantâneas (SMS). A rede pode ser acessada por diversos meios, identificados como convergência tecnológica ou facilitação no processo de troca de comunicação. Além disso, a internet está presente em computadores, celulares, *palms* e diferentes aparelhos multifuncionais. Com um pequeno *chip* no celular temos acesso à rede, ouvimos rádio e músicas em formato *mp3*, enviamos *e-mails*, fotos e vídeos, entre tantas outras funções. Mas a história não parou por aí, a cada ano o país ganha milhões de novos usuários ativos, mensais, de internet. O principal motivo para essa taxa de crescimento foi o aumento de residências com computadores e banda larga. O Brasil ainda é o país onde as pessoas passam mais tempo conectadas à internet: vinte e três horas e doze minutos por mês. A esse respeito, nossos pesquisados indicam uma média de quatro a cinco horas por dia para a atualização do seu *blog*. Na lista de permanência de tempo médio mensal, por pessoa, gasto na internet, seguem o Brasil os Estados Unidos, França, Japão e Reino Unido²¹.

Se, por um lado, os primeiros pesquisadores trabalhavam com a ideia de que as redes informacionais isolariam cada vez mais os indivíduos e criariam uma clausura digital, as redes sociais, ao que parece, derrubaram a hipótese de isolamento daqueles mais pessimistas e catastróficos. Conhecer e comunicar são algumas das possibilidades ampliadas. É no ciberespaço que muitos encontros presenciais são agendados, bem como namoros à distância se transformam em casamento, reuniões são realizadas com pessoas em

²¹ Disponível em endereço <http://pwp.netcabo.pt/mj.gomes/supervisao/Blogs-final-nome.pdf>. Acesso em 15.07.09.

diferentes locais e réus em julgamentos são sentenciados via online, entre tantas outras situações.

Lèvy (1999), no livro *Cibercultura*, aborda as implicações culturais do desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e de comunicação, que podem ser reveladoras para compreendermos essa prática contemporânea.

Para o filósofo da hipermídia, o ciberespaço é “um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (1999:17). O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico da informação que abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam este universo. Para Ramal (2002), a cibercultura ainda pode ser acrescida de técnica simbólica e comunicação interativa. Ele a conceitua como um

conjunto de técnicas, tanto materiais como intelectuais e simbólicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensar e de valores que desenvolvem dentro de uma estrutura virtual, a partir de uma comunicação interativa. (p.65)

As técnicas simbólicas e a comunicação interativa podem abrir-se para uma transição espetacular, cheia de perspectivas e potencialidades. Todavia, para a educação, muitos desafios se apresentam.

É discurso comum que a cibercultura provocou mudanças na existência do homem contemporâneo. Para compreender as mudanças pelas quais passamos, historiadores e antropólogos têm dividido a história da humanidade em três grandes eras, denominadas: agrícola, industrial e digital. Essa última recebeu o nome de sociedade da informação, ou aquela cuja cultura e economia dependem da tecnologia, da comunicação e da informação.

No final dos anos 60, o que causava profundo fascínio eram as ideias do professor canadense de literatura medieval, Marshall McLuhan, na área da comunicação.

Na era em que a televisão representava o máximo da inovação tecnológica, McLuhan sugeria que o texto não-interativo - jornal, carta, livro - estava deixando de ser o

principal meio pelo qual as pessoas se informavam. No mundo do texto, as pessoas se distanciam. No audiovisual, interativo, aconteceria uma reaproximação. Como na velha tribo da cultura oral, o planeta todo se transformaria numa grande “aldeia global”.²²

E aconteceu. Na esteira de McLuhan, veio Alvin Tofler. O futurista, como era chamado, escreveu um livro de grande impacto, com o título *A Terceira Onda* (1997). No livro, ele sugeriu que nossa história poderia ser contada em três grandes ondas. A primeira, agrícola; a segunda, industrial e a terceira pós-industrial. Esse livro mostra indícios de um novo acontecimento que transformaria a comunicação humana, de forma surpreendente. Não precisamos de nenhum esforço para perceber que já estamos surfando na quarta onda: a da era digital.

Desde a criação dos hieróglifos, na civilização dos egípcios no ano de 3500 a.C., passando pela reprodução em série a partir da prensa, criada por Gutenberg em 1452, que permitia a difusão de uma mesma mensagem, os acontecimentos circularam com rapidez. Posteriormente, passaram pelas ondas do rádio que encurtaram as distâncias, o telégrafo e o telefone, inventado por Alexander Graham Bell, que possibilitaram a comunicação instantânea. A comunicação audiovisual foi transformada. Da urgência de captar o movimento de uma sociedade industrializada, surgiu a fotografia (1827), na proposta inovadora de Joseph Nicéphore Niépce. Os irmãos Lumière (França, 1895) inventaram o cinema e a ilusão do movimento real. A TV surgiu em 1923, criada por Vladimir Kosma Zworykin. O russo transportou o mundo para dentro da sala de estar. Em 1976, foi montado o *Apple I*, primeiro computador pessoal. Desse modo, o mundo virtual entrou rapidamente em cena e passou a ser um imenso arquivo de dados, sempre disponível. Tudo está ligado em uma rede planetária. Com a internet mudam as relações de trabalho, de aprendizado e a vida social. O conceito de liberdade de expressão é revisitado e a

²² Disponível em endereço [http: pwp.netcabo.pt /mj.gomes/supervisão/blogs-final-nome.pdf](http://pwp.netcabo.pt/mj.gomes/supervisão/blogs-final-nome.pdf) – Acesso em 20.07.09.

rede é capaz de nos dar acesso a um universo de informação jamais imaginado.

Essa prática alterou definitivamente a civilização, transformando a vida social, política e cultural de toda uma geração. O que mais surpreende é que a revolução da comunicação, a partir da invenção do rádio, por exemplo, levou trinta e oito anos para atingir um público de cinquenta milhões de ouvintes, enquanto a internet levou apenas cinco para ampliar os números desta conquista.

Contrariando os mais céticos, recente pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisas Datafolha, que apurou o comportamento do usuário brasileiro em relação à web 2.0, indica que 53% dos que acessam a internet já incluíram ou incluem textos ou informação de sua autoria. Segundo o mesmo estudo, 47% da população adulta do país têm acesso à internet (Disponível em endereço <http://datafolha.folha.uol.com.br>; Disponível em endereço <http://comscore.com/brazil>. Acesso em janeiro de 2009). Ao pesquisar nos *blogs*, percebe-se que nunca se escreveu tanto na história da humanidade. Em nenhum outro momento, pessoas tiveram tanto acesso a tantas opiniões e informações, principalmente quando começamos a observar páginas e páginas dos blogueiros. A esse respeito, Silveira (2007) confirma a nossa assertiva, já que

em 2006 a estimativa era de que existissem cerca de 27 milhões de *blogs* no planeta, o ritmo de crescimento era de 70 mil por dia. Agora, neste momento em que escrevemos, a blogosfera já deve ter ultrapassado a marca de 100 milhões de *blogs* sendo atualizados a cada segundo (p. 03).

Pesquisando, descobrimos que, hoje, o número de internautas brasileiros cresceu 10% frente ao mês anterior, conforme assegura a Ibope Nielsen Online. Segundo a empresa de pesquisa, há no Brasil 44,5 milhões de usuários com acesso à web. Dentre dez países pesquisados, o Brasil novamente ocupou o primeiro lugar em tempo on-line por pessoa, com setenta e uma horas e trinta minutos (Disponível em endereço: <http://info.abril.com.br/noticias/mercado/base-de-internautas-no-brasil-cresceu-10-20082009-34.shl>. Acesso em 03.11.09).

Isso está ocorrendo pela expansão das redes digitais e pelo surgimento de interfaces amigáveis que tornaram viável a transformação em hipertexto, da vontade de escrever e de disseminar ideias.

A escola precisa estar atenta a essas novidades e à aprendizagem colaborativa, na qual há uma prática de mútua complementação, principalmente quando tratamos do hipertexto. A produção coletiva pode ser o caminho das práticas de educadores sintonizados com os acontecimentos que emergem das TCD na contemporaneidade. A interatividade da qual Ramal (2002) compõe o seu conceito de cibercultura mostra justamente a necessidade de desenvolvermos práticas educativas que explorem a troca de experiências.

Propostas desafiadoras para a escola que pretende desenvolver atividades com o uso do computador e da internet com alunos, tal como está ocorrendo com as Emelins, Brunos ou tantos outros. Desafios não tão simples para a escola do século XXI. Afinal, não é a toa que o Governo Federal lançou no mês de agosto deste ano o projeto Computador Portátil. (Disponível em endereço <http://www.computadorparaprofessores.gov.br/>. Acesso em 04.10.09).

Dados levantados pelo MEC mostram que um grande percentual dos professores da rede pública não possui computador e não sabe, ainda, navegar na internet. Situação vulnerável para quem atua junto à geração digital.

3.2 Astrolábio virtual: o tempo e o espaço ressignificados no mundo digital.

O mundo desgraçadamente é real, disse Borges, quando escreveu *A nova refutação do tempo*. Diz o poeta:

O tempo é a substância de que sou feito, o tempo é um rio que me arrebatou, mas eu sou o rio; é um tigre que me destroça, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo. O mundo desgraçadamente é real; e eu, desgraçadamente, sou Borges (BORGES, 1998.166).

Para além da questão poética, em tempos de virtualidades, poderia Borges antever uma realidade porosa que se abre hoje para um novo espaço que propõe a multiplicidade, linhas que escapam de um trajeto, linhas de fugas “que resistem à combinação binária, (...) que não é nem bicho nem homem” (Deleuze: 1998:36), que quebram, saltam de uma a outra linha, fissuras, rupturas. Para Deleuze (1998:36), isso é rizoma, para nós, possibilidades que se apresentam no mundo da experimentação em poder ser vários, multiplicidade. Possibilidade diferente da arborescência onde estamos fadados a criar raízes. A proposta é a de “pensar nas coisas, entre as coisas”, é “justamente criar rizomas e não raízes”, no argumento deleuziano (1998:36), espaços sem ramificações, desdobráveis, no qual a estrutura que visualizamos não reflete simplesmente a estrutura da natureza.

No mundo virtual parece que podemos ser menos desgraçados ou mais que rio, que tigre ou fogo, como desejou Borges. É como se tivéssemos ao nosso dispor aquela cabine telefônica do super-homem, para entrarmos e nos transformarmos em qualquer coisa que desejemos, e que, para além das possibilidades, ultrapassa principalmente o corpo, os afetos, a subjetividade, as relações, o tempo, o espaço, a economia, a sociedade.

A frase de Borges pode ser provocativa para indicarmos uma representação das mutações culturais que vivenciamos hoje, principalmente do tempo e do espaço, a partir dos estudos das tecnologias da inteligência coletiva, artificial e principalmente cibernética.

Assim, convidamos para a conversa, Lèvy, filósofo contemporâneo da nova cultura cibernética, para compreendermos melhor como estamos vivenciando este novo momento de simulações, por exemplo, no qual Borges poderia ser, sim, tigre, rio ou fogo; momentos de interação com hipertextos, multimídias interativas, simulações, mundos virtuais e a hibridização da mídia.

Para uma singela ilustração, no momento em que escrevemos este texto, precisando de ar, vida e movimento, clicamos no *mouse* à procura da melodia predileta, instalada no *laptop*. Vivaldi é inspirador, consola o tempo em que o corpo comportado, rijo e concentrado pesquisa em páginas que se abrem como doce de mil folhas, quase tudo o que já foi escrito

sobre o tema e que auxilia a pesquisa. Nesse momento, somos como plateia virtual da Sinfônica de Moscou, regida por Krimets, a escutar *The four seasons*, com a melodia *Spring*. É libertador, não exige roupa adequada, pompa ou etiqueta, aliás, as vestes se resumem a pantufas multicoloridas e pijama de bolinhas. Além disso, podemos degustar palitos deliciosos de cenoura para movimentar os músculos da mandíbula que se tencionam durante o tempo que é dedicado à frente do computador e, ao mesmo tempo, saciar a fome que insiste em aparecer. Assim, discutir o tempo e o espaço ressignificados com as tecnologias que estão ao nosso alcance, as transformações da comunicação e da informação que afetam a cultura deste tempo é imprescindível.

Acreditamos que Lèvy julgaria essas possibilidades como nem boas nem más ou neutras, pois a proposta é a de que, antes de criticá-las, possamos compreender a virtualização em toda a sua amplitude. Para o engenheiro do conhecimento, como Lèvy gosta de se ver (PELLANDA: 2005.19), o virtual tem apenas uma afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário, ou seja, “um modo de ser fecundo e poderoso, que se põe em jogo, processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido e de plenitude da presença física imediata (LÉVY: 1996.12).

Assim é que Lèvy (1996) propõe, para além das discussões de outros teóricos sobre o virtual, a defesa do processo de transformação de um modo de ser num outro, ou seja, estamos em um tempo de mutações da vida social e a comunicação também sofre essa mutação. Explicando melhor, ele exemplifica que o movimento geral da virtualização

afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual... Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda

de fundo que ultrapassa amplamente a informatização (LÉVY: 1996.11).

Desse modo, a tentativa do autor é realizar uma cartografia filosófica, antropológica e sócio-política do que é o virtual e antecipar a nossa curiosidade, analisando-a a seu modo e que, de certa maneira, atende às necessidades deste trabalho. Etimologicamente é preciso lembrar que a palavra virtual vem do latim escolástico (FERREIRA: 1999.2078) que significa *virtualis*, derivado, por sua vez, de *virtus*, que significa força, potência.

Lévy (1996) explica que o virtual

tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. (p.15)

Nesse sentido, o autor pensa o virtual estabelecendo relações entre ele e o atual. O virtual é a concretização da capacidade criativa presente no virtual. O real seria a concretização do que já é possível. Teoria da multiplicidade que implica elementos atuais e virtuais, já que não há objeto “puramente atual”, como ensina Deleuze (1998:173).

Assim, a atualização pode ter como referência o blog. O escopo deste é postar pensamentos, fatos, fotos, imagens, comunicar, enfim, ocorrências da vida pública e privada, mas também traz informações e notícias que marcam um tempo.

Hoje, alguns especialistas, como designers, publicitários, políticos e jornalistas, entre outros, já possuem seu *blog* pessoal e, muitas vezes, a coluna de opinião do jornal, TV ou revista se amplia nele.

Os *blogs* podem ser elaborados, entre tantos outros sistemas, a partir de um site disponível na internet. O Blogspot e o Blogsblogs são dois exemplos, e ficam nos endereços <http://www.blogger.com> e <http://www.blogsblog.com>, respectivamente, de forma gratuita. Os blogueiros, periodicamente, interferem no seu espaço para atualizá-lo, e essa é a melhor prática para se ter um *blog* de sucesso, ou seja,

fazer atualizações diárias e constantes. Nossos pesquisados, a esse respeito, responderam que atualizam os *blogs* diariamente e, em algumas vezes, fazem isso duas ou até mais vezes ao dia.

A virtualização, que Lèvy nos fala, é fluida, isto é, a possibilidade deste *blog* vir a ter interferências de qualquer outra pessoa que deseje interagir naquele espaço, como uma “participação numa rede eletrônica e pelo uso de recurso e programas” (1996:18), é uma realidade, sem preocupação com coordenadas espaços-temporais, e parece-nos que os blogueiros desejam esta espiadela no seu *blog*. A virtualização, como ele mesmo define, seria “um dos principais vetores da criação da realidade” (1996:18).

O *blog* de determinado autor passa a existir a partir do momento em que acontece o reconhecimento das demais pessoas que interagem na rede e que ingressam como convidadas. Entrar no *blog*, ler as mensagens que foram disponibilizadas naquele dia e ver as imagens atualizadas periodicamente são coisas comuns e que complementam as suas atividades diárias. Para alguns jovens da contemporaneidade, precedem ou antecedem práticas cotidianas comuns como escovar os dentes, vestir a calça jeans ou colocar o tênis preferido. Desse modo, sem o esvaziamento do real ou substituição pelo virtual, mas no sentido de multiplicidade.

Hoje o *blog* é considerado como uma “forma independente de comunicação de massa confiável”, diz Leão (Caderno Mais, Folha de São Paulo: 2007), professora e pesquisadora das novas mídias, da PUC de São Paulo. Ela argumenta que é mais fácil ficar informado navegando por esses atalhos do que esperar a notícia sair no jornal, rádio ou TV, até porque, algumas vezes, vem acompanhada da censura do anunciante potencial do veículo de comunicação. Todavia não podemos ser ingênuos, pois, na internet teremos a “censura” a partir do olhar daquele que edita.

Outra possibilidade se visualiza no ato de ficar e partir. No mundo virtual, com muita frequência, “não se está presente” (LÉVY: 1996.19). Nesse sentido, o teórico acredita que o virtual é muito diferente em sua acessibilidade se comparado a um livro deixado em uma estante da sala de estudos, por exemplo, e que só poderá ser aberto se estivermos em casa, naquela sala onde foi deixado sobre a mesa.

Por outro lado, o virtual é nômade, disperso, errante, como uma fuga. Nômade, sem raízes fixas, “bárbaro que perturba a quietude do sedentário” (MAFESSOLI: 2001.44). Mafessoli, quanto trata do nomadismo, esclarece que as fugas são marcas psicológicas profundas em nossa estrutura mental. “O esquema de fugas tem raízes arcaicas” (p.39), portanto, não é espantoso que, pontualmente, volte-se ainda mais uma vez. Assim, é preciso acessar o *blog* mais uma vez, ajeitar aquela fotografia, acrescentar mais uma frase antes esquecida, enfim.

Do mesmo modo, a necessidade em ver o *blog* do outro mais uma vez, o que foi acrescido, modificado, inserido, de forma que a partida possa acontecer tão rapidamente quanto a entrada. O pretexto surge na escapada da hora do lanche, do intervalo de uma aula, no horário do café na sala de trabalho ou na *lan ou cyber* mais próximo, pois, no próprio “fundamento de todo estado nascente, surge o desejo de partir” (LÉVY: 1996.39), como, também, o de voltar mais uma vez.

Assim, poderíamos inferir as “vagabundagens pós-modernas” propostas por Mafessoli (2001:80), ou seja, na rede, os jovens têm a possibilidade de ficar, partir ou retornar mais uma vez, propostas que podem ser pensadas como o argumento dos “andarilhos”, que violentam a “ordem estabelecida, lembrando a ação de pôr-se a caminho” (p.41), situação que a rede possibilita sem hora/tempo para chegar ou partir, assim, como um barqueiro que fica a disposição das pessoas para atravessar o rio, de lá para cá, a qualquer momento.

Movido por essa necessidade de pulsão migratória, o *blog*, por exemplo, pode ser acessado de qualquer computador, em qualquer parte, a qualquer hora, desde que se esteja *on-line*. Por isso se apresenta transitório, desterritorializado, indeciso no desejo de estar aqui e ali. O desejo e a insatisfação, “a troca entre a estática e dinâmica”, ou seja, não há o “fechamento de cerca e o indefinido da liberdade” (MAFESSOLI: 2001.80). A possibilidade que se apresenta aos jovens é a de entrar no *blog* a qualquer hora, de quase todo lugar.

Talvez, sobre esse fato, o filósofo mais descrente, torcendo o nariz para essa possibilidade, argumentasse que temos aqui um problema, porém, se a modernidade foi marcada por certos fechamentos ou encarceramentos institucionais, como a família, a igreja, a escola, entre outras, parece que, enfim, chegou o momento de romper o cárcere e aproveitar um pouco

de cada coisa a qualquer hora. Pelo menos parece que é isso que os jovens se propõem quando estão “blogando”.

A respeito desse fato, a advertência seria de que

a liberdade do tom e de postura segregada pelo ambiente libertário do momento não é de modo algum índice de uma ideologia individualista ou de qualquer narcisismo efêmero, é mais um “eu” empírico, mais o “eu” original. (MAFESSOLI: 2001.69)

Eles podem estar querendo dizer “me olhem”, num verdadeiro culto narcísico, mas, para, além disso, de forma extremamente lúdica, é preciso preocupar-se com a estética, a ética e tudo o que envolve as inferências que o jovem pensa para atualizar o *blog*. Mas pode ser, também, possibilidade de passar o tempo, curtir-se num verdadeiro culto narcísico? Por que não?

Ainda sobre a falta de fixidez e sobre a liberdade do ficar e partir, Augé (1994), quando reflete sobre os lugares e não-lugares, argumentaria como algo “diametralmente oposto ao lar, à residência, ao espaço personalizado” (p. 36). Seria um entre-lugar, o que chamaria atenção no espaço virtual. O que é significativo nessa experiência de falta de raízes que fixem, é a sua força de atração, inversamente proporcional à atração territorial, ao peso de um lugar. Ele nos fala de um lugar de passagem, de um lugar próximo, do distante. Escreve que ao “encontrar o não lugar do espaço, um pouco mais tarde, seria como escapar à opressão totalitária do lugar, seria como encontrar algo que se assemelha à liberdade” (1994:107).

A tela do computador, de certo modo, nos “liberta” (ou prende?) da fixidez de um território ou é excesso de transformação acelerada? Superabundância factual do mundo contemporâneo? Fluidez, conceituada por Bauman (2001), sociólogo que discute as coisas voláteis como o amor líquido, de alguma coisa que “não fixa o espaço nem prende o tempo (...) que escorrega, transborda, inunda” (2001:8). Que não tem um lugar por si? Necessita de “um” lugar?

A fluidez e a liquidez são, para ele, “como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, como “derretimentos” (BAUMAN: 2001.9), que não nos fixam a nada. Assim, a possibilidade também pode ser a de não

perguntar de onde uma determinada ideia surge, mas somente como ela ajuda a iluminar as respostas humanas à sua condição. A possibilidade é a de encontrar-se ou “organizar-se”, de acordo com Lèvy (1996:20), “sobre uma base de afinidades por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos”, como no caso dos pesquisados, por exemplo. Os blogueiros podem estar reunidos pelos mesmos núcleos de interesse. A geografia não é mais nem um ponto de partida nem uma coerção. Apesar de não presente, “esta comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizade” (LÉVY: 1996.20).

É o desengate de um espaço-tempo que hoje se apresenta mutante, veloz, descontínuo, proporcionando o salto de um *blog* para outro ou para outro lugar, espaços que se metamorfeiam e se bifurcam num clicar, forçando-nos a “heterogênese, no sentido de processo de acolhimento da alteridade”. (LÉVY: 1996.23-24).

No entanto, essa referência que inferimos do autor, necessita de atenção para não se confundir a heterogênese com seu contrário próximo e ameaçador, que seria a alienação que o filósofo caracteriza como “reificação, redução a coisa, ao real” (LÉVY: 1996.25).

A outra possibilidade é a inversão dos dispositivos de comunicação tradicionais, ou seja, relação um/todos ou um e um para todos/todos.

Essa lógica seria como possibilidade de inteligência coletiva, pois, “do interior do espaço cibernético, encontramos uma variedade de ferramentas, de dispositivos, de tecnologias intelectuais” (PELLANDA: 2005.14). Ou seja, no caso dos blogs, muda o texto, pois é ele que se desloca diante de cada leitor; muda a passividade do leitor diante do texto, já que os blogueiros podem participar da redação de textos; muda o território, pois ele está em rede, isto é, encontra-se desterritorializado.

Para além do otimismo e do entusiasmo de alguns teóricos ou do pessimismo ou ironia em relação às TCD, o que parece estar em discussão – ao menos é isso que os jovens deste tempo fazem - é aproveitar as possibilidades que se apresentam neste novo tempo. Parece que jovens e *blogs* não se opõem, mas podem se completar.

A proposta que se apresenta nessa discussão é como podemos utilizar essas tecnologias a nosso favor, assim como o surfista faz com as ondas. Ele não se lança contra as ondas, ele

as espera para ir com elas, não contra, a proposta é aproveitá-la da melhor maneira possível. Para além da ideia da sedução incorporada por Lévy, o que se apresenta é uma nova possibilidade.

Para os jovens, a tecnologia é um complemento de infinitas opções, é claro que não podemos esquecer que este grupo faz parte de uma minoria privilegiada.

Outra questão a ser considerada é a expansão de *cyber café*, *lan house* e telecentros espalhados pelos bairros de qualquer cidade deste país e que são utilizados por milhares de jovens das mais variadas classes, cotidianamente.

Nestes novos tempos, para além das tendências maniqueístas, precisamos pensar como discutir com os jovens essas questões que estão muito além das diferenças entre o real e o possível, o atual e o virtual, “para não resultar impossibilidade e fim”, como nos alerta Garcia (2002:67). O educador nos convence de que “o seu devir pode ser um lugar vazio a ser saturado, mas nunca preenchido, por nenhuma prisão diacrítica e dicotômica, pois, é margem adiada” (2002:75).

Se vivemos em um tempo sem fixidez, novas territorialidades se apresentam, e a superfície se encontra porosa, assim, nada mais prudente do que acompanhar os acontecimentos da contemporaneidade sem lamentos do que já se foi, mas com muita atenção sobre as novas as possibilidades que se apresentam.

3.3 A vida no *reality show*.

Da última vez que fiquei doente, bateu uma baita saudade da gostosa sopa de mandioquinha que a minha mãe faz. Há dez anos, saí do interior, para morar na capital, longe da família. (...) Como a indústria alimentícia ainda não conseguiu reproduzir o cheiro, o calor e o aconchego que só a comida da mãe tem, fiquei choramingando à distância. Até que eu sarasse, quem me deu colo e fez com que me sentisse melhor foram os leitores do meu blog, que diariamente deixavam comentários e perguntavam sobre a minha saúde. Dän, Camila, Omesmo. Eu não conheço seus nomes reais, onde moram

e o que fazem, mas eles sabem muito sobre mim – ao menos, sobre a minha versão virtual, é claro. Há quase um ano, esses e outros internautas acompanham o meu dia-a-dia de caipira cosmopolita, minhas divagações e crises. Lêem sobre meu cotidiano de refém de uma gangue de gatos infratores, sabem da paixão que tenho por literatura infantil, olham os desenhos da minha breve carreira de ilustradora. Até que estimulam a colocar em prática minhas ideias estapafúrdias, como criar um pônei na área de serviço (se eu colocar feltro nas patas, os vizinhos talvez nem percebam) e abrir uma ecojoia que venda minhocas por metro e joaninhas a granel. Ou você pensa que sou a única a implorar por um pouco de roça num apartamento minúsculo? ²³

Os *blogs* bem que poderiam ser comparados com aquelas casinhas simpáticas no interior das pequenas cidades de qualquer parte do mundo em que as donas de casa zelosas, mães na sua maioria, deixam o assoalho impecavelmente encerado com um casaco de lã surrado que, colocado sob os pés, dá brilho. As janelas, abertas, estão à disposição ou a espera do vizinho, do parente ou qualquer visita que queira espiar por entre a cortina de crochê e entregar um quitute. Dar uma espiadela na composição dos móveis, fazer um comentário e seguir em frente ou parar para empurrar a porta, que na maioria das vezes, não foi fechada com a tranca, pode ser uma possibilidade, já que os perigos da cidade grande ainda não amedrontam. O visitante pode se achegar com toda a intimidade.

Mas, um *blog* pode ser comparado com uma casinha virtual, acolhedora?

Talvez sim, já que o blogueiro está a espera de um visitante que dê uma espiadela, até porque ninguém bloga para si!

Ao criar um *blog*, definitivamente, o blogueiro faz um pacto com seus convivas, ou seja: eu deixo um prato em cima da mesa da cozinha, repleto de biscoitos com segredinhos dentro e

²³ *Post* retirado do *blog* da Jornalista Carolina Costa na Revista. Disponível no endereço. www.vidasimples.com.br. Acesso em 12. 08.2009.

você pode entrar, todos os dias, se quiser, para experimentar um novo sabor ou apenas para saborear mais um biscoitinho e aproveitar para ler a mensagem colocada no interior da massa, tal como aquele famoso biscoito da sorte, elaborado na cozinha chinesa. Em outras palavras, o que percebemos é que a internet oferece a fragmentação do espaço público, tornando-se para o homem atual uma paixão, um encantamento.

A exemplo disso selecionamos a história de três jovens (Revista Veja: 2007.68) que não fazem parte do grupo pesquisado neste trabalho, mas que auxiliam a pensar sobre o público e o privado em tempos de cibercultura.

As jovens em destaque são todas brasileiras: Mariana de Souza Lima, ou Mari Moon, 24 anos, a carioca Ana Paula Matta, apelido Apê, codinome Ímpar, 20 anos e a catarinense Shana Andressa Roeder, 17 anos, a Maluka. Elas são jovens que se tornaram um fenômeno, da noite para o dia, a partir da elaboração de *blogs*.

Cada uma criou o seu *blog* e dedica horas do seu dia para elaborar e trocar as fotos, ajeitar e comentar fatos do dia-a-dia, colocar segredinhos, sugestões, dicas e todo o tipo de artifícios que provoquem a curiosidade dos internautas que as veneram, de forma que possam dar mais uma espiada no *blog* cuidadosamente elaborado pelas jovens.

Mari Moon, das três, é a campeã de acessos (setenta mil por semana). Ela aproveitou o *blog* para escrever sobre os sintomas e sensações que passou quando apresentou um quadro de depressão e, dia após dia, contar os problemas e as angústias pela qual passava, em relação a sua saúde. Com isso, obteve uma legião de adeptos que queriam acompanhar as minúcias do sofrimento da jovem com a doença. Talvez, quem sabe, conforto para tantos outros, que sofrem como ela.

Apê tem a marca de trinta e cinco mil acessos por semana em seu *blog*. Ela é estudante de moda e tem um jeito muito particular de vestir. Logo, logo, conseguiu vários seguidores que apreciam seu estilo. Seus leitores têm como hábito pedir sugestões e palpites em como se vestir para determinadas ocasiões ou apenas trocar ideias sobre moda e estilo.

Maluka tem quatro mil acessos por dia. Ela confessa passar dez horas à frente do PC e declara ter muito mais amizades na internet do que na sua cidade. O inusitado é que

acabou recebendo em casa, na cidade de Pomerode, a visita de Renan, de São Paulo, que nunca a tinha visto pessoalmente. Para ela, foi uma surpresa. Eles aproveitaram a visita para incrementar o *blog*, já que Renan domina mais a parte técnica. A garota alega que na sua cidade, no interior de Santa Catarina, não há muito o que fazer, assim o *blog* ajuda a passar o tempo e se conectar com muitas pessoas e fazer amigos.

As fotos que as jovens postam são simples, porém mostram a intimidade do quarto de dormir, o cachorro, os cômodos favoritos da casa. No *blog* elas são supersimpáticas, dão conselhos, ditam o modo de falar, se comportar e vestir. Entre os comentários mais comuns encontramos “tenho estado deprimida”, “será que a vida vale a pena?”, ou comentários e minúcias do dia-a-dia que ensejam intensas trocas pelo *blog*.

O mais interessante é que todas possuem contrato com a Melissa, fabricante de calçados de plástico para jovens. Das quase oitenta fotos tiradas por dia, elas aparecem em todas com os produtos da marca. E tudo começou de brincadeira, confessa Mari Moon, que hoje é apresentadora do programa *Scrap*, da MTV, rede de TV em canal aberto que atende, basicamente, ao público jovem.

Afora a questão do postar e aparecer, é interessante o acesso aos *blogs* das jovens, ou seja, a curiosidade que despertam nos demais, em se tratando de assuntos cotidianos ou frugalidades da vida privada.

Diferentemente das jovens que tratamos acima, encontramos relatos de quem não apreciou as visitas recebidas em seu *blog*. Edney de Souza foi um dos pioneiros dos *blogs* no país. Em 1997 ele criou o *blog* em que contava um pouco de tudo da sua vida pessoal, social. Muito próximo das pessoas que escrevem um diário íntimo, hoje ele prefere postar o que pensa, não mais o que vive. Ele relata que parou com os textos autobiográficos porque “as pessoas começaram a achar que eram velhas conhecidas minhas, que me ler pelo blog fazia delas minhas amigas de longa data” (REVISTA VIDA SIMPLES: 2007:49).

As preocupações de Edney procedem, já que, a cada três segundos, cinquenta e quatro novos *posts* já foram publicados na internet (REVISTA INFO: 2009.38). Se antes tínhamos um número reduzido de acessos, hoje as *lan house*, *ciber café* e telecentros espalhados por todos os lugares, tanto nos grandes

centros urbanos como nas periferias, zonas urbanas, rurais e pesqueiras, tal como acontece com o Projeto Beija Flor²⁵, que favorece a inclusão digital ao homem do campo e comunidades pesqueiras, no estado de Santa Catarina, ampliaram de forma vertiginosa o acesso. Como na vida real, a rede apresenta todo tipo de pessoas: pedófilos, trambiqueiros e estelionatários. O mais prudente seria tomar mais cuidado. Ao postar determinadas informações, é necessário “precaver-se, pois elas podem ser mal utilizadas”, pensa, hoje, Edney, que acabou mudando a sua postura na rede.

Sabemos que nunca houve um tempo no qual as pessoas, de modo geral, não ansiassem por saber um pouco mais sobre a vida privada dos artistas, do vizinho, da amiga, do parente. As esferas públicas e privadas tomam uma dimensão e se embaralham, ocupam as salas de espera dos consultórios, do salão de beleza, da academia de musculação, da mesa de jantar, das reuniões importantes.

A exemplo disso, quem não comentou nos últimos meses a barriguinha do jogador Ronaldinho - O Fenômeno - ou seu envolvimento com travestis na noite carioca? No trabalho, na roda de amigos, na escola, na academia ou na sala de jantar o assunto corria solto de boca em boca. E o cabelo novo da apresentadora Fátima Bernardes? E a cantora pop, inglesa, Amy Winehouse? Essa não passa um só mês sem ser fotografada pelos paparazzi, que neste tempo espetacular são profissionais de grandiosa importância para as revistas sensacionalistas.

É certo que poderíamos ficar um tempo escrevendo sobre os famosos e suas histórias picantes, mas, da mesma forma que as celebridades, as pessoas de vida ordinária também ocupam um tempo do dia-a-dia comentando sobre determinado comportamento, valor e atitude de amigos, parentes, conhecidos ou desconhecidos. Assim, tentar compreender a prática dos

²⁵ O projeto Beija-flor, de Inclusão Digital, foi estabelecido em Santa Catarina, em 2004, pela Secretaria de Estado de Agricultura e Desenvolvimento Rural, e busca promover, através da parceria com a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil e o CDI, ações de inclusão social e digital a uma parcela significativa das comunidades pesqueiras e do meio rural, por meio de salas equipadas com computadores. Estas têm acesso às informações via internet e ao uso de programas que auxiliam na gestão dos empreendimentos e contribuem para a inclusão social e melhoria de sua renda e qualidade de vida.

blogueiros ou a história das pessoas de vida comum na blogosfera é ampliar a discussão.

Entre os principais teóricos que poderíamos trazer à conversa, e que discutem sobre as esferas pública e privada, encontramos Hannah Arendt²⁶ e Jürgen Habermas, pensadores contemporâneos pós-marxistas que se dedicaram, entre outros, a estudar o tema. Estes estudos podem ser interessantes para pensarmos o público e o privado nas práticas dos jovens em seus *blogs*.

Na obra, *A condição humana*, publicada em 1958, a autora busca discutir a *res-pública* como liberdade pública de participação democrática diante dos eventos e das perplexidades que acompanham a segunda metade do século XX. Dessa forma, a filósofa desenvolveu argumentos sobre teoria política ou se propôs a refletir sobre o que estamos fazendo nessa direção. Seu desejo é “uma reconsideração da condição humana à luz de nossas mais novas experiências e nossos temores mais recentes”. Para tanto precisamos de “reflexão e a irreflexão” por que

a imprudência temerária ou a irremediável confusão ou a repetição complacente de “verdades” que se tornaram triviais e vazias parece ser uma das principais características do nosso tempo” (Arendt: 13).

Arendt nos ajuda a compreender um pouco mais a ideia de liberdade com ênfase no espaço para a política, ponto em que suas teorias se tornam importantes para este trabalho e, fundamentalmente, auxilia a esclarecer como se dá a fragmentação do espaço privado e a entender a esfera pública.

Algumas vezes, a filósofa foi acusada de ter uma visão elitista sobre a esfera pública. Como veremos com mais detalhes, Arendt escreve que o privado diz respeito à vida em

²⁶ Entre os biógrafos de Arendt, temos Laure Adler, autora do livro *Nos passos de Hannah Arendt*, onde conta que a filósofa, enquanto lia os mais belos clássicos, punha-se a fazer dietas a base de grão de bico e repolho. Outra passagem que mostra um pouquinho da sua personalidade diz que, certa vez, Arendt sofreu um acidente e quebrou algumas costelas, perna e pulso. Enquanto esperava socorro, e vendo que não estava parálitica, pôs-se a recitar poemas em grego. Utilizamos estes dois fatos, como ilustração, para mostrar que nem mesmo a filósofa política ficou imune aos cochichos, pois sua biógrafa, também relata fatos curiosos de sua vida privada.

família onde, por exemplo, são satisfeitas as necessidades mais básicas do homem.

O que nos leva à reflexão de que na prática da criação dos *blogs* estaria o esvaziamento do político? Que desejo é esse de mostrar a um outro desconhecido - distante ou muito próximo - que reconhece e se conhece, reflete e espelha em imagens e escritos, a intimidade postada no *blog*? Por que postar minúcias da vida privada? Com quais intenções (se é que existem)?

A motivação a esta reflexão é a percepção de política como esfera da liberdade de “ação entre os iguais e que parece ter-se modificado se comparada a teoria política praticada na Grécia Clássica” (ARENDT: 1995.39), como também argumenta Habermas. Arendt utiliza o termo “banalização da política” toda vez que o utilitarismo²⁷ aparece em relações e manutenção da esfera social, bem como na satisfação de necessidades que dominam as atividades humanas, o que, ainda assim, para ela, continua sendo chamado de vida política.

Arendt faz uma distinção entre a *vita activa* e a *vida contemplativa*, visualizando a última como contemplação do eterno – domínio do pensamento.

A *vita activa* seria composta por labor, trabalho e ação. Assim, o labor estaria ligado com a satisfação das necessidades biológicas mais imediatas. Ou seja, o labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujo crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas pelo labor no processo da vida (ARENDT: 1995.15).

Desse modo, afirma que “a condição humana do labor é a própria vida” e não requer, como a ação, a presença de outros. A ação seria a única “atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria” (ARENDT: 1995.15), a ação seria a única que não poderia ser imaginada fora da sociedade dos homens. O correspondente à

²⁷ O utilitarismo no sentido de pensamento ético, político e econômico (inglês) dos séculos XVIII e XIX, conceituado primeiramente por Bentham e posteriormente por Mill (Abbagnano: 1999.986).

condição humana da ação, para a filósofa, seria a *pluralidade*. Assim, o labor, o trabalho e a ação, como aspectos da condição humana, teriam alguma relação com a política, e estes, íntima relação com as condições mais gerais da existência humana, ou seja, “o nascimento, e a morte, a natalidade e a mortalidade” (ARENDT: 1995.16).

Nesse sentido,

o labor assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. O trabalho e seu produto, o artefato humano, emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano. A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar os corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história (ARENDT: 1995.16-17).

Dentro de determinadas fronteiras, o labor e o trabalho são atividades de meios, não são fins em si mesmos. O domínio da ação seria o espaço em que os indivíduos agem em igualdade. A liberdade só se dá em associação com outros indivíduos; desse modo, o social veio para dominar o que foi um dia a dicotomia entre o público e o privado.

A condição humana, para Arendt, nunca é fixa, e pode ter o domínio da liberdade restaurado no mundo moderno, por que os avanços da tecnologia tornaram a *questão social* – sobre as necessidades e como satisfazê-las – redundante, logo, a principal atividade nas vidas dos que vivem em sociedade não precisa mais ser simplesmente governada pela necessidade. Desse modo, poderíamos entregar-nos à futilidade, à frugalidade, ao ócio, ao prazer sem remorsos, sem lamúrias. Postar e aparecer pode, sim, ser uma atividade que atende à ordem da liberdade, a outras necessidades, a novas possibilidades.

O labor assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. O trabalho e seu produto, o artefato humano, emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano. A ação,

na medida em que se empenha em fundar e preservar os corpos políticos, cria a condição para lembrança, ou seja, para a história (ARENDT: 1995.16-17).

Assim, compreender a divisão entre as esferas pública e privada, entre a polis e a família, entre as atividades do mundo comum e as pertinentes à manutenção da vida, divisão estas nas quais se baseavam todo o antigo pensamento político, é uma necessidade, ainda que, para Arendt, essa linha divisória se apresente “difusa”, porque:

vemos o corpo de povos e comunidades políticas como uma família cujos negócios diários devem ser atendidos por uma administração doméstica nacional e gigantesca. O pensamento científico que corresponderia a essa nova concepção já não é a ciência política e sim a “economia nacional” ou a “economia social” (ARENDT: 1995.38).

A sociedade seria o conjunto de famílias economicamente organizadas e o que indicamos como nação, a organização política deste conjunto, “a esfera pública ocorre às custas da esfera privada da família e do lar” (ARENDT: 1995.38).

Os gregos, na análise da autora, tinham como certo que a liberdade situa-se exclusivamente na esfera política, e que a necessidade é primordialmente um fenômeno pré-político, característico do lar privado (ARENDT: 1995.40).

É moderno, então, o estreitamento entre a esfera privada e pública. Do “sombrio interior do lar para a luz da esfera pública”. É assim que Arendt nos mostra como aconteceu com a ascensão da administração caseira, que não apenas diluiu a “antiga divisão entre o privado e o público, mas também alterou o significado dos termos e a sua importância para a vida do indivíduo e do cidadão” (ARENDT: 1995.47), a ponto de torná-lo quase irreconhecível.

Os gregos viam na vida privada, própria do homem comum, uma vida idiota. Para os romanos, essa vida era concebida como um refúgio contra os negócios da res-pública. Hoje o que chamamos de privado é “um círculo de intimidade

cujos primórdios podemos encontrar nos últimos períodos da civilização romana” (ARENDT: 1995.48).

Arendt (1995) mostra que

o acontecimento histórico decisivo é que a privatividade moderna, no sentido de proteger o que é íntimo, foi descoberta não como o oposto da esfera política, mas da esfera social, com a qual, portanto, tem laços ainda mais estreitos e autênticos (p.48)

Tal privatividade inferiu grande importância ao moderno individualismo que, por sua vez, proporcionou o enriquecimento da esfera privada.

O indivíduo moderno com seus intermináveis conflitos, sua incapacidade de sentir-se à vontade na sociedade ou de viver completamente fora dela, seus “estados de espírito em constante mutação e o radical subjetivismo de sua vida emocional nasceram desta rebelião do coração”, argumenta Arendt (1995.49).

Abrindo um parêntese, é importante mostrar que entre os séculos XVIII e XIX aconteceu o florescimento da poesia, da música e do romance. Para Arendt (1995:49), o último é citado como a única arte inteiramente social, o surgimento destes coincide com o declínio de todas as artes públicas.

A ascensão da sociedade coincide com o declínio da família, ou seja, houve uma absorção da família pelos grupos sociais. A igualdade se mostra muito mais reveladora neste espaço público do que entre os membros da família. A crítica de Arendt (1995) fica por conta da exclusão da ação, que antes era exclusividade do lar. Ao invés da ação, a sociedade espera de cada um dos seus membros um certo tipo de comportamento, localizado em regras normativas de comportamento social, que “possam abolir a ação espontânea ou a reação inusitada” (p.50). O surgimento da sociedade de massas indica que os vários grupos sociais foram absorvidos por uma única sociedade, tal como as famílias pelos grupos sociais. Arendt (1995) nos revela que a sociedade “conquistou a esfera pública, e que a distinção e a diferença reduziram-se a questões privadas do indivíduo” (p.51).

Em três séculos, o processo de vida foi canalizado para a esfera pública. Assim, a esfera privada da família era o plano no qual as necessidades da vida, da sobrevivência individual e da continuidade da espécie eram atendidas e garantidas.

Nenhuma atividade poderia tornar-se excelente se o mundo não proporciona espaço para esse exercício. Nem a educação, nem a engenhosidade, nem o talento pode substituir os elementos constitutivos da esfera pública, que fazem dela o local adequado para a excelência humana (ARENDT: 1995.59).

A esfera pública, no conceito da filósofa, significa que “tudo que vem do público pode ser visto e ouvido por todos e tem maior divulgação possível” (p.59). Logo, a realidade, desde que “desprivatizada e desindividualizada”, no sentido daquilo que pode ser visto e ouvido por todos, depende da nossa percepção da aparência e, portanto, depende de uma esfera pública *na* qual as coisas possam emergir *da* “treva da existência resguardada, até mesmo à meia-luz, que ilumina a nossa vida privada e íntima. Em última análise, da luz muito intensa da esfera pública” (p.61).

No entanto, a autora diz que muitas coisas não suportam a “luz implacável e crua da constante presença de outros no mundo público”, neste só será tolerado o que é tido como “relevante, digno de ser visto ou ouvido, de sorte que o irrelevante se torna automaticamente assunto privado” (Arendt: 1995.61), porém isso não significa que as questões privadas sejam irrelevantes e não sobrevivem à esfera pública. A exemplo disso, a filósofa mostra que entre as pequenas coisas podemos ser felizes, exemplificando que:

Após o declínio de sua vasta e gloriosa esfera pública, os franceses tornaram-se mestres da arte de serem felizes entre “as pequenas coisas”, dentro do espaço de suas quatro paredes, entre o armário e a cama, entre a mesa e a cadeira, entre o cão, o gato e o vaso de flores, dedicando a estas coisas um cuidado e uma ternura que, num mundo em

que a rápida industrialização destrói constantemente as coisas de ontem para produzir os objetos de hoje, pode até parecer o último recanto puramente humano no mundo (ARENDT: 1995.62)

Um significado encantador, no entanto, em prejuízo da esfera pública.

O outro significado do termo público, para a autora, denota o próprio mundo, na medida em que o mundo é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Mas, o mundo, ao mesmo tempo, separa e estabelece uma relação entre os homens. A esfera pública pretende reunir os homens, contudo o que provoca o distanciamento é justamente o fato de que o mundo perdeu a força de mantê-los, de relacioná-los uns aos outros, de separá-los. Formar um “corpus aceito, cujos membros teriam entre si a relação que tem os irmãos de uma mesma família” (p.65).

Quando ninguém pode concordar com ninguém, na tirania, nas sociedades de massa ou de histeria em massa é que seus membros se comportam como se fossem de uma única família, cada um “manipula e prolonga a perspectiva do outro” (p.68), os homens se tornam privados, ou seja,

privados de ver e ouvir os outros e privados de ser vistos e ouvidos por eles. São todos prisioneiros da subjetividade de sua própria existência singular, que continua sendo singular ainda que a mesma experiência seja multiplicada inúmeras vezes. O mundo comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só lhe permite uma perspectiva. (ARENDT: 1995.68)

Ou seja, o que quer que faça “permanece sem importância ou consequência para os outros, e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para outros” (ARENDT: 1995.68). Assim, “a privação de relações objetivas com outros, diz a filósofa (1995), configura-se no fenômeno da solidão, no qual assumiu sua forma mais estreita e anti-humana” (p.68).

Arendt ainda argumenta que a sociedade de massa:

não apenas destrói a esfera pública e a esfera privada: priva ainda os homens não só do seu lugar no mundo, mas também do seu lar privado, no qual antes eles se sentiam resguardados contra o mundo. E onde, de qualquer forma, até mesmo os que eram excluídos do mundo podiam encontrar-lhe o substituto no calor do lar e na limitada realidade da vida em família. (ARENDT: 1995.68)

Arendt se surpreende no sentido que essa atitude tenha sobrevivido na era moderna. Já a conexão entre o privado e o público - propriedade e riqueza de um lado e do outro inexistência da propriedade e pobreza - são relevantes para a esfera pública e “condição para a admissão do indivíduo à esfera pública e a plena cidadania” (p.71). Para a filósofa, é fácil esquecer que “a riqueza e a propriedade, longe de constituírem a mesma coisa, têm caráter inteiramente diverso” (p.71), nos tempos antigos ela conta que “quem viesse a perder o seu lugar perdia automaticamente a cidadania, além da proteção da lei” (p.72).

Nas cidades que surgem, e entre o nascimento e a morte, existem os limites do privado entre as paredes das casas. A lei é uma espécie de terra de ninguém.

A contradição entre o privado e o público amplia-se nos “estágios iniciais da era moderna”, fenômeno temporário que trouxe a completa extinção da própria diferença entre as duas esferas, ou seja, a “submersão de ambas na esfera do social” (ARENDT: 1995.79). A filósofa mostra que a submersão da esfera pública ocorreu porque “se tornou função da esfera privada, e a esfera privada porque se tornou a única preocupação comum que sobreviveu” (1995:79).

A primeira preocupação da autora, entretanto, é com a descoberta da intimidade. Ela argumenta que:

a diferença entre o que temos em comum e o que possuímos em particular é, em primeiro lugar, que nossas posses particulares, que usamos e consumimos diariamente, são muito mais urgentemente e necessárias que qualquer parte do mundo comum; sem a

propriedade privada, de nada nos vale o comum” (1995.81).

A segunda preocupação acerca da não privatividade, para Arendt (1995), é que “as quatro paredes da propriedade particular de uma pessoa oferecem o único refúgio seguro contra o mundo público comum” (p.81), ela ainda argumenta que ser visto, ouvido e ter uma vida pública na presença de outros se torna superficial. Desse modo,

retém a sua visibilidade, mas perde a qualidade resultante de vir à tona a partir de um terreno mais sombrio (...) o único modo eficaz de garantir a sombra do que deve ser escondido contra a luz da publicidade é a propriedade privada – um lugar só nosso, no qual podemos nos esconder” (ARENDT: 1995.82).

A invasão da privatividade do homem pela sociedade proporciona que cada vez mais muros sejam erguidos ao redor de suas casas. Esta invasão e a socialização do homem são mais eficazmente realizadas através “da expropriação, mas essa não é a única maneira”, no argumento de Arendt (1995:82). Ela sugere que neste ou em outros aspectos,

as medidas revolucionárias do socialismo ou comunismo podem ser substituídas pela decadência da esfera privada em geral e da propriedade privada em particular (ARENDT: 1995.82).

Assim, a distinção destas esferas privada e pública, sob o ponto de vista da privatividade e não do corpo político, equivale à diferença entre aquilo que pode ser exibido ou ocultado.

A filósofa nos mostra que a distinção entre o privado e o público se opõe à necessidade e à liberdade, entre a futilidade e a realização, entre a vergonha e a honra. Assim, não é verdadeiro que “somente o necessário, o útil e o vergonhoso tenham um lugar adequado na esfera privada” (ARENDT: 1995.83). Ela argumenta que “há coisas que devem ser ocultadas e outras que necessitam ser expostas em público para que possam adquirir alguma forma de existência”. (ARENDT: 1995.84).

Se examinarmos essas coisas, independentemente de onde as encontramos, em qualquer civilização, veremos que cada atividade humana converge para a sua localização adequada no mundo. Isto se aplica às principais atividades da vida *activa* - labor, trabalho e ação. (ARENDT: 1995.84)

Para Arendt (1995), a liberdade não é a liberdade moderna e privada da não interferência, mas sim a liberdade pública da participação democrática. A ação, a palavra e a liberdade não são para ela coisas dadas, precisam de um esforço e participação no espaço público. Ela chama a atenção para o fato de que “a liberação da necessidade não se confunde com a liberdade e que esta exige um espaço próprio – o espaço público da palavra e da ação”, na análise de seu tradutor Celso Lafer (p. 350).

Habermas, quando publicou a obra *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, em 1962 inspirou-se na obra de Arendt. Nessa obra o autor analisa como se dá a formação do espaço público, reestruturando principalmente o conceito de público. Para ele, a visão é sociológica e o discurso tem um papel fundamental, e é nessa esfera que o homem pode modelar o agir político. Habermas vai defender que o espaço público é no fundo uma associação de pessoas privadas, para quem o conceito moderno de público e privado nasce com o Iluminismo, embora sendo anterior quanto a sua forma, ou seja, com a possibilidade de haver trocas de opiniões entre os cidadãos sobre os temas políticos.

É importante ressaltar a diferença entre a Ágora Grega e o espaço público, no qual todo o cidadão pode mostrar-se para debater as questões de interesse do governo das Cidades. Esse espaço da esfera pública tinha um significado muito grande de liberdade, com direitos iguais para todo cidadão livre que opinava nos assuntos públicos. O espaço público era uma praça, por exemplo, espaço concreto de encontro e discussão.

Habermas infere que, para os gregos, a polis é a coisa comum a todos os cidadãos livres e está estritamente separada da esfera privada (oikos), que é própria de cada indivíduo. O

discurso tem um papel fundamental, pois a proposta é a de modelar o agir político. Quanto à esfera pública burguesa, o filósofo a toma como espaço homogêneo, no qual a razão potencializa ideias e argumentos.

A esfera pública burguesa pode ser inicialmente entendida como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público: elas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio de mercadorias do trabalho social (HABERMAS: 1994.42).

Assim como Arendt, Habermas argumenta que essas manifestações surgiram nos salões e cafés. Segundo ele, foi na arte e na literatura que se criou o espaço de debates depois transposto para a política. Sua ampliação se deu graças ao crescimento das transações mercantis e financeiras.

Habermas(1994) ainda acrescenta que o espaço público liberal supõe a existência de pessoas autônomas, com capacidade de produzir sua opinião, não alienado aos discursos dominantes e principalmente acreditando nas ideias e na argumentação, e não apenas no afrontamento físico. No entanto, alerta para não esquecermos que as massas acabaram sendo excluídas desse processo, pois não apresentavam competência necessária para o debate, já que a intelectualidade crítica estava mais adequada e apta à discussão emancipatória em relação às explicações metafísicas e teológicas, logo, mostra o autor, não é espaço para todos e sim para uma minoria elitizada.

Para Habermas(1994), o declínio da esfera pública burguesa surge com o início do capitalismo industrial e a democracia de massas. A informação passa a ser fragmentada, descontínua. A massa recebe informações, mas, diferentemente da burguesia, perde-se a análise. Para ele, o debate crítico era fundamental, porque enriquecia a cultura. Os salões e cafés perderam aos poucos seu território para o estado e para as organizações industriais. A imprensa deixou de lado as ideologias em busca de leitores e publicidade. Nesse caso,

guardado o devido contexto histórico e a evidente exclusão de determinada classe social, como na esfera pública grega, os *blogs* podem ser considerados espaços políticos onde qualquer pessoa que acesse a rede pode ser produtora e receptora de informações, opiniões, etc. A liberdade desse espaço pode garantir a troca de informações que as mídias tradicionais, na sua grande maioria, estão impedidas por contratos econômicos ou políticos. No caso, os blogueiros não se sobrepõem as outras mídias, mas as complementam e ampliam livremente, sendo que a participação pode ser realizada para e por qualquer pessoa, pelo menos deveria ser assim.

Os exemplos trazidos por Arendt e Habermas, neste final de capítulo, pretendem mostrar o significado político da *vita activa*, porém, na contemporaneidade, nunca a frase de Tertuliano (in ARENDT: 1995.84) esteve tão desatualizada quando diz que “nada nos é mais alheio que o que tem importância pública”. A intimidade, o oculto das quatro paredes são os eventos sedutores de uma curiosidade que extrapola a dignidade do humano na sociedade deste tempo. Na maioria das vezes, saber sobre dietas ou o comportamento na intimidade de uma celebridade pode ser muito mais espetacular do que aquilo que escreveu em dado tempo histórico, se exemplificarmos com a vida e obra de Arendt. Afinal, estamos num tempo de mudanças velozes e as nossas certezas já estão vulneráveis. É a autora em destaque neste capítulo quem diz:

A bancarrota decorre não da destruição, mas da conservação, porque a própria durabilidade dos objetos conservados é o maior obstáculo ao processo de reposição, cuja velocidade em constante crescimento é a única coisa constante que resta (ARENDT: 1995.265).

Em tempos de pós-modernidade, a leitura de Arendt é fundamental para compreendermos que os idealismos ou as considerações de fins estão em cheque. Os *blogs* muito dizem sobre a reconstrução de novos espaços democráticos de debates de futilidades ou não, já que neles encontramos assuntos que tratam sobre política, cinema, humor, tecnologia, jornalismo, mas também futilidades e fofocas, entre outras

segmentações, acessíveis a um número cada vez maior de pessoas.

Os *blogs* promovem a liberdade individual, a expressão que tira do centro da mídia impressa, televisiva e radiofônica a autoridade de noticiar. Qualquer blogueiro, hoje, pode oferecer aos internautas o que a mídia fica impossibilitada, quer por dificuldades geográficas, econômicas ou políticas. A este respeito, temos a história da blogueira mais famosa de Cuba, Yoani Sánchez, eleita a pessoa mais influente do mundo, pela revista Time. Ela foi entrevistada pela jornalista Flávia Tavares, do jornal Estadão, por telefone, e questionada sobre a perseguição²⁸ que vem sofrendo do governo cubano em relação às postagens no seu *blog*. Ela argumenta que os “cidadãos cubanos são como crianças. Precisam de autorização do “papá” para quase tudo, inclusive para ir e vir de Cuba. Comportei-me mal porque conto como vivemos em Havana”, disse Yoani à jornalista. O *blog* de Yoani, *Generación Y*, andou ‘de castigo’, tentaram tirá-la da rede diversas vezes, todavia as interferências de vários blogueiros do mundo todo não permitiram uma censura completa, além disso, eles realizaram uma petição virtual, dando apoio e força aos parlamentares brasileiros, pressionando as autoridades cubanas para que o *blog* não fosse censurado e a blogueira pudesse vir ao Brasil.

Rodrigues (2006), a esse respeito, comenta que:

Esta forma de comunicação pessoal e auto-edição característico dos *blogs* parece de fato alargar o espaço de

²⁸ Alguns senadores brasileiros mobilizaram-se para pressionar o governo de Cuba a liberar o visto de Yoani e permitir que ela viesse ao Brasil, em outubro de 2009, quando a Editora Contexto lançou seu livro “De Cuba com Carinho”. O movimento começou a partir de conversas do historiador e editor Jaime Pinsky com a Embaixada de Cuba no Brasil para formalizar o convite à autora para o lançamento. Mas a blogueira já foi convidada a visitar outros países e as autoridades cubanas nunca a liberaram. O editor procurou, então, o senador Eduardo Suplicy (PT-SP), “que é do governo brasileiro e amigo do cubano”, para que ele intercedesse. Sérgio Guerra (PSDB-PE) protocolou um pedido na embaixada de Cuba e Demóstenes Torres (DEM-GO) tenta aprovar um convite formal do Senado brasileiro a Yoani, como forma de pressionar Havana. Até o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso teria manifestado sua intenção de intervir na diplomacia cubana. “Não tenho esperanças de viajar. Viajo virtualmente no blog”, resigna-se Yoani. “Mas é a primeira vez que políticos tentam me levar a um país e fico feliz que seja o Brasil”, argumenta a blogueira de 31 anos.

participação dos cidadãos comuns, multiplicando ou se quisermos, criando novos espaços públicos que podem ou não ser ampliados pelos *media* e pela sociedade em geral. Um conjunto de novas vozes acompanha questões públicas e não só, indicando assim que cidadania se exerce também na *internet* e através dela (p.28).

Possibilidade ampliada e que remete para democracia que só existe desde que as opiniões possam circular, serem comentadas, criticadas livremente ou reformuladas.

Os *blogs*, ao que parece, conseguiram atrair milhares de pessoas para um novo sentido: comunicar-se, estabelecer relações de afinidade, trocar opiniões, alargando, desta forma, o espaço público.

CAPÍTULO III

4. CONFORMISMOS E REBELDIAS: UM OCEANO COM MUITAS ONDAS.

Umbigo, meu nome é umbigo, gosto muito de conversar comigo.
Umbigo, meu nome é espelho, não dou ouvidos, nem peço conselhos.
Umbigo, meu nome é certeza, só é real o que convém à realeza.
Umbigo, meu nome é verdade, sou o dono do mundo e o rei da cidade.
Umbigo, meu nome é umbigo...
Eu sou mais eu! Dê cá um *close* no narciso
Me peça tudo, só não peça para ter juízo.
Umbigo, meu nome é umbigo.
Não sei nada além de mim: o amor é cego.
Umbigo, meu nome é umbigo.
Vivo na sombra e água fresca do meu ego.
Eu vou andando, e quem quiser que acerte o passo,
Faço o que eu digo, e eu me concentro no que faço.
Se, um dia, o mundo pegar fogo, eu salto antes
e dou adeus a seis bilhões de figurantes.
Umbigo, meu nome é umbigo.
Quem está contra mim também está comigo.
Umbigo, meu nome é guru, eu caí do céu pra mandar em tu.
Umbigo, meu nome é umbigo, o mundo perde o freio, eu nem ligo.
Comigo só não vai quem já morreu.
Umbigo, meu nome sou eu”.
(Música: Umbigo; Cantor: Lenine).

A música de um dos compositores que se preocupam com letras mais elaboradas, dentro do circuito da Música Popular Brasileira, e que inicia este capítulo, trata das questões do ego. O compositor provoca quando canta: “não sei nada além de mim”, em culto narcísico explícito.

Na mitologia da Grécia Arcaica, a figura de Narciso é incapaz de perceber a alteridade e acaba recebendo como solução cultural a própria morte. Posteriormente, será a vez de o cristianismo pregar a negação de si, o desprendimento e a abnegação. O prêmio deste padrão antinarcísico seria obter a própria salvação eterna. Inversamente a essa ideia de desprendimento e abnegação, na contemporaneidade, o mundo

cada vez está mais estetizado, centra-se o desejo, a sedução e o olhar para si. A letra da música, que dá início ao capítulo, é provocativa e reforça essa ideia quando sugere: “se um dia o mundo pegar fogo, eu salto antes e dou adeus a seis bilhões de figurantes”. Numa primeira olhada sobre a contemporaneidade, parece ser muito difícil concretizar o discurso cooperativo ou colaborativo de uma sociedade utópica, seja ele político ou social. As questões que poderiam estar imbuídas desse sentido facilmente se esvaem, uma vez que o jovem parece não conseguir se perceber para além de si quando estaria aberto ao exercício de alteridade, percebendo o outro. Dentro dessa compreensão, os jovens têm sido acusados de serem individualistas e egoístas, preocupados apenas “com o seu umbigo”. De que modo, porém, os jovens colocam-se nesse lugar que lhes indicam? Haveria um amor desmesurado por si mesmos, fazendo com que se esquecessem das questões políticas e sociais?

Esses são questionamentos que trataremos no capítulo final deste estudo. Nesta primeira parte, pretendemos discutir o que percebemos, por intermédio das respostas nos questionários e nos *blogs*, em relação ao tema de política, buscando perceber se eles se inserem ou não nesses lugares que lhes são indicados.

Concluindo este capítulo, ao observar a trajetória da pesquisa, podemos visualizar novas possibilidades ou mundanidades que os jovens estão inventando para interagir neste tempo.

4.1 Da revolução ao *surf*: os muitos modos de habitar o presente.

Enquanto o país vendia a camisa de força da ditadura nos anos 60 e 70, um grupo de jovens criativos e rebeldes sacudia as arcaicas estruturas sociais. A proposta era quebrar regras, misturar estilos e incorporar à MPB a linguagem *pop*, impregnada de psicodelismo. Caetano Veloso era um desses rebeldes que balançavam as instituições da época, escandalizando, com sua atitude, a tradicional sociedade brasileira. Em 1967, no Festival de Música da TV Record, palco das manifestações musicais da época, o cantor baiano deixou perplexa a plateia comportada que lotava, naquela noite, as

arquibancadas do Maracanãzinho. Em seu livro "Verdade Tropical" (VELOSO: 1997.172), Caetano Veloso conta que irrompeu de uma hora para outra no palco, com uma cara furiosa, antes que seu nome fosse anunciado, assustando locutores, diretores, produtores e o público. O susto foi tão grande quanto a não-observância da tradição do Festival em usar *smoking*. Caetano escreve:

isto não se restringia aos meninos da banda: era ainda mais chocante por eu estar usando, diferentemente de todos os outros cantores, dos músicos e dos apresentadores, um terno xadrez marrom e uma camisa de gola rolê laranja vivo. (VELOSO: 1997.172)

A ira do cantor foi desencadeada porque a sua banda, os chamados *Beat Boys*, recebeu uma enorme vaia da plateia. Os rapazes entraram antecipadamente para ligar os instrumentos, contrariando o protocolo do Festival. Além disso, vestiam roupas cor-de-rosa, usavam cabelos longos e empunhavam guitarras elétricas, em vez de violão. Foi um choque. A plateia só se refez do susto quando Caetano começou a cantar a música "Alegria, Alegria", que se transformaria, posteriormente, no hino que desafiaria o momento político futuro. "Caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento, (...) nada nos bolsos e nas mãos. (...) Eu vou, por que não? Por que não?".

Através das canções, Caetano mostrava que estava 'se lixando' para a ditadura e para o governo panóptico que faria sumir um grande número de rebeldes. Ele caminhava contra os ventos que traziam a ditadura, sem lenço para se proteger do gás lacrimogêneo que dispersava as passeatas estudantis, avisava que não levava armas nas mãos. A arma que empunhava era simbólica, mas tão poderosa como um AR-15. Caetano fazia músicas politizadas, inaugurando um tempo que ficou conhecido na Música Popular Brasileira como Tropicália, que significava, apenas, que era proibido proibir. Com ele, seguiriam outros rebeldes: Gilberto Gil; Os Mutantes, com Rita Lee; Milton Nascimento; Gal Costa; Maria Bethânia; Tom Zé; Geraldo Vandré; Chico Buarque; Paulinho da Viola; Jorge Ben; entre outros. Hoje, estão todos sessentões e cantando como

nunca. “Estes bons meninos de hoje eram os rebeldes da outra geração”.²⁹

No início dos anos 80, vieram novos rebeldes: os *punks*. Eles possuíam toda uma elaboração no estilo de vestir, na postura perante a vida, no comportamento e no lazer. Estudando esses grupos, a socióloga Abramo (2000) relata que eles atraíam a atenção de todos por apresentarem uma certa

agressividade real e simbólica do seu comportamento, pela negatividade de suas representações do presente e do futuro, pelo investimento na própria imagem e pelo privilegiamento do lazer e dos produtos da indústria cultural como elementos articuladores de suas atividades (p. xi).

O aparecimento desses grupos, acredita a autora, parece ter sido um fenômeno característico do universo juvenil das últimas décadas, constituindo-se em marca de uma geração; no entanto, a mídia classificava-os como puro modismo imposto pela indústria cultural ou, então, como expressões de um “protesto cético de jovens desencantados com as questões e com os rumos da sociedade” (ABRAMO: 2000. xii).

Ela acredita, porém, que o ponto de referência comum às interpretações estaria sendo fixado no contraste com os anos 60 e os 80, cujas manifestações apareciam como “significativas de uma juventude carente de idealismo e de empenho ou de qualquer outro interesse por questões públicas e coletivas” (ABRAMO: 2000. xii). Após essa geração que ela chama de “espetacular” - no sentido de vestir e se colocar perante o mundo como se fossem atores de um espetáculo - surgiram outros grupos como *darks*, *skinheads*, *rastafaris* e *rappers*, que foram se constituindo no imaginário de seu tempo como uma geração de incapazes.

As gerações que os precederam acreditavam que eles poderiam ser formuladores de propostas para a transformação social (ABRAMO: 2000. xi). No entanto, teriam permanecido na indiferença. Os *punks*, especificamente, eram tidos como revoltados contra o sistema, jovens agressivos e que

²⁹ Música do grupo *Titãs*, intitulada: “A melhor banda de todos os tempos, da última semana”.

apresentavam uma perspectiva de futuro extremamente sombria. O que realmente ficou no imaginário sobre essas gerações é que aos jovens cabiam dois papéis fundamentais: o de “agente transformador da sociedade e o de propositor de mudanças” (ABRAMO: 2000. xii). Inevitavelmente, houve cobranças por parte das gerações dos anos 60 e 70, no sentido de que esses grupos de jovens que os sucederam teriam traído os sonhos revolucionários das antigas gerações.

É interessante perceber em Abramo (2000) toda a ordem de expectativas que acompanha o imaginário dos adultos sobre os jovens. No livro "Ideais da Adolescência", o psicanalista Tiago Corbister Matheus (2002:164) analisa que os adultos tendem a

ver o jovem como uma esperança de levar adiante o ideal não realizado do adulto. Nesse momento, o adulto vê no jovem a sua própria morte, a finitude de seus anseios e daquilo que ele não pôde realizar.

Como Abramo (2000), ele destaca os jovens como uma esperança de futuro, o fenômeno geracional de nossa contemporaneidade, na qual marcar as singularidades parece ser um dos seus objetivos maiores, talvez, por isso, a tendência em negar aos adultos ou deixar de abraçar as suas causas.

Sabemos que os jovens dos anos 60 marcaram definitivamente o seu lugar na história moderna como transviados, rebeldes e extremamente politizados. O que fica comprovado quando, até hoje, Elvis Presley, James Dean, Jimmy Hendrix, Janis Joplin, Baby Consuelo, Caetano, Gil ou Gabeira, por exemplo, são lembrados por sua conduta. No Brasil, essa foi uma geração que teve bons motivos para lutar por mudanças, até que o AI-5³⁰ sufocou ou pôs fim aos sonhos acalentados. O governo militar prendeu, torturou e matou não só os sonhos de milhares de jovens, mas eles também. A partir de então, as gerações seguintes inevitavelmente passaram a ser comparadas e cobradas por uma atitude mais política, entretanto essa prática se perdeu no vazio. Das gerações anteriores, parece que ficou “uma luta pela grandeza perdida. É como se dissessem: se não

³⁰ Ato Institucional de número cinco que, durante o regime militar, cerceava direitos dos cidadãos brasileiros.

podemos ficar à altura da imagem de nós, da época de nossa grandeza, realmente não vale a pena fazer nada” (ELIAS; SCOTSON: 2001.45). Aos jovens, provocativamente, restou dizer: “Fazer o quê?”

Esse campo simbólico aos poucos vai se tornando abstrato e invisível. Há uma desubstancialização, uma fragmentação das instituições tradicionais, e não identificamos mais o inimigo. Na contemporaneidade, rompe-se a fronteira entre mocinhos e bandidos, e todos parecem cúmplices. Passamos de um lado para outro na maior naturalidade, sem abalos nem escrúpulos. Como resistir ou lutar contra o que não sabemos de onde vem e para aonde vai? Parece ser isso o que aconteceu com a geração atual, que se nega a ser herdeira das utopias das gerações que as antecederam. E, se não romperam com essas obrigações e com as normas prescritas, pelo menos não demonstram serem delas os mais leais tributários. O que acontece, então, com a ideia de rebeldia na contemporaneidade? Por que os jovens são chamados de conformados? Como se situam nesse imaginário?

Poderíamos encontrar as respostas, por exemplo, em mágoas ou vulnerabilidades da auto-estima, que induziriam a essa ideia. Talvez pudéssemos entender isso um pouco melhor através da leitura de um cientista social da primeira metade do século XX, o qual registra que “alguns grupos marginalizam e estigmatizam membros de outros grupos – os falatórios, que levam a determinadas representações”, por exemplo – como são vivenciados os falatórios nas ‘margens de nós’ (ELIAS; SCOTSON; 2001.45), de ambos os grupos e suas auto-imagens. Não precisamos necessariamente realizar viagens tão distantes para explicar esses fatos, pois nossos jovens simplesmente não parecem carregar consigo obrigações que não lhes pertencem. Ao que tudo indica, não se sentem culpados ou obrigados a defender as antigas causas, até porque o Brasil, hoje, vive numa democracia estável.

O que, então, significariam para os jovens que pesquisamos, as rebeldias? Implicariam, por exemplo, fazer algo contra os padrões, querer chamar a atenção ou quebrar as regras? Isso seria o máximo que esses jovens poderiam fazer?

A rebeldia contemporânea talvez possa estar localizada numa reação à inadequação de um desejo não atendido, seja ser amado, cuidado ou ter a atenção voltada para si. Quando isso

não ocorre, a reação apareceria sob ação de rebeldia, que pode se manifestar nesse tempo.

A rebeldia que se dava com as gerações dos pais desses jovens, fomentada nos anos 60 e 70, ou seja, de resistência e luta por um ideal político e social mudou. Hoje a rebeldia pode estar nas pequenas coisas do cotidiano, subvertendo a concepção das grandes causas.

A mídia, por exemplo, a todo momento fica mostrando ou dizendo como são ou devem ser os rebeldes. Já a moda copia as leituras no estilo de vestir dos jovens urbanos. É difícil inventar uma nova moda para atender às singularidades se as grifes as incorporam e os adultos passam a usá-las. Em algumas famílias, já não se sabe quem é a mãe ou quem é a filha, pois ambas saem à rua vestidas da mesma maneira. Assim, que espaço sobra para os jovens se rebelarem? Contra o que ou contra quem?

Olhando mais detidamente para esse fato, percebemos que, hoje, parece ser extremamente difícil cometer loucuras ou rebeldias como as que o neto de Nero fazia nas noites de Roma; como Caetano Veloso, um *outsider* de seu tempo; ou um ativista como Fernando Gabeira, pessoas que estiveram à frente de movimentos que abalaram um tempo e um lugar. Isso, contudo, não é suficiente para determinar se os jovens de agora estão conformados, apáticos ou acomodados, generalizações frequentemente encontradas em opiniões, textos e artigos, quando se trata de juventude na contemporaneidade.

A escola ou universidade perde seu significado quando mantém seus currículos estagnados e professores apenas como meros repassadores de conteúdos, e é lá, também, que, diariamente, é trabalhada a questão da rebeldia e dos indisciplinados.

Se, no início dos anos 80, a juventude acreditava em utopias e num modelo ideal de sociedade, de crianças, de jovens, de velhos, parece que, hoje, “o sonho acabou”, pois os jovens dos anos 90, ao que tudo indica, não buscam utopias ou uma imagem ideal. Não querem ser heróis, tampouco são bandidos. Ao invés de utopias, buscam outras apostas, outros espaços e outros motivos para significar o estar neste tempo.

Certeau (1994:280), filósofo que suspeita da verdade quando trata da crença, sugere que agora existem “demasiados objetos para crer e muita escassa credibilidade”. Assim, se

estamos em um tempo em que o crer se esgotou, talvez se encontrem, aqui, as questões cruciais que indicam o porquê de os jovens revelarem-se muito conformados ou pouco rebeldes, ou seja, a falta de ter no que crer.

Se, ao longo da história, as instituições que davam sustentação se esfacelaram ou se multiplicaram em tantas escolhas, também a crença, a rebeldia e o conformismo se modificaram.

Certeau (1994:283) sugere que:

[...] as organizações políticas foram, aos poucos, tomando o lugar das igrejas como lugares de práticas crentes, se invertem em dado momento da história, se deterioram, se desgastam, refluem. [...] Este vaivém complexo, que faz passar do político para o religioso para um novo político, teve como efeito a individualização das crenças e a sua mobilidade numa rede mais diversificada de objetos possíveis.

O que parece ter ocorrido com os jovens deste tempo foi o oposto do que seria esperado, ou seja, não houve uma valorização das crenças políticas, muito menos desvalorização do político em detrimento de qualquer outra crença, inclusive espiritual; a ocorrência, porém, ao que parece, não é isso nem aquilo.

A ideologia e a doutrina estão sendo significadas pelo silêncio e pela ausência de palavras.

Os jovens estariam em busca desse novo, vislumbrando outras possibilidades ou o que cada partido político inventa “daquilo que crê e faz crer?” (CERTEAU: 1994.290).

Observando os jovens e seus *blogs*, percebemos que tudo está muito opaco, no entanto existe uma mobilidade para o novo, uma mobilidade de acolhimento e aceitação do que pode vir a ser. Por enquanto, a impressão que temos é que parece que eles aguardam um tempo e, nesse tempo de resguardo, o melhor é não fazer nada, e isso inclui não se conformar, muito menos se rebelar.

Seguindo essa linha de pensamento que poderia levar a uma nova maneira de os jovens lidarem com as coisas do seu tempo, podemos lembrar a entrevista com o economista Pérsio

Arida, publicada em um jornal de circulação nacional. Quando questionado sobre o que o nosso último Presidente deveria fazer em relação à economia, ele respondeu aos jornalistas que: “o melhor a fazer é não fazer nada”. Os jornalistas, atônitos com a resposta inusitada, encerraram por ali a entrevista, deixando a impressão de que não haviam compreendido o que ele queria dizer. Os jovens há muito tempo parecem já ter “sacado” o que isso significa. Eles não desejam utopias, vivem o aqui e o agora.

Contrários a elaborar planos mirabolantes, “deixam rolar”, sendo que a resposta mais característica desta geração é: Fazer o quê? Não vai dar nada... Isso requer um desprendimento muito maior do que imaginamos, pois mostra o quanto essa geração sabe da transitoriedade que é a vida. Para Abramo (2000:154):

Este posicionamento deve ser percebido como acasos da contemporaneidade ou uma aguda localização na realidade. Sensibilidade aguçada aos problemas de sua época, e por um descrédito nas respostas produzidas pela geração anterior. Esses jovens sentem a necessidade de se localizar, radicalmente, no cenário da contemporaneidade, para entendê-la e se entenderem.

Berman (citado por GROPPPO: 2000.30) registra que “tudo que é sólido desmancha no ar”. Para lidar com a morte e exorcizar fantasmas, nada melhor do que colocar câmeras, por exemplo, dentro de um caixão para acompanhar imagens de um corpo que se decompõe. Inusitadamente foi essa a ideia de quatro amigos que gostam muito das TCD. “Conversam por computador, divertem-se em jogos *on-line*”, registra a matéria do jornalista Pereira Júnior, da Folha de São Paulo (2008). A partir da ideia, um pacto: o primeiro a morrer teria uma *webcam* instalada no caixão. Christiane, aos 15 anos, morreu de câncer e concretizou o pacto. Os amigos, que haviam jurado pelo túmulo de Bill Gates, instalaram a câmera dentro do caixão e acompanharam a decomposição do corpo via internet. Essa é a trama de um filme de cinquenta minutos, disponível na rede no endereço www.vara.nl/necrocam, denominado *Necrocam*, e que bem poderia ser um enredo da vida real de jovens deste tempo.

Será uma maneira diferente de encarar os fantasmas e de lidar com os mistérios da vida e do destino ou não passa de humor macabro, como um tipo de ironia contemporânea que atualiza a irreverência? Não podemos esquecer que essa geração é a que assistiu, via satélite, um dos cartões postais dos EUA transformar-se em cinzas; viu também a guerra higienizada dos EUA contra o Iraque e o papel da ONU cair por terra no mais absoluto esboroamento. Acompanhou a tragédia em New Orleans, após a passagem do furacão Katryna, acompanhou o bombardeio na lua, alguns deles podem ser bebês de profeta, entre tantos outros acontecimentos que surpreendem nosso cotidiano.

Assim como os jovens de nossa pesquisa, outros de muitas partes do mundo acompanham, pelas ruas ou pelos noticiários, as mobilizações antiguerras, protagonizadas pela política imperialista iniciada pelo governo Bush no Afeganistão. Apostar em utopias ou rebeldias para quê?

4.2 Novas Mundanidades.

Os protagonistas têm a mesma experiência, possuem idades que variam dos catorze aos dezesseis anos, entretanto, médicos e engenheiros possuem catorze anos, governantes, dezesseis e cientistas, doze. Todos desempenham tarefas que poderiam ser indicadas como "exclusivamente de adultos", porque, inexplicavelmente, todos, absolutamente todos, quando completam trinta anos, morrem, porque estão infectados por um vírus desconhecido e devastador. Essa é a realidade do planeta.

Após experimentar um colapso social, econômico, político e ambiental, os jovens que sobreviveram possuem a árdua tarefa de comandar o mundo e acabam formando uma aliança global denominada "Nexes", com o objetivo de pensar um mundo pós-apocalipse, entretanto diferente de tudo o que se pôde pensar até então. Esse lugar foi denominado "2030 CE" ou uma época denominada de "Era comum do planeta Terra". Na folhinha que pende na parede de uma borracharia que ainda resiste ao tempo, está indicado o ano 2030. Essa é a realidade de um seriado de ficção que está sendo exibido na YTV, emissora de televisão canadense, sob o título "2030 CE", que tem como protagonista o jovem Corey Sevier, de dezessete anos, entre outros atores bem jovens.

Conduzindo o olhar para o campo das possibilidades, ali, a juventude aparece menos como uma condição biológica e mais como uma definição cultural, ampliando, assim, o território onde tudo pode ser experimentado, tentado ou mesmo imaginado. O mesmo seriado também remete ao fato de que os significados sobre o presente parecem não se encontrar mais relacionados ao passado, impossibilitando que os personagens da ficção se reconheçam através de gerações que os precederam, sejam quais forem os percursos da tradição que se possa conceber.

Isso porque catástrofes ecológicas, como colisão de meteoros com a Terra, ou a falta de água no planeta, ou mesmo explosões nucleares oriundas das disputas políticas e econômicas entre superpotências são uma ameaça possível e que podem, sim, como no filme citado anteriormente, ser consideradas em termos de existência planetária, principalmente quando presenciamos a maneira pela qual a ONU foi dispensada de suas tarefas na recente guerra dos EUA contra Saddam Hussein ou quando sabemos que, no máximo, em duas horas, o líder de qualquer país que os EUA resolvam identificar como inadequado poderá receber mais de cinco toneladas de bombas, jogadas de um avião hipersônico não-tripulado, capaz de voar mais rápido que a velocidade do som, saído de uma base qualquer de um território americano (FOLHA DE SÃO PAULO: 2008. A10).

Estamos, portanto, num tempo dos possíveis, quando perspectivas sombrias precisam ser consideradas. Essa maneira de ser e estar no mundo, na qual há uma fragmentação das nossas certezas, parece repercutir, também, nos modos de viver da juventude e nas suas diferentes maneiras de habitar o tempo presente. Assim, diante da constatação: “se não posso mudar o mundo, fazer o quê?”, muitos outros jovens talvez tenham descoberto que, já que o mundo nada mais é do que um conjunto de imagens, se tais imagens não servem, inventam-se outras para substituí-las e isso parece possível principalmente quando acompanhamos os *blogs* dos pesquisados.

Nesse contexto, a realidade desta geração parece ser a da fragmentação, da dessubstancialização; “o nada, o vazio, a ausência de valores e de sentido, nada mais pode ser levado a sério” (SANTOS: 2000.10). Ao mesmo tempo em que há o esboroamento de algumas concepções, essa realidade traz

consigo outras possibilidades como a desterritorialização, a simultaneidade e a velocidade, as quais surgem como características para uma nova ordem social, acompanhando os *screenagers*, geração que cresce sob a influência das tecnologias.

Os jovens da contemporaneidade que têm acesso a essas tecnologias estão habituados a discutir, em tempo real, por exemplo, o conteúdo da matéria de literatura no computador, com o professor da disciplina e mais alguns colegas. Um clicar do *mouse* e passam a acompanhar os tanques das forças aliadas dos EUA locomovendo-se no deserto do Iraque. Mais um clicar e "falam" com os amigos para combinar a balada da noite. Isso se dá em fração de segundos e de forma quase simultânea, com uma tela se sobrepondo às outras e que podem desaparecer imediatamente sob uma leve pressão do indicador ou não. Uma queda de energia ou um esbarrão na tomada e tudo que estava na tela do computador pode se transformar em nada.

Essa transitoriedade, assim como a velocidade com que as coisas acontecem, obriga-os a viver num espaço totalmente provisório, fluído. Bauman (2001), sociólogo humanista, sugere que esta é a época "do desengajamento, da fuga fácil e da perseguição inútil" (p.140). O que era pode não mais ser, em questão de segundos. Isso produz uma outra valoração para todas as outras coisas da vida, "mudam os quadros de referência, estilo de vida, as crenças. As convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes ou hábitos de verdade (FOLHA DE SÃO PAULO. CADERNO MAIS: 2004. 16). Em tempo de provisoriedade, os jovens parecem que vivenciam e "oferecem outros códigos simbólicos ao resto da sociedade - códigos que subvertem a lógica dos códigos dominantes" (MELUCCI: 2001.12).

Para compreender um pouco mais os jovens desta pesquisa, ou os jovens deste tempo, foi interessantíssimo observá-los por intermédio de seus *blogs*, suas postagens, sua seleção de referências na *web*, seus filmes e vídeos, prestando atenção às músicas ou observando-os quando namoram, estudam, trabalham, enfim, em sua vida cotidiana, analisando-os e o que poderiam dizer com isso ou com essas práticas. Atentos, percebemos que não se trata, aqui, de criar acontecimentos onde eles não existem. Lyotard (2000; 35-36), citando Nietzsche, escreve que "a verdade chega pelas 'patas das pombas'", e

segue indicando que, “se nos apaixonamos, de fato, talvez ouçamos a pomba pousar, em silêncio”. Esses fatos seriam como “algo” que pode lhe saltar aos olhos, sob os olhos, se seus olhos estiverem em condições de acolher.

O “algo” desse estudo remete a ruídos, ainda incipientes, acontecimentos apenas esboçados na forma de nossas sensibilidades e percepções. Trata-se de “algo”, como escreve Lyotard (2000),

que aponte um ‘fato’ insólito, sem que se determine realmente o que poderia ser, porém, livre em relação a critérios habituais, significação, coerência, semelhança, identificação, reconhecimento para perceber (p.36)

Parecem manifestar-se no aumento significativo de praticantes de alguns dos esportes ditos radicais, nos quais as sensações de vertigens e da adrenalina são rapidamente experimentadas. Lançar-se de uma altura de vinte a vinte e cinco andares, de cabeça para baixo, preso pelas pernas e deixando o resto do corpo livre para um mergulho no nada, oportuniza sensações que só os praticantes desse esporte podem descrever. Milésimos de segundos gastos em reinvenções ou em novas experimentações da ordem da liberdade.

Se cidadania poderia ser experiências que movam um grupo a permanecer junto, não seria demasiado impróprio que recorrêssemos a um guindaste de *bungee-jump* para pensar sobre isso. Com menos radicalismo, esse “algo” que desponta poderia se manifestar num *show* de música ao ar livre, espaço ideal, tal como um *show* que ocorre em Florianópolis, denominado “Planeta Atlântida”, em que constatamos o prazer com que os jovens permanecem durante dois dias consecutivos curtindo, juntos, várias bandas musicais. Uma regressão na memória e lembramos que o festival de *Woodstock* aconteceu uma única vez nos EUA, expressando os anseios de uma geração que queria protestar em favor da paz e do amor. Já o *show* referido acontece todo ano e dura quase cinquenta horas, com a possibilidade de os jovens deslocarem-se para a cidade de Atlântida, no litoral do Rio Grande do Sul, para assistir a uma segunda versão do evento. Além disso, quem tiver vontade, pode

acompanhar o evento pela televisão ou internet, sendo que, pela última, pode interagir, virtualmente, através de mensagens *on-line*.

O que emerge desse exemplo aponta uma nova possibilidade de pensar o político, a estética e a ética, ampliando o leque para além dos partidos, dos palanques partidários ou das bandeiras ideológicas. Parece-nos que a reinvenção da esfera pública encontra alguns ruídos na amizade, na sexualidade, nas artes e no esporte. Se *Woodstock* simbolizou o manifesto de uma geração contra a guerra do Vietnã em favor da paz e do amor, por que o Planeta Atlântida não poderia ser uma expressão de um micro fazer político? O ato cívico ou político pode muito bem estar inserido nas letras de músicas que são apreciadas nesses espaços e que fazem com que jovens pulem durante quatro horas seguidas ao som do *rock*, do pagode ou do *rap*, para fazer o que sugerem Mano *Brown* e *Edy Rocky*, quando expressam os versos da canção:

usando e abusando de nossa liberdade de expressão, um dos poucos direitos que um jovem ainda tem neste país. Você está entrando no mundo da informação, autoconhecimento, denúncia e diversão (Fim-de-semana no parque – Música de Mano *Brown* e *Edy Rocky*).

O que esses jovens podem estar querendo nos dizer, por intermédio desses novos eventos, é que existem outras possibilidades para tecer tramas da vida, não fios que seguem uma linearidade ou com uma única direção, que se separa em dois blocos, mas em movimentos dinâmicos que se entrecruzam, velozes, distribuídos em várias direções como uma rede de combinações, diversão cambiante que, agregando música, leva também informação.

Os jovens da contemporaneidade poderiam estar mobilizados sob uma nova ordem cultural, que seria retomar o controle das suas próprias ações, inclusive as políticas? Estariam exigindo o direito de definirem por si mesmos critérios de identificação construídos para outras épocas? O que este estudo aponta é que outros códigos para uma nova cultura política e ética parecem estar sendo inventados, justamente quando os

jovens registram: “Política? Me inclui fora desta”, ou seja, como quem quer dizer: “não queremos copiar ou reproduzir a maneira como vocês trataram a ‘res pública’, portanto: ‘Tô fora!’”.

Quando instituições como família, escola ou Estado democrático estiverem atentas ou em condições de escutar os ruídos que estão sendo articulados no balbúcio das suas vozes, talvez percebamos um novo momento político, com novas modalidades de engajamento, entretanto, não como as gerações que precederam tais jovens desejam. Se os jovens desconstruíram o antigo, possivelmente desejem reinventar um novo lugar, recorrendo a novas estratégias e táticas. Se não o for, o que significam as mobilizações em tempo recorde, circulando em todo o planeta, pela paz entre EUA e Iraque, mobilizando multidões via *e-mail*?

O político, para esses jovens, pode estar servindo ao sonho de um outro modo de comunicação, que ainda não visualizamos com nitidez, mas que pode estar tanto no espaço local como em escala planetária, respeitando diferenças culturais e individuais. Aqui, ecoam os dizeres de Jaggi, em defesa do planeta, quando escreve em seu *blog*: “Eu luto pela vida. TODA A VIDA” (JORNAL A.N.A.: 2001.2).

Em relação a essas questões, os jovens parecem vislumbrar o político como “algo que vai além de uma política partidária e que propõe a recuperação do espaço público, ou seja, a política compreendida como atividade de criação e de experimentação” (ORTEGA: 2000.23), em que seria possível pensar a comunicação na rede, o corpo, a arte, os esportes, a amizade, o riso e a sexualidade como outros elementos que ocupam espaço nessa reinvenção.

Numa sociedade que cultiva o desemprego, por exemplo, os jovens criam novos tipos de atividades. Basta olhar as esquinas das capitais do Brasil, em que assistimos à presença de malabares. Enquanto o verde e o vermelho do sinal de trânsito alternam-se, jovens distraem e divertem os motoristas com a sua arte, ao mesmo tempo em que inventam formas de ganhar seu sustento através dela; suas “saídas” dispensam o cartão de ponto e o patrão.

Se os signos representativos de uma época parecem não responder mais, na contemporaneidade, às práticas dessa geração, talvez os jovens procurem, através de outros “cuidados de si” e “uso de prazeres”, uma nova estética da existência, para

reinventar os destinos humanos, tal como Foucault (1985:53) refere pela boca dos antigos gregos: “Zeus não somente te criou como também, além disso, confiou-te e entregou-te somente a ti”. Foucault (1985:57) procura mostrar que esse “cuidado de si” não se constitui “um exercício de solidão, mas, sim, uma verdadeira prática social”, experiências que passam, desde as relações de parentesco até as relações de amizade, pois,

o cuidado de si - ou os cuidados que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos - aparece então como uma intensificação das relações sociais. O cuidado de si aparece, portanto, intrinsecamente ligado a um "serviço de alma" que comporta a possibilidade de um jogo de trocas com o outro e de um sistema de obrigações recíprocas (FOUCAULT: 1985.59).

Na contemporaneidade, pensamos o sujeito não mais como um artista, mas como a própria obra-de-arte possível, lembra Borges. Assim, tentar traduzir o que os jovens deste tempo estão querendo dizer com seus corpos cultuados e tatuados, como se fossem telas que expressam sentidos e sensibilidades, pode ser uma maneira de rever seus diferentes modos para se colocar no mundo. Muitos jovens que observamos possuem os corpos repletos de sentidos expressos por *piercings* e tatuagens.

Esses signos parecem designar os mais diversos sentimentos de dor, prazer e alegria, como quem quer construir uma marca do que não está marcado. Na contemporaneidade, é possível transformar o corpo: "sara", malhar, "siliconar". Se, por ora, estamos impossibilitados de inventar um mundo melhor para viver, inventamos um corpo melhor para conviver ou para morrer, como os terroristas que utilizam o próprio corpo como um dispositivo de luta e contestação. O corpo, então, é traduzido como artefato de guerra, objeto primeiro para demarcação de lugares.

Outro fenômeno contemporâneo que pode ser associado às práticas de resistência, concebido pelos nossos sentidos políticos e posicionamentos que inscrevem suas falas no corpo, refere-se aos *skatistas*, rodando velozmente pelas ruas

das cidades. Vale pensar essa ação menos como uma febre urbana ou uma paixão pela liberdade e mais como uma ação política cognitiva, em que, com um mínimo de esforço, percebemos muita habilidade corporal contra a padronização e a mesmice, transformando o esporte em um meio de sobrevivência, quando os *skatistas underground* viram profissionais ou quando levam autoridades a redesenhar o espaço urbano, com vistas a contemplar números de praticantes que hoje beiram a mais de dois milhões (FOLHA DE SÃO PAULO: 10 de setembro de 2009. 06). Mesclam-se, nesse espaço, o público e o privado. Os *skatistas* permitem que todos vejam seus corpos deslizarem pelas ruas da cidade, nas super-rampas construídas para desafiar a gravidade. Um salto para o nada e o retorno ao espaço deslizante. Expõem-se, mostram o corpo como um alvo, revelam-se protagonistas da sociedade que supervaloriza o espetáculo, o movimento, a velocidade. Nesse momento, “tudo o que se pareça com a imobilidade, com a estabilidade, tem de desaparecer em proveito da experimentação e da iniciativa” (LIPOVETSKY: 1983. 31).

Destacamos o fato de que esse não é um esporte de combate, mas que se constitui pela leveza, que aceita elevados riscos produzidos pelas manobras radicais. Interessante para quem cresce em uma sociedade de incertezas e precisa com urgência de uma certa flexibilidade, uma maleabilidade para adaptar-se ao mundo. Talvez sejam novas metáforas contemporâneas, na linguagem do esporte e do modo como os corpos aparecem dispostos no espaço, fazendo uso de si e interagindo com o meio.

Do mesmo modo que as identificações corporais e a prática de certas modalidades esportivas, mas ainda pensando nesses outros territórios que estariam sendo traçados para pensar as relações dos jovens com as questões políticas, percebemos que a música sempre foi e ainda é fundamental em suas vidas. Ainda que habitantes de universos econômicos opostos, os jovens se horizontalizam a partir do gosto musical e de uma linguagem com a qual se identificam nas postagens do *blog*. O *rap* tem a preferência de um grande número deles, transformando-se em um estilo bastante assimilado e aceito. Esse gênero musical, tanto pelo ritmo como pelo uso da palavra, leva a pensar que pode ser outro território de mobilização, resistência e experimentação: “o *rap* subverterá ou se fundará na

emergência das ideologias libertárias”, argumenta Sarlo (2000:35), numa relação ou comparação com o que aconteceu com o *rock* anos atrás.

O *rapper* *Charlie Brown* registra que não faz música e, sim, terrorismo. Denuncia a realidade política das galeras das periferias, sem pensar ou utilizar estratégias como sequestro de embaixadores.

As armas de *Mano Brown* são as letras carregadas de realidade, num ritmo repetitivo de rimas cruas, num vai e vem que faz uma mistura de advertência e acusação, que “não autoriza nem alegria nem sensualidade” (KHEL: 2000.209). *Mano Brown* não faz só música, faz política com música. Entretanto, esse mesmo *rap* que caracterizaria o discurso de denúncia dos “manos” é a preferência musical do jovem de classe média que, ao curtir o ritmo, também ressignifica o discurso da condição de vida das periferias.

Assim *Brown* denuncia,

Eu vejo na TV, o que eles falam sobre os jovens não é sério.
O jovem no Brasil não é levado a sério.
Sempre quis falar, nunca tive chance,
tudo o que eu queria estava fora do meu alcance.
Sim, já faz tempo...
Mas eu gosto de lembrar
cada um, cada um, cada lugar, um lugar [...].
Na TV, o que eles falam sobre o jovem não é sério. Não é sério.
(Música: Não é sério; *Charlie Brown Jr.*).

4.3 Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo perceber as feições dos jovens da contemporaneidade e como eles se colocam na esfera pública a partir da utilização dos seus blogs. Buscamos problematizar quem são os jovens deste tempo? Como estão utilizando os blogs? Estão indiferentes às questões políticas?

Deste modo a pesquisa empírica se deu a partir do estudo bibliográfico, da escolha e observação dos *blogs* (10) e seus blogueiros e a aplicação da entrevista que teve como propósito responder as nossas questões em busca de sintomas, percepções e sensibilidades.

A princípio, em suas respostas à entrevista e observação nos *blogs*, percebemos que estes jovens, em alguns momentos, pareciam herdeiros das gerações que os antecederam, em outros vivenciavam rupturas. Mas suas respostas evidenciaram que a juventude está diretamente relacionada a um tempo e um espaço específico. Na realidade eles concordaram que a juventude se apresentaria como um território variável e simbólico tal como estudou Calligaris(2001) a respeito da juventude.

Assim, após o levantamento dos dados das entrevistas, observando os *blogs* e estudando os teóricos que embasaram a pesquisa observamos o quanto a internet vem se democratizando rapidamente e serve para pensarmos esses novos fenômenos de engajamento, participação ou resistência política em relação a juventude, especialmente a blogueira.

Se, antes, era preciso organizar barricadas e fabricar coquetel molotov para as manifestações de protesto e resistência, hoje os jovens podem manifestar a sua insatisfação política diretamente do seu quarto de dormir, quem sabe, inclusive, deitados, confortavelmente, em suas camas.

De um lugar aparentemente seguro, conhecido e aconchegante, eles podem manifestar seu poder contestatório por intermédio do *blog*, mas, também, pelo e-mail, *ICQ* ou *chat*, conseguindo mobilizar milhões de pessoas no mundo todo.

Então, a hipervelocidade e a hiperinércia (CRITICAL ART ENSEMBLE: 2001.21) cruzam-se e não estão limitadas por fronteiras geográficas, conectando indivíduos, instituições e empresas, trabalhadores, estudantes e empresários dos mais variados setores e lideranças do mundo todo pelos mais insólitos motivos, pelas mais diversas razões e nos momentos mais impensáveis.

Os jovens experimentariam, com isso, novas relações políticas e sociais, formulando novos padrões cujas posições e informações cruzam-se, circulam, trocam, armazenam, colam, deletam e processam.

No ciberespaço, os jovens “abarcam o mundo. Embora não possam se mover realmente pelo espaço físico, simulam estando em toda a parte ao mesmo tempo” (DISTÚRBIO ELETRÔNICO/CRITICAL ART ENSEMBLE: 2001.36-37).

Esse nômade pós-moderno também pode transformar o poder, a informação e o próprio ativismo político. A vantagem de ser um ativista virtual reside no fato de não ser localizado, pois

sempre existe a oportunidade de manter uma posição de invisibilidade, de não-localização. Nesse caso, não é preciso montar barricadas e muito menos preparar bombas para lançar sobre o inimigo. Os *hackers* são, hoje, um exemplo para pensarmos a cibermilitância, em que se afirmaria uma nova postura político cultural na contemporaneidade. A literatura tem identificado a ação dos hackers como transgressões de um grupo de internautas preocupados

apenas com fraudes bancárias ou invasão eletrônica ou como um grupo de entendidos em computadores que frequentemente, mas não sempre, trabalham em oposição às necessidades da estrutura militar-corporativa (CRITICAL ART ENSEMBLE: 2001.34).

Excluindo os rótulos de "bons" ou "maus", esses indivíduos servem de modelo exemplar para pensarmos sobre o poder contido na apropriação da informação ou do conhecimento na contemporaneidade no modo digital. Essa apropriação torna-se imaterial, uma vez que não existe, pois é desterritorializada. O poder que poderia haver na materialidade da "coisa", que pode aqui ser designada como conhecimento ou informação em si, pulveriza-se. Não é possível tomar ou reter o conhecimento ou a informação, pois, de certo modo, elas se democratizariam por intermédio do *mouse* dos *hackers*, que, na maioria das vezes, são identificados como vândalos, quer por diversão, espionagem politicamente mal orientada, ou vingança pessoal contra uma fonte particular de autoridade (CRITICAL ART ENSEMBLE: 2001.34), destroem ou embaralham determinadas informações pelo desafio de conseguir chegar à vulnerabilidade de certos sistemas. O processo do qual o *hacker* faz parte poderia ser comparado a um jogo de vídeo *game* em que ganha quem supera o maior número de fases.

Para além de uma ação oportunista de um indivíduo ou grupo a que pertençam os *hackers*, nos blogueiros podemos avistar um outro modo de ativismo político, nova modalidade para o exercício da palavra e da cidadania. Assim, por exemplo, na semana que antecedeu à guerra dos EUA contra o Iraque, todos aqueles que tinham acesso a internet puderam participar, ou não, de vários abaixo-assinados por e-mail, em manifestações

contra a guerra, enviados diretamente a George Bush, Presidente dos EUA, através de seu correio eletrônico. Do mesmo modo, o caso noticiado pela mídia a respeito da nigeriana Amina Lawal, que foi condenada à morte por apedrejamento pelo tribunal religioso de Funtua, norte da Nigéria, pelo fato de ter engravidado fora do casamento, oportunizou uma campanha em favor dessa mulher e contra a pena de morte, mobilizando uma multidão de pessoas pelo mundo através do correio eletrônico, além de viabilizar uma mensagem direta ao Presidente ou ao Ministro da Justiça nigeriano, em favor da nigeriana que, alguns meses depois, foi julgada e considerada inocente, abrindo um precedente jurídico que favorece a todas as outras nigerianas.

Em outro caso, mais próximo da nossa pesquisa e muito parecido com a mobilização dos jovens citados acima, durante a última enxurrada que castigou a capital catarinense, uma pedra ameaçava desmoronar em uma rua muito movimentada no caminho para o Programa “Campeões nas quadras e na vida” da FUCAS³¹, localizado no Morro da Caixa, área Continental de Florianópolis, no qual atuamos profissionalmente.

A ação dos jovens que participam do Projeto foi encaminhar ao Secretário de Obras do Continente a seguinte mensagem, aproveitando a poesia de Carlos Drummond de Andrade:

Tinha uma pedra no meu caminho, no meu
caminho tinha uma pedra. Prezado Vereador
e Coordenador de Obras, eu, Pedro, e minha
família solicitamos a detonação da pedra que
está na calçada e impossibilita que nós
possamos exercer o direito de todo cidadão,
ou seja, o de ir e vir livremente pela calçada
da rua Ivo Silveira.

³¹ Organização fundacional privada de assistência social cujas atividades assistenciais são realizadas por intermédio de dois programas: “Campeões nas quadras e na vida” que atende jovens com idade entre 12 e 18 anos em varias oficinas como dança, informática, judô, entre outras, e o “Programa de Capacitação” que oferece qualificação profissional gratuita à população assistida pela FUCAS. Para conhecer melhor a instituição acesse o site www.fucas.org.br.

A estratégia dos jovens foi congestionar a caixa de *emails* do vereador. A prática de ativismo virtual deu certo. O Secretário retirou a pedra do caminho, melhorando a circulação das pessoas da comunidade que se colocavam em risco de atropelamento, já que utilizavam a rua em função da pedra no meio da calçada.

Em outras palavras, conectados em rede, os jovens encontram maiores possibilidades de contestação, mobilização, argumentação e deliberação no que diz respeito a qualquer tipo de ativismo. Isso dimensiona uma nova maneira de pensar o político como um fenômeno global, para além de qualquer fronteira geográfica que possamos supor, além do que traz novas possibilidades de um fazer cooperativo. A imaterialidade da internet possibilita transitar no território político e social de maneira menos visível, como um nômade cibernético, um ativista intergaláctico, porém sem sair de casa. No jogo virtual Counter Strike, os jovens só precisam que funcionem os órgãos vitais.

Um sequestro do corpo, alguém poderia dizer, mas, ao mesmo tempo, uma viagem por territórios desejados, em que os jovens possam ser o que quiserem, abalando qualquer combinação binária que visualize somente um ou outro ponto de vista.

Neste caso, pode-se assim ser simultaneamente

cosmopolita e regionalista, racionalista no trabalho e discípulo intermitente de certo guru oriental, viver numa época permissiva e respeitar, escolhendo-as à lista, as prescrições religiosas (LIPOVETSKY: 1983.39-40).

Como ciberativistas, articulam-se contra a Área de Livre Comercio das Américas (ALCA), contra a devastação da Amazônia, em favor do passe-livre no transporte urbano ou contra a produção de transgênicos. Além disso, brincam com uma cambiança de identidade em que outros possíveis entrecruzam-se como numa brincadeira de esconde-esconde que Luis Carlos Borges invejaria.

Desse modo, esses blogueiros que pesquisamos e outros tantos podem ser homens e mulheres, feios e bonitos, altos e

baixos, criando uma infinidade de outras identidades de acordo com o momento, criação de outros possíveis, para além de uma ciberpercepção, na qual cada um se situa no "seu" grupo, mas, também, no grupo de blogueiro, *rap*, de *skatistas*, de grafiteiros, de tatuados, de surfistas, de internautas. Transitam por todos esses lugares como uma rede que é traçada unindo os fios em diversas direções, mas, ao mesmo tempo, preservando o estilo de viver de cada um: a raça, a galera, como eles se definem.

Os amigos podem ser escolhidos e cultuados e podem dizer: somos iguais porque somos diferentes. Eu sou blogueiro, você é grafiteiro, mas isso não os afasta, aproxima-os. Parece tratar-se de certo código de tolerância, mas com novas regras.

Derrida (citado por ORTEGA: 2000.67) diria que, temos uma nova ordem de fraternidade, ou um discurso filosófico de amizade que se contrapõe ao de fraternidade, a qual pode ser muito destrutiva, uma vez que é em nome das fratrias que se declarou a guerra.

Ortega (2000: 67) remete a uma nova política da amizade, aquela que permite formar uma comunidade imaginária em contraposição ao que representa a intolerância, solidão e abandono. Os jovens parecem já ter aprendido isso, ao demonstrar que a autonomia não precisa estar "amarrada" a determinado espaço institucional, sendo necessário garantir a individualidade de cada um, pensando a organização social menos pela sua forma e mais por um modo horizontal, ou seja, em redes que se entrecruzam como um espaço de iguais.

A partir desta pesquisa talvez possamos pensar essas práticas como construções de novas polis, novos espaços e lugares, na qual a palavra e a reflexão geram novas dimensões, proporções, perspectivas e desdobrem-se como novos exercícios para retrair e reinventar práticas políticas, por exemplo, através da amizade, do *blog*.

Encontrar alguns "ruídos" é tarefa de quem trabalha ou convive com os jovens, inquietações que poderiam nos mobilizar a visualizar outros lugares possíveis. Até porque é preciso refletir sobre o discurso que Vinicius, 21 anos, escreve sobre os jovens deste tempo.

Esse jovem é diferente, pois perdeu a característica política e combativa de outrora, como os jovens de 68, ou mesmo os caras-

pintadas, para assumir uma postura mais passiva em relação ao mundo que o cerca, embora isso não se reflita em ignorância, mas sim como uma consequência da imensidão que o mundo assumiu para ele, com seus aspectos reais e virtuais, suas democracias formais, com o cansaço da manipulação política por parte da mídia. É um ser segmentado em tudo: das comunidades do site de relacionamento que frequenta, até as roupas que veste, passando pelo estilo musical que escuta.

Concluindo o pensamento nesta pesquisa, nossa maior descoberta consiste em compreender que estão ocorrendo “ruídos silenciosos”, transformações significativas, intensas e radicais nas relações políticas, mas também nas relações afetivas, sociais. Foram as novas sensibilidades e as novas percepções que estivemos tentando captar. Vestígios nem sempre discerníveis de sintomas culturais compartilhados, de sentimentos, expectativas, atribuições.

O que parece, ao acompanhar os blogueiros e seus *blogs*, nesta pesquisa é que os jovens estão inventando outras formas para pensar o político, desfocado da esfera institucional ou meramente ideológico-partidária. E se não conseguimos dar conta desse enredo, talvez seja porque existe um movimento, um deslocamento, mobilizações por novos territórios, outras resistências, novas experimentações, tais como a expressão pelo *blog*, *rap*, *o surf*, *o skate*, as relações afetivas, os grafites, os esportes, a internet.

No entanto, para

ser sensível à sua qualidade de acontecimentos é preciso conseguir escutar um timbre singular que eles têm, alguém de seu silêncio e de seu ruído. Devemos ser sujeitos ao “acontece” mais do que a “o que acontece”. E isso exige, afinal, muita sutileza na percepção das pequenas diferenças (LYOTARD: 2000.35).

Na tentativa de lançar um olhar sobre as sutilezas, é preciso que registremos que existe um sentimento de profunda alegria por perceber que jovens deste tempo não estão alienados, indiferentes ou apáticos, como alguns vêm afirmando.

Em suas cambianças, eles parecem que estão reinventando um novo território, traduzido por novos convites para ser e estar, fazer e sentir, pensar e sonhar o mundo em que foram colocados, estendendo as práticas a um mundo inexplorado, mundo de coisas futuras, e desse mundo toda a lógica está ausente.

Recomendamos, finalmente, dar seqüência a esta investigação buscando não só mapear a rosticidade dessa juventude, mas ao fazê-lo percebê-los atentamente para melhor interagir e inserir-se como educadores de seus mundos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis**. *Punks e darks* no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ANSART, Pierre. **Ideologias, conflitos e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando** – Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.

ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola**. Suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ARENDT, A. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BARBERO, Jesús Martín. **O ofício do cartógrafo**. São Paulo: Loyola, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **Senhas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAZCKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Inaldi. v. 5. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.

BEY, Hakim. T. A. Z. **Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Conrad Livros, 2001.

BLISSET, Luther. **Guerrilha Psíquica**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001. (Coleção Baderna)

BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas**. Vol I(1923-1949) e II (1952-1972). São Paulo: Editora Globo, 1998.

_____. **Ficções**. Rio de Janeiro, Globo, 1986.

BURATTO, Ana Luíza Oliva. **A direção do olhar do adolescente: focalizando a escola**. Porto Alegre: Artes, 1998.

CADERNO DE RESUMO. VII Jornada Acadêmica e XII Seminário de Iniciação Científica. Joinville: UDESC, 2002.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. **Tocando o Futuro: "Screenagers" encaram o caos**. Folha de São Paulo, 6 de outubro de 1996.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1998.

CARMO, Paulo Sergio do. **Culturas da rebeldia – A juventude em questão**. São Paulo: Editora Senac, 2001.

CARVALHO, José Murilo de; COSTA, Jurandir Freire; RIBEIRO, Renato; DAMATTA, Roberto. **Quatro autores em busca do Brasil: Entrevistas a José Geraldo Couto**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

CASTAÑEDA, Carlos. **Uma estranha realidade**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATAPAN, Araci. **Tertium**: um novo modo do ser, do saber e do apreender. (Construindo uma taxionomia para a mediação pedagógica em tecnologia de comunicação digital). Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano – A arte de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAVES, J. **“Ficar com” um novo código entre jovens**. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

CLARED, Martin. **A essência do Riso – A arte de Viver**. São Paulo: Editora Clared, 1998.

CLIPPING, Livro. **A essência do riso - A arte de viver: a essência e sabedoria dos grandes gênios de todos os tempos**. São Paulo: Martins Claret, 1998.

DADOS ESTATÍSTICOS. Disponível em: www.ibge.com.br. Em 07.10.2009.

DELEUZE, Gilles. **Clínica e crítica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Empirismo e subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo: Editora 34, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1991.

_____. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Volume 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Volume 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

_____. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Volume 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

_____. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Volume 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DIÁRIO CATARINENSE. **Os jovens e a internet**. Encarte Donna. Florianópolis, 13.07.08.

DIÁRIO CATARINENSE RBS – Florianópolis – Correspondente de Londres - Pág. 24 – Dia 30.09.2001.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência – Gangues, galeras e o movimento hip-hop**. São Paulo: Annablume, 1998.

DOLTO, Françoise. **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

EISENBERG, José; CEPIK, Marco. (orgs.) **Internet e política**. Teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio do século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOLHA DE SÃO PAULO. 2002, 2007, 2008, 2009. Caderno Mais.

_____. Caderno Mais. **Blogs transformam a comunicação**. (Entrevista) Maio, 2006.

FOLHATEEN. Encarte semanário de 2ª feira da Folha de São Paulo. São Paulo: 1999 a 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. (15ª) Rio de Janeiro: Graal, 2000.

_____ **Vigiar e punir** - História da violência nas prisões. (16 ed.) Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

_____ **Ditos e Escritos I.** Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____ **Ditos e Escritos III.** Literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____ **Isto não é um cachimbo.** (2ª ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____ **História da sexualidade** - O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____ **As palavras e as coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREITAS, Maria V.; SPÓSITO, Marília P. (Orgs.) **Juventude em debate.** São Paulo: Cortez, 2000.

GARCIA, Wladimir. **Territórios virtuais.** In Revista Educação e realidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Ed. Junho/julho, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GROPPO, Luiz Antônio. **Juventude** - ensaio sobre a sociologia e história de juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GUARNACCIA, Matteo. **Provos** - Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo, Imaginário, 2001. (Coleção Baderna)

GUATARRI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica.** Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 6ª edição. 2000.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa:** crítica de la razón funcionalista. Madrid: Catedra, 1994.

_____. **Mudança Estrutural na esfera pública.** Investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo.** 2ª ed. São Paulo: Globo, 2001.

I.S. Situacionista - **Teoria e prática da revolução.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002. (Coleção Baderna)

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte.** São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

KEHL, Maria Rita. **Função fraterna.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

KRISCHKE, Paulo. **Juventude, ecologia e cultura política.** Florianópolis: EDUFSC, 2000.

KROPOTKIN, Piotr. **A anarquia** – Sua filosofia, seu ideal. Imaginário: São Paulo, 2000.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica.** 2 a. ed., São Paulo, 1995.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens.** Volumes I e II. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **As tecnologias da inteligência.** O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio.** Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio d'Água, 1983.

LEFÈVRE, Fernando: LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Pesquisa qualitativa levada a sério**. 2003. Disponível em endereço <http://www.fsp.usp.br/~flefevre/>. Acessado em 08.02.08.

. **O discurso do sujeito coletivo como superação dos impasses no procedimento de respostas a questões abertas**. 2006. Disponível em endereço <http://www.ipdsc.com.br/www.ipdsc.com.br/scp/showcat.php?id=8>>. Acessado em 09.01.08.

. **O pensamento coletivo como soma qualitativa**. 2004. Disponível em endereço <http://www.fsp.usp.br/~flefevre/soma%20qualitativa%209%20de20%fevereiro%20de...>>. Acessado em 22.01.08.

LEFÈVRE, Fernando: LEFÈVRE Ana M. C.; MARQUES, Maria Cristina da Costa. **Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização**. 2007. Disponível em endereço http://www.abrasco.org.br/cienciaesaudecoletiva/artigos_int.php?id_artigo=622>. Acessado em 09.02.08.

LEFÈVRE, Fernando: LEFÈVRE Ana M. C.; TEIXEIRA, Jorge. (Org.). **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa quantitativa**. Caxias do Sul. EDUCS, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. (Org.) **O corpo educado – Pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LYOTARD, Jean-François. **Peregrinações**. Lei, forma, acontecimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

LUCENA, C.; FUKS, H., SANTOS, Nilton. **Professores e Aprendizes na Web: a educação na Era da internet**. Rio de Janeiro: Clube do futuro, 2000.

LUDD, Ned. Urgência das ruas - **Black block, reclaim the streets e os dias da ação global**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002. (Coleção Baderna)

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo** – Vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

MATHEUS, Tiago Corbister. **Ideais da adolescência**: Falta (d)e perspectivas na virada do século. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**. Movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MENDES, Leila de Souza. (Trad.) **Distúrbio eletrônico**. São Paulo. Conrad Editora, 2001. (Coleção Baderna)

MURRAY, Janet H. **Hamlet no holodeck**. O futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo. Itaú Cultural. Editora UNESP, 2003.

NÓVAES, Adauto. (Org.) **Rede Imaginária** -Televisão e democracia. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

ONFREY, Michel. **A política do rebelde** – Tratado de resistência e insubmissão. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ORLANDI, Eni P. (Org.) **Discurso fundador** - A formação do país e a construção da identidade nacional. São Paulo: Pontes, 1993.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade**. Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2000.

PALOMINO, Érika. **A moda**. São Paulo: Publifolha, 2002.

PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

PELLANDA, Nize; MORIYA, Elisa. **Inclusão Digital: Tecendo Redes Afetivas – Cognitivas**. Rio de Janeiro: Editora DPA, 2005.

PIGOZZI, Valentina. **Celebre a autonomia do adolescente: Entendendo o processo de iniciação na vida adulta**. São Paulo: Editora Gente, 2002.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**. Comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RAMAL, Andréia Cecília. **Educação na cibercultura**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Teorias das tatuagens: corpo tatuado: uma análise da loja Stoppa Tatoo da Pedra**. Florianópolis: UDESC, 2001.

RECTOR, Mônica. **A fala dos jovens**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades virtuais**. Disponível em endereço [HTTP://www.pontomídia.com.br/raquel/teorica.htm](http://www.pontomídia.com.br/raquel/teorica.htm). Acesso em 23.05.2007.

. Disponível em endereço <http://virtualbib.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2666/RonaldLemoseVivianArtetecnologiailegalidadefuturodacriatividade.pdf?sequence>. Acesso em 12.10.09

RÉMOND, René. (Org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

REVISTA A INFÂNCIA NA MÍDIA - Pesquisa ANDI. Brasília - DF: Ano 7, n.12 mar/2002.

REVISTA A MÍDIA DOS JOVENS - Pesquisa ANDI. Brasília - DF: Ano 6, n.10 jun/2002 e 11 set/ 2002.

REVISTA A REDE. **Tecnologia para a inclusão digital**. ANO 2 - Nº 16 e 17 - Julho e agosto de 2009.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. **Juventude e contemporaneidade**. Número Especial 5 e 6. São Paulo: ANPED, 1997.

REVISTA CARTA CAPITAL. **Política Economia e Cultura**. São Paulo: Editora Confiança, Ano IX, n.232, 259 e 260, 2003.

REVISTA DE SOCIOLOGIA POLÍTICA. **Política e sociedade**. v.1, n.1, Florianópolis: UFSC: Cidade Futura, 2002.

REVISTA EDUCAÇÃO. **Hannah Arendt**. Ed. Nº 4. A educação em tempos sombrios. São Paulo: Editora Segmento, 2007.

REVISTA ÉPOCA. **Estamos ficando escravos da mídia?** Ed. Nº580. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.

REVISTA EXAME. **O poder da geração digital**. Edição nº 875, ano 40, 2006.

REVISTA EXAME. Edição nº 875 – ANO 40 – Nº 17 de 30/08/2006.

REVISTA INFO. Web 2.0. Ed. Nº 44. São Paulo: Editora Abril, 2008.

REVISTA ISTOÉ - GENTE. São Paulo, Três Editora, Edição n. 172, 18 de novembro de 2002.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Editora Abril, Edição n. 184 - Janeiro de 2003.

REVISTA VEJA. **Rede de bobagens**. Rio de Janeiro: Editora Abril, 2002-2009.

REVISTA VEJA. **Rede de bobagens**. Edição nº. 2105. Rio de Janeiro: Editora Abril, 2009.

REVISTA VEJA. **Os tiranos da internet**. Edição nº. 2119. Rio de Janeiro: Editora Abril, 2009.

REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, Ed. Nº 1718, Setembro de 2001.

REVISTA VEJA. Edição Especial Jovens. São Paulo: Editora Abril, n. 24, ago/2003.

REVISTA VIDA SIMPLES. **Em jogo a sua auto-estima**. Ed. 58. Rio de Janeiro: Editora Abril, 2007.

RIOUX, Jan Pierre *et alli*. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1997.

ROSS, Sir David. **Aristóteles**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

RUSHKOFF, Douglas. **Um jogo chamado futuro**: como a cultura dos garotos pode nos ensinar a sobreviver na Era do Caos. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1997.

SALLES, Catherine. **Nos submundos da Antiguidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

SANTAELLA, Leticia. **Estética**. De Platão a Peirce. São Paulo: Experimento, 1994.

_____. **Navegar no ciberespaço**. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

SANT'ANNA. Denise Bernuzzi. **Corpos de passagem** – Ensaio sobre a subjetividade contemporânea – São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno?** São Paulo: Brasiliense, 2000.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**. Intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

_____ **Paisagens imaginárias.** São Paulo: EDUSP, 2001.

SCHITTINE, Denise. **Blog: Comunicação e escrita íntima na internet.** São Paulo: Civilização Brasileira, 2004.

SENNET, Richard. **Autoridade.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

SERRES, Michel. **Atlas.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

SOUZA, Janice Tirelli Ponte. **Reinvenções da utopia – A militância política de jovens nos anos 90.** São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. **Juventude de papel - Representação juvenil na imprensa.** Maringá: ADUEM, 1999.

SULLOWAY, Frank. **Vocação rebelde – Ordem de nascimento, dinâmica familiar e vidas criativas.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

TAPSCOTT, Don. **Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da Geração Net.** São Paulo: Makron Books do Brasil, 1999.

TESES E DISSERTAÇÕES. Disponível em www.capes.gov.br, em 07.10.2009.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria** ou um planetário de erros. Crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TOFLER, Alvin. **A terceira onda.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

TURKLE, Sherry. **A Vida no Ecrã: a identidade na era da internet.** Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1997.

VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações.** São Paulo: Conrad, 2002. (Coleção Baderna)

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997

VERTON, Dan. **Diário hacker** - Confissões de hackers adolescentes. São Paulo: Editora Berkeley, 2002.

VEYNE, Paul. Do ventre materno ao testamento. In: ARIES, Philippe S. Duby, Georges (Org.) **História da vida privada**. Do Império Romano ao ano mil. v. IV.

VIEIRA, Liszt. **Os argonautas da cidadania** - A sociedade civil na globalização. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

VIRÍLIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Juventude, violência e cidadania**: os jovens de Brasília. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

WALTER, Nicolas. **Do anarquismo**. São Paulo: Imaginário, 2000.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**. Ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994.

6. ANEXOS

Contato com os blogueiros:

6.1 Entrevista.

Olá blogueiro (a),
Sou estudante do programa de pós graduação da UFSC - PPGE
(Ver currículo na plataforma lattes no endereço:
<http://lattes.cnpq.br/7736258495534921>), na linha de pesquisa:
Educação e Comunicação, e estou pesquisando sobre as
práticas realizadas nos *blogs* por jovens na contemporaneidade.
Gostaria de convidar-lhe a fazer parte deste projeto, onde temos,
entre os instrumentos da pesquisa, esta entrevista. Desde já
agradeço a colaboração, acreditando que as respostas serão
elaboradas com muita clareza, sinceridade e espírito de
colaboração próprio para o trabalho acadêmico.
Abraços.

Marilene Alencastro
Marilene @alencastro.com.br

1. Dados de identificação:

Sexo: () Feminino () Masculino Idade: () Anos

Cidade:..... Estado:.....

Instituição que estuda: () Pública () Privada

Grau em que estuda: () 2º grau () Universitário

Escreva o nome do curso:

2. Dê o seu conceito:

a) Quem são os jovens?

b) Como são os jovens hoje?

3. Com que objetivo você criou seu *blog*?

4. Há quanto tempo (meses-anos)?

5. a) Quais assuntos gosta de inserir no seu *blog*? Coloque em ordem de preferência de 1 a 8.

a. Filmes () Músicas () Poesias () Notícias ()
Curiosidades () Política () Informações () Sexo ()
Namoro () Drogas () Violência () Fotos () Lazer ()
Trabalho () Estudo () Passeios () Festas () Férias ()
Amizade () Família ()

b. Se necessário, coloque outros temas que insere no seu blog, por ordem de importância, desde que não tenham sido contemplados acima.

..... () () () ()

6. Qual a frequência com que atualiza o *blog* e o tempo gasto para fazer isso?

**7. Indique em qual destas categorias inclui seu *blog*.
(Apenas uma escolha)**

- () Política
- () Entretenimento
- () Arte e cultura
- () Educação
- () Esporte
- () Tecnologia
- () Pessoal
- () Outra categoria. Escreva qual?

8. Você se preocupa com o número de visitantes? Por quê?

9. Você se preocupa com os comentários que são colocados no seu *blog*? Por quê?

10. Você assina o seu *blog* ou mantém um pseudônimo?

11. O *blog* representa para você: Número um (1) para a resposta mais significativa e dois (2) a segunda mais importante.

- () Um meio para estar atualizado;
- () Um local para colocar as suas ideias;
- () Um diário íntimo;
- () Uma prática política;
- () Uma mídia passageira;
- ()

Outra.

Qual?.....

6.2. ENDEREÇOS DOS *BLOGS* PESQUISADOS.

Abaixo estão os 10 *blogs* que preencheram os requisitos, com cujos autores mantivemos contato e tivemos retorno.

Nome	Blog	Idade	Estado	Cidade	Instituição	Curso
Astrid	cibermundi.blogspot	23	PI	Teresina	Pública	História
André	arquivoinsolito.blogspot	22	MS	Campo Grande	Privada	Direito
Fábio	filiperemedios.blogspot	19	PR	Foz do Iguaçu	Pública	2º grau
Gustavo	Insoonia.blogspot	18	RJ	Rio de Janeiro	Pública	2º grau
Hilda	heloisaikeda. Blogspot – love me do	20	PR	Foz do Iguaçu	Privada	Jornalismo
Larissa	luciana marshall.blogspot- Lexotan	21	PR	Foz do Iguaçu	Privada	Jornalismo
Jéssica	guriasmulheres blogspot	16	SC	Palhoça	Pública	2º grau
Renato	insanidadepsicodelica.blogspot	21	PA	Belém	Pública	C. Sociais
Luciana	srpersona. Blogspot	23	MG	Belo Horizonte	Pública	Filosofia
Vinicius	zaratustratemquemorrer. Blogspot	21	PR	Londrina	Pública	Direito

6.3. PÁGINAS DOS *BLOGS* PESQUISADOS:

1. Insanidadepsicodelica, do Renato.



2. Guriasmulheres, da Jéssica.



3. Zaratrustatemquemorrer, do Vinicius.



4. Cibermundi, da Astrid.



5. Heloisaikeda – ou Love Me Do, da Hilda.



6. Arquivoinsolito, do André.



7. Filiperemedios, do Fábio.



8. Lucianamarshall ou Lexotan, da Larissa.



Obs: Quando salvamos as páginas dos blogueiros pesquisados, as de Gustavo, do *blog* Insoonia, e Luciano, do *blog* Srpersona, haviam sido deletadas da rede. Assim, ficamos sem suas imagens.